

DOMINGOS M. DA SILVA

ENTRE
HOMEM E CAVADO



AMARES
E
TERRAS DE BOURO

DOMINGOS DE OLIVEIRA

MONOGRAFIA

MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

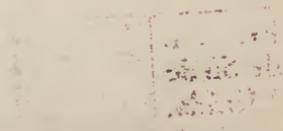
DE AMARES

II VOLUME

Ex. n.º 1173
de 11 de
Abril de 1913

AMARES

MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARÉ



DOMINGOS M. DA SILVA

BOURO 15.º PARAL

MONOGRAFIA
DO CONCELHO
DE AMARES

II VOLUME

F. de Saúde Mirada.	registo n.º	19134
	data	25.10.2016
	hora	
FLR/ADU 908(469.112)		SIL Amares

AMARES

— 1959 —

BOURO (S.^{TA} MARIA)

Quem vai para o Gerês, passando Amares e Figueiredo, quando a estrada começa a serpentear mais acentuadamente e o quadro da natureza a transformar-se no sistema dos montes que se avolumam e impõem cada vez mais sobranceiros, ora revestidos do tom verde-escuro dos pinheirais, ora descarnados a mostrar a ossatura gigantesca dos rochedos pelas eminências, descobre já à distância, a sobressair da profundidade do vale, a grande fábrica do Real Mosteiro de Bouro.

A ansiedade de admirar de perto este velho e histórico monumento cresce, à medida que se vai aproximando. Tem presença majestosa.

Ao cimo de ampla escadaria, do adro lageado de pedra levanta-se a fachada do espaçoso templo de oito naves, contando com as do transepto.

Ao alto, entre as duas torres, o escudo nacional das quinas e castelos, unido a par com o de Cister; mais abaixo as estátuas de S. Bernardo e de S. Bento, os mais eminentes patriarcas da vida monástica.

Da direita, formando ângulo, desprende-se a enorme frontaria do convento, em que avulta, em monumental galeria de estátuas, logo em primeiro plano de fiada o grupo da Sagrada Família, com a legenda esculpida: MATER CISTERCIENTIUM ORA PRON OBIS.

Segue-se a estátua de D. Afonso Henriques, de joelhos e mãos postas, fitando o céu, único monumento a consubstanciar na pedra a aparição de Ourique, tendo sobre a cabeça, em listel ondulante a legenda: «AOS INFIEIS SNR». Sublinhada, como as restantes, por inscrições latinas gravadas e avivadas em lápides sobressalientes da espessura da empena: 1.ª ALFONSUS COMES PORTUGALIAE EXCELSUS.



D. Afonso Henriques «Evocação do Milagre de Ourique»

Depois o mesmo de pé, como as demais, intervaladas de portas e varandas para o terreiro: 2.a—«ALFONSUS I.US HUIUS DOMUS REGNIQUE FUNDATOR».

Agora as legendas denunciam os reis cujas estátuas sublinham:

3.a—«SEBASTIANUS I.US A COMENDATARIIS LIBERATOR».

4.a—«DIVIDITUR CORONA HENRICUS I.US A GALLIS LIBERATOR».

5.a—«IN 6.a GENERATIONE ATENUATA REI PIAE JOANES 4.US RESTITUTOR».

Penetrando no templo, verifica-se na maior parte da sua fábrica o estilo D. João V, século XVIII, a começar pelo imponente altar-mor, todo doirado, com um rico reposteiro de damasco floreado, do tempo dos frades, a tapar o arco da tribuna.

O altar fica avançado dela e é guarnecido de frontal de seda, com galões de lhama de prata em pequenos rectângulos.

Em seus lugares, à parte do Evangelho e da Epístola; respectivamente as imagens de S. Bernardo e de S. Bento.

Cinco grandes painéis, com artísticas molduras doiradas, pendem das paredes da capela-mor representando um deles S. Bernardo de joelhos diante de N. Senhora, a receber jactos de leite, de que se alimentava espiritualmente, o *doctor melifluus*.

Junto do altar, duas credências de pau santo, estilo D. João V.

Do lado do Evangelho, sobre o cadeiral, esculpidas em madeira, em alto relêvo, cenas da vida de S. Bernardo; por cima está o corêto, donde se retirou o órgão grande para o Senhor do Monte.

Do lado da Epístola, igualmente esculpidas em madeira, cenas da vida de S. Bento.

No transepto, do lado da porta que comunica com a sacristia, uma estilizada pia da água-benta-românico, com arabescos, metida no ângulo com o arco-cruzeiro.

Sucedem-se os altares laterais: na parte do Evangelho, ao transepto, com um enorme quadro da Ressurreição; e por baixo, encaixado no altar, o esquite com o Se-

nhor Morto, de cartão «pierre», que lhe dá leveza, cabelo natural e dentes de marfim; debaixo da mesa do mesmo altar, forma de urna, onde antigamente se guardava o esquite.

Nas restantes capelas até à porta do fundo, que se comunicam por passagens laterais, primeiro a de N. Senhora do Rosário, que foi até 1834 a matriz da freguesia; depois da expulsão dos religiosos passou a ser todo o vasto templo.

É a única que tem imagem de madeira da sua invocação: todas as outras são providas de artísticas telas, cada uma da sua respectiva dedicação: 2.ª de S. Bento; 3.ª da Sagrada Família, representada a rigor, segundo o traje e os legítimos costumes orientais.

Do lado da Epístola, ao transepto, donde se passa à sacristia, o altar com o quadro da Assunção, tendo encaixado o esquite com N. Senhora da Boa-Morte.

Nas capelas, 1.ª o da Imaculada Conceição; 2.ª o de S. Bernardo, 3.ª de S.º António.

Quer a uma parte quer a outra estas pequenas naves são defendidas por artísticas balaustradas de madeira do corpo da igreja.

Nos espaços dos arcos de nave, as estátuas dos apóstolos evangelistas; na fronteira ao púlpito, a de S. Luís, rei de França.

Entre a igreja e a sacristia medeia um atrio lageado e ricamente abobadado, o qual dá serventia a todas as dependências conventuais, inclusivamente para o andar superior, por ampla escadaria de pedra, com amparos de ferros forjados da primitiva; e a meio dela, um patamar embelezado por monumental «lavabo» em cujo alçado se lê a era de 1718.

Passava-se daí à barbearia conventual, onde o rev.^{mo} Arcipreste e reitor de Bouro tem muí acertadamente planejado instalar agora residência paroquial.

Dava igualmente para a capela privativa do dom abade, a qual ficava sobre a sacristia; ficou inteiramente desmantelada, quando o respectivo altar dali foi retirado, há umas dezenas de anos, para se adaptar a uma capela particular, no lugar da Lama da freguesia de Santa Marta.

É curioso que o tabique em que se apoiava, para

não pesar sobre o tecto da sacristia, fora cheio, como pode ver-se, a blocos de cortiça, que ainda se encontram em magnífico estado de conservação.

A sacristia, que se conserva em estado quase impecável, é a melhor, a mais admirável peça de todo o conjunto conventual; um verdadeiro mimo de arte, certamente único.

Uma vasta quadra, dividida por dois arcos, guarnecidos de pinturas primitivas, e que partem de uma elegante coluna firmada ao centro.

Rodeada de pesada correnteza de gavetões, de pau santo, com artísticos puxadores e encrustações de latão, esmeradamente trabalhado, assim como um riquíssimo contador encaixado na parede.

Dos gavetões para cima toda forrada de painéis de azulejos século XVIII, representando a vida de S. Bernardo.

O tecto em caixotão, com delicadíssimos ornatos e pinturas de fundo, em diferentes gostos, ostenta versículos latinos da Bíblia, alegóricos à vida de N. Senhora.

Suspensas das paredes, algumas interessantíssimas telas de N. Senhora, em pequeno formato e muito bem emolduradas.

Também se encontra aqui um retrato a óleo do famoso missionário apostólico Sousa Teixeira, mais conhecido por «Padre João do Cano».

Do riquíssimo tesouro que possuiu em paramentos e alfaias religiosas, e do descaminho que levaram, já se tratou em devido lugar, ficaram do tempo dos Religiosos apenas três boas «capas de asperges».

Sobre duas mesas de pedra, cada uma sobre sua coluna, à direita e esquerda da porta, duas imagens de madeira, de boa estatura, que para ali foram transferidas do interior do templo.

Além da conhecida cadeira abacial, que se encontra junto do altar-mór, está na sacristia outro specimen não menos valioso, amplo assento e costas forradas de veludo sobre couro, e o primitivo cravejamento, obra do primeiro quartel do século XVII.

O cíaustro, todo lageado de sepulturas é atravessado no sentido E. O. por considerável caudal do ribeiro que desce de Paradela de Frades e passa pela cozinha

conventual. Dele derivava um ramal que servia de auto-clismo permanente às sentinas conventuais e seguia o destino das propriedades anexas ao mosteiro.

Desapareceu totalmente a grande faixa de azulejos que guarnecia a toda a volta as paredes do claustro.

No topo do nascente está a porta para a que foi «sala do capítulo», uma basta quadra, toda retalhada de sepulturas, em cujas tampas se observam duas e três datas esculpidas, com distâncias de perto de 20 anos, e seriam os registos em que ali se fizeram inumações e dos religiosos a que se referiram, correspondendo-lhe caderno existente no cartório do mosteiro.

As ossadas foram retiradas para o cemitério, uma vez que estes valores passaram a andar por mãos profanas.

Também lhe arrancaram inteiramente a faixa de azulejos; conserva-se a toda a roda uma série de bancos de pedra.

Defronte, ou seja no topo de poente, a botica dos frades, com artística portada e belo alçado de boa cantaria

A cozinha e o refeitório, a E. são espaçosas dependências e as que acusam maiores ruínas. Ainda está no refeitório o púlpito de pedra, reservado ao leitor.

Saindo do claustro ao adro de pedra, e descendo pela escadaria ao terreiro, entra-se pela porta principal para um basto rocio limitado por duas salas do edificio; à esquerda a que abrange a grande massa das dependências descritas; à direita as instalações que foram privativas do dom abade.

No andar térreo, o celeiro e arrecadações, a última porta para o terreiro era de serventia para a tulha, onde se descarregavam os proventos de muitos foros e rendas.

No lugar da Obra existe ainda a chamada «Casa da renda», com as armas reais.

Na face da igreja que fica voltada a N. para a estrada, pode apreciar-se externamente a primitiva traça do «românico»; fecharam-se as estreitas festas e rasgaram-se as largas janelas envidraçadas.

A capela-mór e torres foram-lhe adicionadas no século XVIII, em que se verificou a grande remodelação por

que passou todo o mosteiro, para logo cair tristemente em tanto abandono.

Deste lado, ao tempo que se fez a transferência do cemitério para trás da igreja, foi descoberta uma série de sepulturas cavadas na rocha, antropomorfas, isto é, com a forma do corpo humano. Em uma delas, encontrou-se um esqueleto bem conservado.

Estavam cobertas por pequenas lousas de pedra, eram supulturas cristãs, possivelmente do tempo dos Romanos.

Diz-se, com bem fracos fundamentos, que neste mosteiro foi sepultada D. Maria Pais de Ribeira, por lhe pertencer parte do seu padroado; outros dizem que foi em Grijó, onde se encontram alguns dos filhos que dela teve Sancho I.

Rigorosamente nada se pode concluir do destino que tiveram os despojos mortais da tão formosa e discutida *Ribeirinha*.

* * *

Santa Maria de Bouro fica situada no vale do Cávado, ameno e fértil, pela encosta dos montes da Abadia.

Realiza-se aqui uma feira quinzenal, às sextas-feiras, que serve de modo especial os povos dos montes.

Do respectivo «Livro dos Capítulos» transcrevem-se certos precedentes à desanexação desta da de Santa Marta:

«Os mesmos moradores de Paradela, no prescrito termo de seis meses, farão hum caminho capaz, até ao Ribeiro, de sorte que por elle se possam conduzir os cadáveres e lhe desviem as águas, para o que concorrerão igualmente todos os moradores, assistindo cada hum nas suas respectivas testadas, o que cumprirão, não obstante o letigar-se se os ditos moradores devem ser fregueses nesta freguesia ou na de Sancta Martha, pois em qualquer que o sejam, precisão de que se faça o dito caminho e isto cumprirão no termo já prescripto e debaixo da mesma pena de mil réis.

Os mesmos moradores, mandarão fazer hum livro que o Rev. Pár.co numerará e rubricará, no qual se de-

clarem as esmolas que se receberem, e no fim de cada ano se apresentará este Livro ao Rev. Par.co para assinar a conta que der o thesoureiro, e isto cumprirão no termo de quinze dias.

Em acto de Visita me requererão os moradores de Paradella, Abadia, Dornas e Lordello que querião se lhe desse o Esquife desta freguesia q.do morrer algum dos mesmos moradores, e se lhe toque o sino da mesma freg. pagando elles o que lhe tocar. Mando que, emq.to forem fregueses nesta freg., assim se observe.

L.(eia-se) P.(ublique-se) passe cert.am.»

(a)—Domingos José de Paredes.

«O Rev. Pároco não publique o capítulo pertencente a dar-se o Esquife e fazer-se signal e tocar-se o sino desta freg. p.^a os defunctos de Paradella, Dornas, Lordello e Abadia, porquanto fica suspenso o seu effeito, até de terminação de Sua Ex.a Rev.ma.

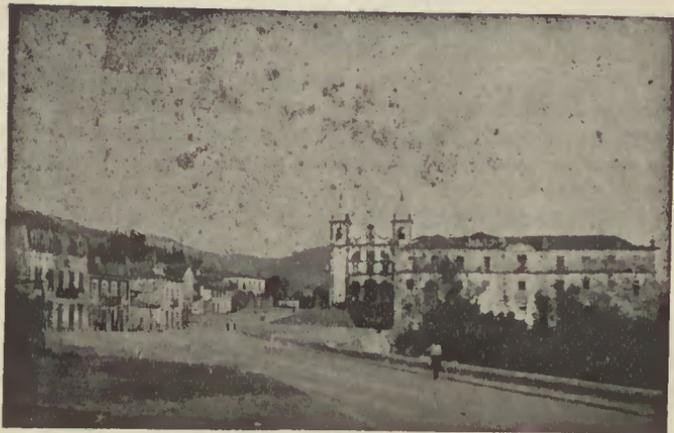
(a)—Domingos José de Paredes.

«Li e publiquei na forma do estilo.

(a)—Fr. José Huet.

«João Cabral Soares d'Albergaria, Conego Prebendado na S.ta Igr.^a Primacial, Visitador das Igr.^{as} da Vizita de Entre-Homem e Cávado, e Valle de Tamel, por nomeação de S. Ex.a Rev.ma e eleição de S.S.^{as} o Ill.mo Cabido da mesma Sancta Sê de Braga, Primaz das Hespanhas, etc

Faço saber q. em virtude do contracto q. com promissão de Sua Ex.a Rev.ma, do Ill.mo e Rev.mo Cabido, e do Rev.mo P. D. Abb de deste Most.o o de Bouro, celebrarão com o dito Mosteiro e Religiosos delle os moradores dos lugares de Paradella, Abadia, Lordello e Dornas, q. se dezanexarão da freg. de S.ta Martha de Bouro aonde erão fregueses, e unirão a esta de S.ta Maria do Most. o de Bouro por escriptura publica Lavrada na notta do Tabellião José da Cunha, aos vinte dias do mez de Agosto do Anno Mil e setecentos noventa e seis, viz:tei pessoalmente esta no-



Convento de Bouro e Largo do Terreiro

va e erecta e Parochial Igreja de Sancta Maria o Mosteyro de Bouro, aos dezanove dias do mez de Julho do Anno de mil setecentos noventa e sette annos, em presença do M. R. do Fr. José Huet, Prior Regular do dito Most. o e Vig. o della, clero e da mayor parte dos fregueses, fiz a procissão dos Defunctos, Vizitei o Sacrario do S. mo Sacramento, S. tos Oleos, Pia Baptismal, Ornamentos, e tudo o mays pertencente ao culto divino, em acto de vizita, e provendo no espiritual, e temporal ordenei o seguinte:

O R. do Par. co cumpra em tudo, e faça cumprir os cap. os das Vizitas passadas q. não estiverem ainda revogados nem por mim o forem na presente vizita, como tambem as Constituições Diocesanas, Pastorais e mays cousas determinadas por Sua Ex. a Rex. ma e já escriptas e capituladas na Vizita ordinária q. por parte do dicto Ex. mo e Rev. mo Snr. se fez nesta Igr.ª em o dia doys do mez de Junho próximo passado, do corrente anno de 1797.

Lea, publique e passe certidão na forma do es-tillo.

*(a) — João Cabral Soares d'Albergaria.**

Bouro teve o seu foral antigo ou carta de couto, concedido por D. Afonso Henriques, em Outubro de 1162 ao abade D. Paio Nunes, e é o que vai a seguir. No decurso do tempo foi-se ampliando até formar o extinto concelho de Santa Marta, a que D. Manuel deu foral novo e há-de transcrever-se nessa freguesia.

«In nomine patris et filii et spiritus sancti amen ego alfonsus rex portugalensium Concedimus itaque vobis ipsum cautum sicut incipit a flumine cadavo, deinde vadit per trandeiras et inde per refoiols et inde per illam petram de lodeiros et inde per leigoa et inde per petram redondam que state super sanctum bartolomeum et inde per spicam ipsius montis et descendit ad ipsum portum de bauza de maria et inde per illum cavalionem et inde per fornmaum et inde per arnadelum et inde per ipsam stratam et inde per pelrosum et inde per ubi vocatur capelum de frade et inde per ipsam portelam damenedelum et inde per castrum malum et inde per aural deguas et inde

per antelinam et inde per escuriscadas et inde per forinigerium et inde per molam de burio et inde per varzenelam et inde per pradozelos et inde portelam de paradela et inde per taurum de laureiro et inde per spicam montis usque ad flumen cadavi, et inde vadit per median venam fluminis usque inde primam fecimus incoationem. . . . »

O notável interesse do primeiro monarca português por Santa Maria de Bouro está manifesto nas frequentes doações que lhe fez.

Em 15 de Agosto de 1153 tinha doado ao abade D. Nuno e ao seu Mosteiro, a décima do sal de Fão:

« facimus vobis abbati de burio domno Nunioni et omni conventui ecclesie vestre cartam donationis et firmitudis de decima de illo sal qui vocatur devila fano. »

Em Outubro de 1174, sentindo já o peso dos anos e dos muitos trabalhos, faz doação ao abade D. João e ao mesmo mosteiro, de um reguengo em Goães e de metade de outro em Santa Marta:

« pro mea parentorum que meorum salute tepro meorum peccatorum remissione do deo et ecclesie sancte marie de burio et eiusdem loci abbati iohanni ceterisque fratribus ibidem sub regula beati benedicti (?) totum meum realegum de Goianes et medietatem mei regalengui de sancta martha iure hereditario. »

Bouro foi, como se tem insistido, outrora cabeça de grande distrito; e é o caso que, fazendo D. Afonso Henriques, ainda príncipe dos Portuguezes, carta de testamento e firmidão ao Arcebispo D. Paio e à Séde Braga, da Terra de Regalados por cinquenta marcos de prata e um óptimo cavallo, em 20 de Julho de 1130, ali se encontram com limites comuns:

« da terra ou dicitur regaladas cum omnibus suis locis et terminis antiquis per ubi illos invenire potue. ritis, sicut dividitur cum buiro et sancto felice e inde sicut dividitur cum prato et penella el cum agnob ega »

Próximo das Caldas da Rainha, também o convento possuía um «praso» que incidia sobre um monte e ainda hoje se chama serra do Bouro.

D. Sancho I deu-lhe mais sete freguesias na Vaccariça, em Trás-os-montes, a saber:

Santa Comba, Bemlhevai, Trindade, Vilarelhos, Santa Justa, Oucisia e outra, nas quais D. Abade apresentava os respectivos párocos.

* * *

Padroeira, N. Senhora da Assunção.

Foi vigairaria da apresentação do dom abade; depois passou a reitoria.

Compõe-se dos seguintes lugares: *Convento, Cabeceiros, Adegueiro, Cêrca, Larangeira, Tomada, Obriinha, Portozinho, Calçada, Obra, Cruzeiro, Cano, Boavista, Meloal, Calçada da Tomada, Carrascal, Ferraria, Soalheiro, Eira Grande, Terreiro, Enchido, Chantado, Ponte, Dornas, Lordelo, Paradela, Abadia.*

Em 1706 tinha 60 fogos; não se lhe haviam unido ainda os lugares atrás referidos.

Em 1875 contava 246 fogos, com 986 almas; presentemente atinge os 342 fogos com 1.515 habitantes.

Além do Santuário de N. S.a da Abadia, há na freguesia as capelas de N. S.a do Livramento em Dornas, que dispõe de paramentos próprios e alfaias do seu culto; a de N. S.a da Saúde em Lordelo; e a de S. Bento no lugar de Paradela. A Confraria do S. S. Sacramento é antiquíssima, como se conclui pelo extracto seguinte do respectivo «livro de estatutos».

«Frei Francisco de Castro-Dom Abade do Real Mosteiro de Santa Maria de Bouro, Snr. Donatario e Capitão-mor de seos Covtos, etc. Conciderando como Juiz Apostolico da Confraria do S.S. Sacramento erecta no anno de 1551 na Egreja do dicto Mosteiro por Bulla do S.mo P.e Paulo 3.o expedida de 30 de Novembro de 1539, que se acha no Cartorio do mesmo Mosteiro. que não hã Confraria sem que tenha Estatutos jurados p.a a sua observancia por honde se governem... E atendendo que as desposições de meo antecessor não tiveram efeito, ordenamos emandamos por ora o seg.te enquanto não damos maior providência ao governo desta Confraria» e seguem os estatutos.

Há provas seguras de que a Confraria de N. S.a da Abadia já existira anteriormente, no entanto teve nova erecção canónica em data de 13 de Agosto de 1886. É dirigida por uma Mesa eleita trienalmente, tem capelão privativo que corresponde ao antigo ermitão.

O benemérito Francisco Manuel da Silva, natural de Santa Marta, possuidor de uma razoável fortuna, especialmente no Brasil, nomeando herdeiros em seu testamento de 8 de Setembro de 1905, instituiu esta Confraria como única e universal herdeira do remanescente da sua herança, para fundação de um partido médico e de uma farmácia na freguesia da sua naturalidade, para prestação gratuita de serviços clínicos e fornecimento de medicamentos aos pobres de seis freguesias limitrofes: Santa Marta (se- de) Santa Maria, Goães, Sampaio, Vilela e Paredes-Secas.

A maior festividade é a de N. S.a da Assunção, sua padroeira; é precedida das solenidades da *romagem* que vão de 10 a 15 de Agosto e celebram-se no Santuário de N. S.a da Abadia.

Também aí se realiza a festa chamada da «Goma» no domingo de pascoelo.

Na 2.a feira da Páscoa é a romaria de Dornas: a de Lordelo no 3.o domingo de Maio.

A populosa freguesia de Santa Maria de Bouro foi-se constituindo em datas posteriores às das Inquirições e à custa da de Santa Marta, por isso que nenhuma referência aí se encontram que lhe respeitem.





Desenho da vista geral do Santuário da Abadia



Figure 1. (Caption text, illegible due to blurriness)

ABADIA

Ao atingir este padrão venerando, muito mais que milenário, da Cristandade peninsular, tem forçosamente de se prender por momentos a atenção a este lugar, a inquirir da sua profundidade e da sua proeminência em relação às demais igrejas que se estendem à sua volta.

Autores sagrados e profanos da história eclesiástica ao debaterem este ponto, que consideram nebuloso — o da origem e formação das igrejas e paróquias rurais, apelam para o que se teria passado neste recanto do noroeste peninsular, durante o largo período de grave agitação que a Igreja atravessou desde os primeiros séculos até relativa pacificação.

Conhece-se de sobejo o longo calvário de sofrimentos, dificuldades e perseguições que Lhe embalsamaram o berço; que os cristãos suportaram por toda a parte já no tempo do Império (sec. I-IV); com a invasão dos Bárbaros e sob o domínio suévico e visigótico (sec. V-VII); ao expiar das maiores amarguras, com a invasão mulçumana e sob a sua dominação até à Reconquista (sec. VIII-XI).

Pois a este lugar, sob todos os visos eminente e altíssimo, em terras de Entre Homem e Cávado, há vestígios seguros de ter chegado também a onda de todas essas opressões, em maré cheia dos grandes cataclismos que atormentaram as incipientes sociedades cristãs, quando os seus membros dispersos e aflitos se refugiaram pelos montes para conservarem, com a vida, a jóia incalculável da sua Fé.

Se os historiadores têm abordado o citado problema da organização paroquial de modo vago, inculcando-o e dando por satisfeito com o que se averigua dos princípios destas maravilhosas aldeias do norte de Portugal, na maior parte bem mais antigas do que Ele, será com a aju-

da da Senhora da Abadia e em torno do seu vetusto Santuário que, sem a menor subserviência em opiniões que se cruzam, agora se pretende continuar o assunto que de modo mais genérico se tomou na introdução desta última parte da Monografia e o seu remate para aqui ficou expressamente reservado.

* * *

O povo romano foi, por indole própria, o mais acomodado aos regalos das cidades e exerceu, mesmo pela força, a maior atracção aos grandes centros, sobre os povos conquistados.

Com esta política, contribuiu de longe, inconsciente e providencialmente, para os primeiros movimentos da Acção Apostólica que de modo especial se dirigiu às mais classificadas cidades do tempo.

Os *pagos* — aldeias, continuariam a esperar a sua hora de evangelização; e, embora estivessem predestinados para serem os focos da mais acrisolada crença, *paganos* — pagãos, havia de ficar por termo consagrado a todos quantos vivem à margem da Religião.

O admirável Rossuet, quando escrevia ou discursava sobre a história universal, tinha sempre em vista e apon-tava os eternos desígnios de uma Providência que tudo governa; depois criou-se uma filosofia da história, que su-pôs os acontecimentos como causa e efeito de outros tais, sem considerar que Deus muitas vezes escreve direito por linhas tortas e de causas funestas tira consequências benéficas.

E a perseguição que através dos agentes da Roma imperial chegou a todas as cidades, fazendo vítimas e mártires, obrigou os cristãos a abandoná-las, a estabelecer os primeiros contactos com a rusticidade pagã, catecumenizando-a, arrancando-a às trevas da ignorância.

Procurando mais seguros refúgios para o livre culto dos mistérios da Santa Religião pelos lugares desertos e solitários — *ermos*, no convívio de povos campezinhos, cujas almas virgens mais facilmente se deixavam acorrentar pela eloquência do Verbo, multiplicaram-se os *ermitérios* e as *abadias*, células fundamentais da futura organização paroquial.



Senhora da Abadia

Quando para esta fórmula de vida das primeiras sociedades cristãs sobreveio uma nova prova da sua constância, com a invasão dos Bárbaros (411), refere a história que então só a pureza da *caridade evangélica*, que já havia abrandado os corações, amorteceu esse primeiro choque evitando que naturais e invasores se devorassem como feras.

Por seu turno, estas tribus bárbaras de forma alguma se ajustavam ao viver das cidades; pelos seus hábitos era-lhes natural a vida dos montes e dos campos cujas populações entraram em considerável melhoria de condições sociais, ao seu advento.

Cada vez mais se desertou das cidades e povoaram os *ermos*; através de múltiplos cenóbios e pequenos mosteiros a vida eremítica tornou-se particularmente intensiva por estas propícias paragens de Entre-Minho e Douro.

A Providência deparou um grande prelado bracarense, Martinho (556), que nesta crise revelou o grande poder das suas virtudes e do seu fecundo apostolado.

A vida monástica esteve no primeiro plano da sua missão apostólica; às populações cristãs de muitas igrejas dispersas pelos montes e pelos campos dedicou um de seus mais notáveis trabalhos: *De correctione rusticorum*.

E eis a razão por que uma nova mutação se operou nos factores da Evangelização, quando ela inundou com a sua luz todos os meandros de um *paganismo* latente que derivava da obra da romanização.

Mas o soberano retiro da Religião, o seu ponto nevrálgico por excepcional posição estratégica, quando as condições de segurança e defesa não eram vantagens a desprezar, foi esta Abadia-Mãe, abadia das abadias rurais, abadia por excelência.

Presidiu a todo esse notável incremento da vida ascética e eremítica nas «nossas Espanhas»; a história da Igreja não pode deixar de celebrar este padrão inolvidável dos seus tempos heróicos mas difíceis de outras eras e as terras de Entre-Homem e Cávado, que têm a merecida honra de possuí-lo em seu seio, jamais o esqueceram nem esquecerão, quando por justa iniciativa e medida que os seus povos por natural instinto a si próprios prescreveram, ali concorrem todas as suas igrejas a render-lhe solememente preito e vassalagem.

* * *

A traição do bispo Opas e do conde Julião abriu as portas da Espanha à maior das convulsões que a sacudiu de ponta a ponta (711).

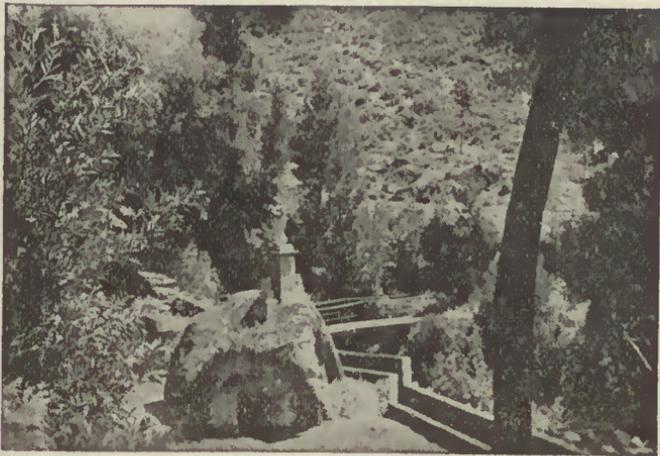
Os sobreviventes das hostes cristãs de D. Rodrigo refugiaram-se com o nobre Pelágio pelos montes, e do cimo do Auseva os «cavaleiros da cruz» opuseram às hordas mulçumanas o nome de Santa Maria como o mais forte baluarte da Espanha.

Dos mais consagrados centros da vida eremítica partiu o grande movimento da sua libertação; então é que a Fé passou a ser chama viva que ardeu sem se ver!

E tem vindo então um bom número de estudiosos portugueses e espanhóis a debater cada vez com mais afinco os problemas — se as instituições religiosas de Entre-Minho e Douro se mantiveram ou sofreram descontinuidade, através do longo período da Reconquista, cheio de alternativas e de perplexidades; se a Cristandade bracarense se deve ou não confessar devedora de uma hospitalidade que lhe seria prodigalizada à sombra do *Christianos secum ad patriam duxit* de Afonso I das Astúrias.

Que os príncipes cristãos não tivessem dispensado em meio das suas hostes e campanhas a presença calorosa dos prelados bracarense, nos precedentes do que sempre foi em tais apuros, a sua dupla e alta missão de pontífices e guerreiros, é tão natural como aceitável; porém, que as populações cristãs arredassem pé do seu meio e se internassem nas Astúrias, à procura de melhor refúgio do que a Providência lhes concedera, como acentua João de Barros e já se referiu, é contrário a toda a lógica e volume dos acontecimentos, que provam quanto as rivalidades políticas recrudesceram de muito fundo neste «campo entrincheirado» da Espanha em que se quebrou, toda a fúria das investidas árabes até ao firme propósito que sempre animou os seus habitantes — o da obtenção e conquista de uma autonomia nacional.

Antes se verifica desde muito cedo a transposição para esta linha avançada de destacadas personagens da dinastia ásture-leoneza, no colmilhar de tantas torres e



Gruta da Aparição

solares de que se foi fortificando; e vieram assimilar os mesmos ideais e as mesmas fortes esperanças.

De modo algum as populações rurais se rarefizeram, tornaram-se pelo contrário, mais compactas.

Diga-se mesmo em abono da verdade, nunca se atingiu pelas aldeias uma sociedade tão perfeita e completa; tão unida em sólida estrutura, entremiada de clero nobreza e povo, a produzir uma liga que se pode aferir pela rija tèmpera dos varões de Entre-Minho e Douro, em cujo ânimo se radicou de longe uma consciência de Nacionalidade.

E todas essas vicissitudes da vida das primeiras sociedades religiosas são relativamente fáceis de encadear na história dos acontecimentos que lhes serviram de causa; impossíveis, contudo, de descrever no longo calvário da sua penitência e sofrimento.

Voltemos a Abadia e preste-se atenção ao autor do «*Santuário Mariano*» que, referindo-se-lhe a pág. 33 do 4.º volume, vem em defesa desta tese.

Atribui a filiação deste antiquíssimo mosteiro aos eremitas descalços de S. to Agostinho, antes que os moiros o descobrissem e arrasaram em 726, acrescentando que os prelados bracarenses aqui encontraram refúgio durante a perseguição agarena; e que em 883 o terreno que fora mosteiro, com alguns edifícios para a defesa dos arcebispos, estava unido à Sé de Braga, sob o título de «Convento das montanhas», ou antes, estava nele fundada a Igreja de Braga com os seus retirados bispos.

Tempos de descomedida turbulência, mal azados, a crónicas e narrativas históricas que perpetuassem até a memória de grandes acontecimentos, ocorrem por vezes circunstâncias que levam a reatar o fio das tradições; e é o caso que aponta o padre Matos Ferreira a pág. 62 do seu manuscrito «que muitas pessoas estudiosas tinham por incrível que neste lugar, onde agora está o Santuário da Abadia, existisse outrora um mosteiro de monges de S. Bento que fora arrasado pelos mouros, vista a falta de espaço daquele sítio entalado entre duas montanhas; no entanto, quando no ano de 1725 os pedreiros abriram na frontaria da dita igreja os alicerces para o novo frontisfício e torres, acharam, trinta palmos debaixo da terra, mui-

tas pedras lavradas do antigo edificio e também muitos ossos de corpos mortos, os quais deviam ser dos monges que naquele convento então residiam; que de tudo isto foram testemunhas o rev. do Padre Fr. Rodrigo de Sousa administrador que foi da igreja da Senhora da Abadia e o Padre hermitão da mesma Senhora e todas as mais pessoas que viram abrir os alicerces».

* * *

No primeiro quartel do século XII, quando a supremacia da Causa cristã era já um facto consumado, embora cheio de hesitações, a Senhora da Abadia guiou até junto da sua gruta os passos de um fidalgo penitente, para se lhe mostrar e fazer dele o restaurador deste Santuário.

Fundos motivos insondáveis atraíram aqui uma torrente de simpatias dos povos de Entre-Minho e Douro e até da Galiza: desde as póvoas do mar aos pincaros das serras uma familiar devoção sempre os fez volver para este lugar solitário os olhos e as preces nos momentos de aflicção.

Altar principal e comum, desde o momento que se constituiu esta lusa «Tebaida», não se esqueceu de implorar a sua protecção o príncipe Afonso Henriques, quando a caminho de Vale-de-Vez conduziu os Portugueses a representar uma atitude decisiva que exigiu o testemunho e o valor das espadas.

O seu dia é o dia maior de Entre-Homem e Cávado; representavam-se outrora as Câmaras a selar com sua presença a velha fraternidade deste povo que nos momentos solenes sempre se achou unido.

E a Senhora da Abadia é sempre a mesma, acarinhada por sucessivas gerações que se curvaram a seus pés e receberam os seus favores, espreita sorridente lá do fundo do seu vale agreste para toda esta obra de redenção que viu nascer.

* * *

Quando os sentimentos da religião e do patriotismo andavam profundamente aliados, prestando-se mútuo auxílio, pois onde se encontrava a cruz também lá estava a espada do guerreiro incendiado de Fé para defendê-la, foi tomando bases muito sólidas o sistema dos *pa-*



Cruzeiro e Santuário da Abadia

droados e das colações que conferiam, mesmo a entidades e corporações laicas, o direito da nomeação de clérigos para as igrejas; e foi favorecido pelas instituições feudais.

No decorrer do tempo esses laços e essas relações afrouxaram ao ponto de uma formal e violenta separação, à medida que os estados se foram emancipando de uma tutela que consideraram caduca e ridícula, se bem que os amparou ao nascer e na glória crescimento.

Por imposições ora mansas, de forma a satisfazer particulares circunstâncias de populações que se lhes filiaram, ora violentas como a de 1834, vai-se assistindo à secularização de muitos desses primitivos ermitérios, evoluindo sob a clássica designação de abadias, priorados, reitorias, vigariados, curatos, capelanias, a que não é estranho o conjunto de tradições que cada paróquia por si encerra na sua mais ou menos profunda história, até à actual condição da paroquialidade.

Supõe-se que por volta de 1169 os frades desceram da Abadia a estabelecerem-se no local do actual mosteiro.

Ao redor desse primitivo núcleo foi tomando forma ao aglomerado populacional que é hoje a freguesia de Santa Maria de Bouro, uma das mais recentes, no entanto das mais populosas de Entre-Homem e Cávado.

Do mesmo modo foi-se constituindo a de Santa Isabel do Monte, primeiro no estado de curato apresentado pelo dom abade, depois como qualquer outra paróquia, agora sob a jurisdição administrativa do vizinho concelho das Terras de Bouro.

O Santuário de N. S. da Abadia, a que se prendem as mais fundas recordações históricas, dada a própria natureza do ermo e agreste da sua posição topográfica, não passou de uma simples capelanía ou ermitério.

Pelos altíssimos merecimentos de que se rodeia, tem jus incomparável ao mais acendrado carinho, consagração e respeito.

BOURO SANTA MARTA



Casa das Ofertas da Abadia

BOURO (SANTA MARTA)

Fica situada em terreno bastante acidentado, nos vales e vertentes da serra de Bouro.

Foi sede do antigo concelho de Santa Marta. Tinha juiz ordinário, feito por pelouro e eleição trienal do povo, a que presidiam o corregedor de Viana e o dom abade, vereadores, procurador do concelho, meirinho, quatro tabeliães do judicial e notas, todos da nomeação de el-rei. Os almotaceis eram feitos pela Câmara.

Tinha dois capitães, da escolha do dom abade que era o capitão-mór, proeminência que os Reis lhe concederam por ter vencido, em um grande recontro que se travou na Portela do Homem, os galegos que nas guerras da independência do tempo de D. João I fizeram uma entrada nesta província.

D. Afonso Henriques deu o padroado desta igreja, a vila e o couto, que foi demarcado por padrões, ao mosteiro de Bouro; mais tarde D. Manuel concedeu foral novo a 20 de Outubro de 1514:

«A quantos esta nossa carta de foral dado ao couto do mosteiro de boyro virem fazemos saber que allem das cousas que no dito couto foram determinadas per sentença de nossa Rollaçam. Achamos pollas particulares Inquirições que geralmente em nossos Reynos mandamos tirar que no dito couto se nam levam nynhüs ditos Reães pollo mosteiro soamente Recadam os foros de seus caseiros següdo sam concertados per suas septuras següdo as quaees mandamos que os ditos se levem ao diante e não dout.^a maneira E po tanto os montados e manynhos sam dos possuydores dos casaes livremente sem nynhü foro E a pensam do taballiam nam se paga hi pagasse na terra de boyro A pena darma he do meyrinho do dito couto E nam se levam nem levaram ao diante nynhüs trebutos nem di-

BOURO (SANTA MARTA)



Igreja Matriz de Bouro (Santa Marta)

tos Reaes salvo o gado do vento sera do mosteiro quando se perder segundo nossas ordenações com decraraçam que a pessoa a cuja mão for ter e o mais deste cap.o he tal como vadin ut supra. E portanto mandamos que assy se cumpra pu sempre Dada em a nossa muy nobre e sempre leal Cidade de lixboa aos XX dias do mes doytubro Anno de nosso Snõr ihũ xpo demyl e quinhentos e quatorze E vay escpto ho original em treze Regras sooscepto e assynado pollo dito fernam de pina».

Tem à margem infra, manuscrita em vulgar, a seguinte nota que posteriormente alterou a questão dos maninhos:

«Pela sn.ça registada no L.o 9.o do Registo desta Torre do Tombo — por virtude da Provisão com ella registada, se manda declarar pertencerem os montados e maninhos neste couto do mosteiro de Bouro, ao Abb.e e Religiosos do mesmo mosteiro, ficando nesta parte derogado este foral. A qual sn.ça e Provisão se registará na mesma certidão que se pedir deste Foral, juntamente com esta verba E por virtude da mesma Provisão e sn.ça pus esta verba. Lxa 29 de Março de 1742. (a) — Silva Jor?»

O extinto concelho de Santa Marta de Bouro era constituído pelas freguesias de *Goães, Santa Isabel do Monte, Santa Marta de Bouro Santa Maria, Paredes Secas, Seramil e Vilela; e pertenciam-lhe ainda 32 vizinhos da de Valdozende.* Em 1853 passaram umas para o de Terras de Bouro outras para o de Amares; em 1855 todas para o de Amares, menos Santa Isabel do Monte.

Santa Marta tem foros de antiquíssima vila ecabem-lhe as honras de tudo quanto se tem dito a respeito de Bouro, com a reserva de que toda a sua importância se foi condensando à volta do velho mosteiro, onde estava a cabeça que a governava.

A antiga casa da câmara, cadeia e tribunal, estava situada no lugar das Quintães. Este edificio foi arrasado em 1922.

As grades da cadeia foram aproveitadas para adega do proprietário do mesmo terreno.

Próximo das Lages, em uma bouça da casa de Amo-

rim, consta que era o sítio da força; outros dizem ter sido no cimo do monte de S. Lourenço para ser visto de todos o efeito de tão execrando processo de supliciação.

Neste sítio deshabitado das Lages, que confina com Goães, noutros tempos havia quem se intimidasse de passar a deshoras com medo de ficar sem a vida ou a carteira.

Esta freguesia compreende os lugares de *Cale, Torre, Outeiro-meão, Quintães, Martinga, Fonte, Ronça, Grova, Castanheiro, Monte-chão, Cerva-morta, Outeiro, Novaz, Lama, Felgueira, Ladredo, Morim, Vale, Chão-grande, S. Bartolomeu e Pereira.*

Em 1706, isto é, antes da desanexação da de Santa Maria, tinha 180 fogos; em 1875, já depois e apesar da mesma, 183 fogos com 930 almas; de momento 225, por volta de 1.000 habitantes.

Foi vigairaria da apresentação do dom abade, depois passou a reitoria. A padroeira é *Santa Marta*.

Desce pelo centro da freguesia o ribeiro do *Carredal*, em cujo percurso se encontram muitos moinhos como é vulgar em todos os regatos e ribeiros da região: regam e moem.

Nos limites desta freguesia, existe no rio um poço profundo chamado *Pego Negro* que criava muitos e grandes peixes e pertenceu aos senhores de S. João de Rei e da Tapada.

Por causa da pescaria neste sítio, houve graves atritos entre aqueles senhores e os da Casa de Castro, como há-de ver-se melhor ao tratar-se da freguesia de *Fiscal*; e o caso é que esteve para travar-se aí uma batalha entre elementos de ambas as partes, se não acudisse o general António Jaques de Paiva, governador da província e que depois professou na Ordem de S. Domingos.

Preveniu a tempo el-rei, que houve por bem proibir, sob rigorosas penas, uns e outros de lá pescar.

Em 1892, estando a igreja a ameaçar ruínas, e sen-

do pároco ao tempo o padre João Manuel de Sousa, do lugar de Outeiro de Vila, de Seramil, procedeu-se a obras gerais, sendo a capela-mór e sacristias feitas de novo, o corpo da igreja levantado um metro, assim como a torre; alargado o adro e feita a escadaria principal e o cemitério, que, do lado oposto à estrada, apresenta uma fachada de certa grandeza, com seu artístico gradario de ferro e colunas de granito bem lavradas; tudo feito por conta do falecido conde Vilela, titular brasileiro de nome Luis Fernandes Vilela, que foi desta freguesia.

Interiormente a igreja tem no seu conjunto o aspecto de riqueza e bom gosto artístico, conservação e limpeza.

Na capela-mór, além do principal, tem, o que não é vulgar, dois altares laterais: ao Evangelho, dedicado a S. Pedro; da Epístola, a S. João Baptista.

Sobre o arco-cruzeiro, um sanefão, e toda esta importantíssima obra de talha, estilo joanino, bem como a orientação geral de todos os trabalhos de restauro e ampliação que então tiveram lugar, correram pela mão do exímio artista, que foi por natural inclinação, António Manuel da Silva Gomes, do lugar de Seramil e casa do Silva, tio-avô e padrinho do baptismo de modesto autor destas linhas.

A obras desta natureza, que ficaram dispersas por muitas freguesias da Póvoa de Lanhoso, da Ponte da Barca e de Lima, dedicou toda a sua vida e especial vocação.

Não trabalhou para fazer fortuna, porque não quis; a quase totalidade de seus honorários empregava-os em mandar celebrar missas pelas almas do Purgatório, que eram da sua muita devoção.

Seguiu as honrosas tradições de seus avoengos, que segundo dizia, foram autores do último plano de trabalhos da mesma espécie e devidos ao século XVIII, cuja imponência e grandeza ainda podem admirar-se no magnífico recheio do mosteiro de Santa Maria de Bouró.

Faleceu solteiro em 1922. Às qualidades de artista e paciente entalhador juntou outras tantas virtudes que podem ser constatadas por quantos o conheceram, por isso que não se põe neste oportuno necrológio a menor demazia ou exagêro.

No corpo da igreja existem 4 altares laterais, sendo o 1.º, à parte do Evangelho, dos Sagrados Corações de Jesus e de Maria; o 2.º de S. Bento.

Do lado da Epístola, o 1.º do Senhor dos Passos e S.ª da Agonia; o 2.º de N. S. de Fátima.

Há imagens em duplicado da mesma invocação: as de maior estatura destinam-se aos altares; as mais pequenas acompanham os peditórios pela freguesia, na recólha periódica das esmolos para as respectivas festividades.

Aos «Santinhos» ninguém se atreve a negar as suas dádivas; e é curioso que, tendo esta nota ferido a atenção de um bom companheiro da digressão que teve por fim colher estes apontamentos, o qual passou o melhor do seu tempo por terras do Brasil, logo observou que também por lá teve ocasião de verificar algures este costume de as imagens andarem em peditórios.

Nada mais natural; simplesmente se regista aí mais esse fiel sintoma de lusitanidade.

Na abóboda um quadro, emoldurado de altos relêvos a gesso, representa Jesus em Betânia, com Marta e Maria Madalena.

Dela pende um bom lustre autêntico, com pingentes de cristal.

A artística pia baptismal, trabalhada de nervuras em alto relêvo desde a base e em fino granito. Ao arco-cruzeiro, quatro boas telas de regular tamanho, representam os evangelistas; têm no reverso a data de 1648.

Sobre a porta da sacristia para o adro tem esculpida a era de 1756.

A torre tem quatro sinos e relógio.

A Confraria do S.S. Sacramento foi instituída em 1745, sendo vigário frei João de Lacerda. Tem missa e procissão todos os 3.ºs domingos de cada mês.

A confraria de S.º António também é antiga, pois, segundo o «L.º dos Irmãos», que começa em 2 de Junho de 1814, entrou nessa data frei João Nepomuceno, monge de S. Bernardo e vigário desta freg.ª.

Exteriormente, na empena N. tem esculpidas em 2 lápides:

1.ª «Mã da D.ºs Mont.ºro e Sua molher M.ª B P T. a Q.ºno At.ºr de N.ºS. se diga 2 missas cada

mes hua ao sabada de N. S. outra na 2.ª f.ª pelas Almas in perpetuum cõ respõ Anno de 1641».

2.ª — As esmolas destas missas se R. do Bacelo de 50 rs. ao Cab.º de Cota».

A verga da porta principal mostra interiormente uma fenda que se atribui ao terramoto de 1755.

No arquivo paroquial existem dois «Livros dos Testamentos,» o 1.º com abertura em 3 de Setembro de 1782 e o 2.º em 28 de Junho de 1853.

O «Livro dos Capítulos», com princípio em 19 de Julho de 1797, nada mais parece conter senão as recordações e instruções capitulares.

O artigo 2.º de um velho caderno dos «Usos e Costumes», com referência a 1794, determinava que os fregueses de S.ªta Isabel do Monte, todos os anos e em dia de S.ªta Marta, pagassem ao rev.º do pároco um carneiro, posto em casa dele.

Esta freguesia dispõe de larguíssimo montado, privilégio que se pode atribuir ao seu velho foral de couto concedido por D. A. Henriques.

Avista-se de longe, a dominar das alturas do Reboião toda a freguesia e amplos horisontes, o cruzeiro dos Centenários sobre um gigantesco penedo. Foi mandado colocar pelo falecido padre Adelino, da casa da Lama e pároco da freg.ª.

Tem passal e sobre o portal da residência o antigo escudo real.

A ermida de S. Bartolomeu, no lugar alto a que deu o nome, deve ser muito antiga. Aqui viveu e foi natural o padre Manuel José Fernandes, mais conhecido por «padre Maranhão» que ministrou estudos preparatórios a muitos candidatos à vida eclesiástica.

Há ainda a capela de S. Frutuoso no lugar de Felgueira e uma outra, particular, dedicada a N. Senhora de Lourdes, construída aí por 1920 e para a qual veio o altar do mosteiro de Bouro como se referiu.

P. Leal alude com menos verdade a certas formalidades de que se revestiam os pedidos e ajustes de casa-

mento em Bouro. A culpa da mentirosa insinuação pode atribuir-se ao «engraçado» que falsamente o informou.

Com mais verdade e rigor diria que o respeito e vigilância pela manutenção dos bons costumes sempre foi a melhor e mais apregoada norma destes povos; e podia então contar o que se passava, quando por qualquer forma se desconfiava que os nubentes não iam à igreja com aqueles apuros de dignidade que sempre foi de desejar.

Já de antemão se sabia que o casamento ia ter «*ronda*»: mancebos e até homens casados preparavam-se para fazer-lhes a assuada nocturna.

Do cimo de um mórro, embuçados, armados e disfarçados, entre apupos, vaias e gargalhadas, roncões de buzinas e o bater confuso de latas velhas, quebrava o silêncio monótono e característico da escuridão da algeia o pregão cavo e rouco que, ampliado pela boca do embude, era voz de trovã a ecoar pelas quebradas da noite, armando suspeitas caluniosas, intrigas e escândalos.

Forma equívoca de guarda à moral, isto, e quejandos meios de moralização tolerou-se em tempos que os tribunais da Inquisição não faziam chegar a toda a parte a sua esfera de acção; e era frequente.

Até que um dia uma vítima do abuso não teve mão que não fôsse juntar-se ousadamente no bando anónimo; e teve habilidades de fazer, enquanto lhe conveio, côro comum.

Mas a certa altura, marcando-se bem com aquele ponto donde partia o vozeirão apontou certo e disparou.

Foi sorte que o grande funil recebeu em cheio toda a carga; e estes episódios aventureiros foram cedendo assim ao receio de atentados e de crimes, à força de devassas e de prisões, até que felizmente de todo se extinguiram.

Outro não menos bárbaro costume era o do apedrejamento das casas de pecadores públicos, mas estes pruridos de mal compreendida moralização foram desaparecendo à falta de ambiente próprio e poder de uma convicção muito mais cristã que se foi radicando: «*Quem estiver inocente que atire a primeira pedrada!*»

* * *

Das Inquirições de 1220: *De Sancta Martha Paio Vie-*

gas abade, João Pais, Paio Pais, D. Silvestre. Paio Fernandes, Paio Peres, Pedro Peres, Pedro Luz, Mendo Pais, João Fernandes, João Viegas, jurados disseram que o Rei tinha ai alguns Reguengos e daram-lhe na vida, em certos lugares, metade, noutros a terça e a quarta e no monte a sexta parte, etc.



pedra, próprias para moer cereais, e pedras muito bem lavradas e com labores.

O edifício da igreja mostra todos os vestígios do românico, que restaurações sucessivas com tanta infelicidade fizeram degenerar da sua traça original.

Atribui-se ao século XI ou XII a sua construção.

Aqui, nesta estação da Geira, sobre uma elevação alcantilada onde melhor que em qualquer outra parte tão justamente se erguera um padrão românico do Cristianismo, é sem dúvida pena que tão profundamente se desvirtuasse da pureza de suas verdadeiras linhas arquitectónicas.

E' notável a espessura das suas paredes.

Verifica-se que a capela-mór foi reedificada; que por meio de um grande arco, de volta inteira, rasgado na empena de nascente, foi-lhe aberta e anexada, espécie de nave, a capela que foi do Santo-Cristo; e, para cumular tanto erro, edificada a torre em meados do Século XVIII.

Por baixo da janela-sineira, à parte oriental, tem uma lápide de mármore, onde diz o seguinte:

«Esta torre foi mandada restaurar no ano de 1931 pelo Benemérito filho desta freg.ª o Ex.mo Snr. José António Rodrigues Amigalhaço. Os habitantes de Caires como preito de profunda e sincera gratidão agradecem reconhecidos».

Tem junto um bonito «relógio de sol» de pequeno formato.

No vértice do telhado da igreja, à altura do arco-cruzeiro e no topo da capela-mor estão duas «cruzes-terminais» que caracterizam o românico de toda a fábrica primitiva.

Para maior disfarce, as empenas revestem-se exteriormente de uma espessa camada de argamaça e cal, menos a fachada que também parece ter sido reedificada.

Em parte, os beirais ainda são sustentados por cachorros.

Porém, interiormente, a enorme profusão de altares, com pinturas e doirados, tão incompatíveis com o seu verdadeiro estilo, fizeram-lhe perder de toda aquela feição que lhe competia, submetendo-a inteiramente ao tom e gosto modernos.

E ora aqui está um exemplo de quanto pode tornar-se perigosa a terrível ignorância!

Egas Gomes, Don Vicente, Miguel Peres, Gonçalo Anes, jurados etc...



Só o Criador podia ser tão equitativo e justo ao prover todos os lugares da terra com os infinitos dons da sua incompreensível grandeza, dando a uns os montes e os vales, a outros os rios e as fontes; colocando estes no centro das planícies, aqueles no meio dos mares, liberalizando com todos e por modos tão inumeráveis as graças inexgotáveis da sua imensa riqueza.

Pôs em todos, meios mais ou menos patentes para defeza dos seus habitantes; e quantos destes não souberam descobrir ainda o verdadeiro segredo da sua prosperidade.

Caldelas tem de tempos imemoriais o sinal aberto e a garantia do seu progresso e projecção àquem e além fronteiras, no manancial perene das ricas nascentes de águas medicinais que ali rebentam do seio fecundo da prodigiosa montanha, enquanto pelo outro lado da encosta ubérrima se desfaz nas apreciadíssimas laranjas que são o oiro da terra.

E lá no alto o Porteiro do Céu, pára-raios da terra concelhia; por isso O respeitavam e mimoseavam, como adiante se vê.

* * *

De modo geral, os povos, que antes dos Romanos occuparam esta facha ocidental da Península, sabiam já recorrer a estas «fontes santas» para curar os seus males e atribuíam-lhes, a seu modo, virtudes sobrenaturais e divinas, considerando-as sob os auspícios de diversas divindades a que levantaram seus monumentos de piedade e reconhecimento, quando obtinham cura.

Vieram então os Romanos e dedicando-lhes especial atenção, como que estabeleceram junto delas os mais sumptuosos santuários e centros de divertimento e de prazer de que foi capaz a sua concepção e arte; para logo

lhes sucederem violentamente os Bárbaros que calcaram e entulharam em ruínas toda essa sumptuosidade pagã que a arqueologia tem vindo por muita parte a desenterrar. E aí estão como exemplo as lápides votivas.

Já não fizeram o mesmo os árabes, que, possuidores de certo grau de civilização, as trouxeram a novo esplendor, instituindo banhos públicos de águas medicinais por toda a Espanha e construindo as célebres «alhamas». Mas a estes não foi dado demorar por aqui.

Depois da Reconquista, os príncipes cristãos foram os primeiros a dar o exemplo de assíduos frequentadores de banhos e águas termais.

Os bispos, os abades, os dons priores reconheceram praticamente o seu largo alcance; e, tomando-as sob a sua protecção, beneficiaram e reformaram as precárias circunstâncias em que se encontravam.

Os frades de Rendufe tomaram à sua conta as de Caldelas e imprimiram aqui os melhoramentos que serviram de base à sua futura, actual consolidação.

No século XIX a Ciência concorreu a reconhecer-lhes as prodigiosas virtudes terapêuticas e a Medicina a recomendá-las de uma maneira geral; e quantos milagres não se têm verificado na cura de doentes, que de outro modo desesperariam de verem-se aliviados dos seus sofrimentos, se a Providência não deixasse, entre outros tantos bens, ainda este caudal permanente dos seus favores constantes.

* * *

Vai a seguinte notícia pela mão hábil e autorizada do ilustríssimo Pároco de Caldelas, senhor padre João Martins de Freitas, guiar-nos em circunstanciada e magistral descrição por todos os recantos da bela e florescente estância, tecer a sua história.

Tem, acima da autoridade do seu muito saber, a de quem mais conhece da sua própria terra, tantas vezes calcurriada no exercício do seu munus sacerdotal; a de quem lhe tem devotado o mais desvelado carinho, provendo no espiritual e no temporal, — tanto mais lhe deve.

CALDELAS

(De Sancto Iacobo de Cadelas)

«A freguesia de Sant' Iago de Cadelas (Termas de Cadelas) possui excelentes hotéis, confortáveis pensões, maravilhosos panoramas e a milagrosa fonte das suas Águas Termais.

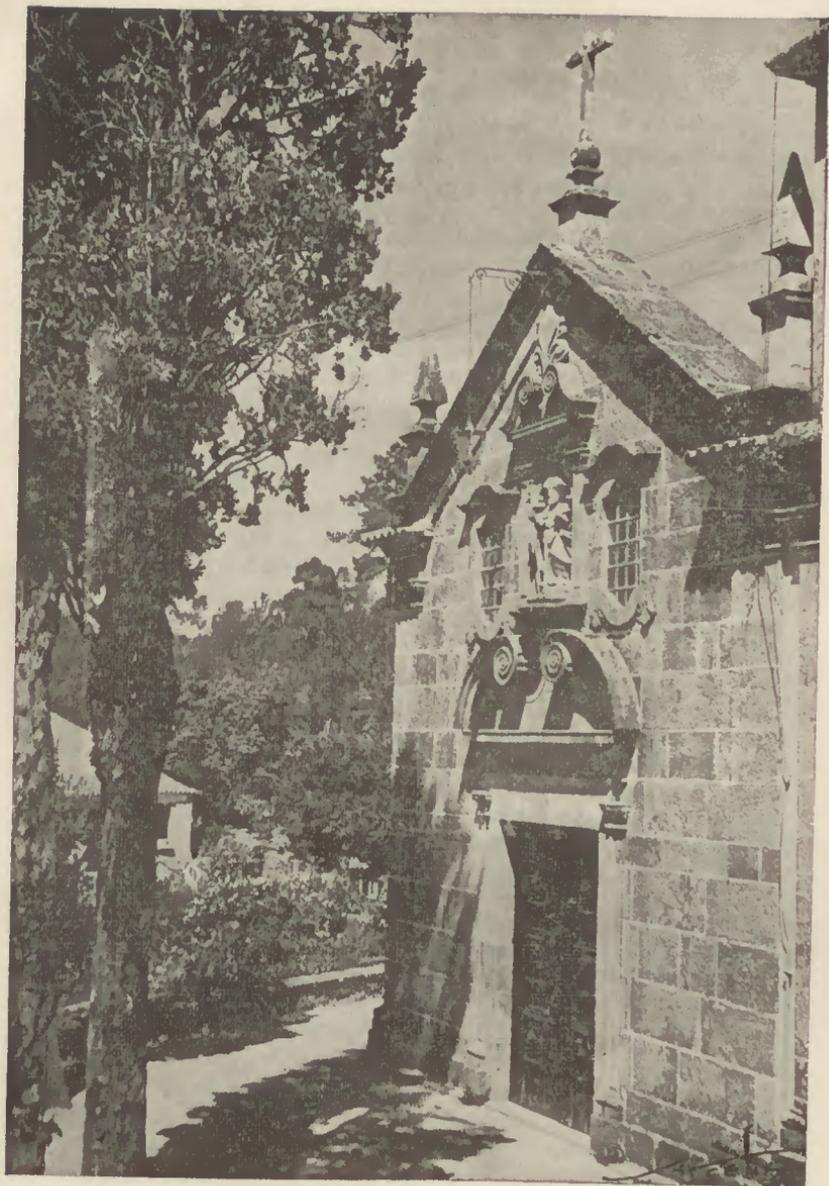
Era da Comenda de Cristo, reitoria apresentada pelo Ordinário, em concurso; pelas Constituições Diocesanas Bracarenses, de 1918, passou a ser uma abadia.

Do concelho de Amares, chamado no regime absoluto de *Entre-Homem e Cávado*, assenta em terreno muito fértil, regado pela corrente do Alvito, que tira seu nome do lugar onde nasce, na freguesia lindante de Paranhos e por numerosas nascentes de água potável magnífica; goza de clima ameno e sadio, à altitude média de 150 metros (no adro da igreja); tem 238 fogos e cerca de 1.200 incolas.

Orografia

Abrange, esta freguesia, parte das últimas ondulações da montanha de Santa Isabel, contraforte da formosa e típica serra do Gerez que se esbate desde o alto de S. Pedro-fins, a 415 metros de altitude, miradouro magnificante sobre o extenso e luxuriante vale do Bico, formado pela confluência dos rios-Homem e Cávado. A meio desta freguesia, na direcção nordeste-sudeste, desenvolve-se uma daquelas ondulações, o monte do Lodeiro, que estabelece a linha divisória de águas entre o vale do Alvito e o de Cavaduços e Pitães, que, através da montanha, comunicam pelo sitio da Portelinha.

Esta depressão da Portelinha faz avultar o outeiro de S. Sebastião, esporão de cabeço cónico, onde ainda



FACHADA DA IGREJA MATRIZ

se podem observar as ruínas da antiga ermida que lhe deu o nome, arborizado de pinheiros e carvalhos de um pitoresco encantador.

Lá pela época longínqua da segunda idade do ferro, foi assento de uma povoação pre-histórica.

Nas fraldas deste outeiro, estende-se, a poente, o fértil vale de Lamoso; e a nascente, ao fundo, no talvegue, brotam da encosta poente da montanha as prodigiosas fontes medicinais.

As duas vertentes, sul e poente daquele esporão de S. Sebastião, foram povoados pelos Bracaros (celtas), depois pelos romanos como o atesta a profusão de restos de olarias, utensílios metálicos, moedas, sepulturas formadas da *tégula*, rematados pela *imbrex* argamassada, um alfanque que se encontra no museu do Seminário, ao Campo de Sant'Iago, da cidade de Braga e restos de construções, da época dos *oppidum* e *citánias*, espalhados na região.

A pequenas distâncias encontram-se as estações arqueológicas de Caires, Portela, (esta, pela proximidade da de Caires foi abandonada pelos Romanos) Castelhão e, além rio, na margem direita do Homem, S. Julião, Barbudo, etc.

A meia encosta do referido esporão, a oeste, em lugar aprazível, assenta a igreja paroquial.

Sobranceira à freguesia, a nascente, ergue-se imponente a montanha de S. Pedro-Fins, escavada, rochosa, com reduzida arborização; no entanto, a um terço da encosta íngreme e em ninho exuberantemente pitoresco, esconde-se o lugar de Sernadela, mansão de tranquilidade e paz: pouca gente, oriunda de umas oito famílias, com usos e costumes próprios.

A coroar a original povoação, uma condigna ermida dedicada a Santo Ouvidio; subindo sempre e atravessando o planalto, encontra-se no mais alto da montanha a ermida de S. Pedro-Fins, capela *meeira*, ali situada como marco divisório entre Caires e Caldelas.

Hidrografia

Na parte oriental da freguesia, entre o monte do Lodeiro e a motanha de S. Pedro, corre o ribeiro do Alvito.

Na margem esquerda desta corrente que salta em umbrosa regueira, de vegetação ubérrima, brotam as nascentes termais tão famosas.

Ninguém poderá certificar desde quando se conhecem os efeitos terapêuticos destas águas. Para atestar que já eram celebradas pelos Romanos, ali se encontram lápides votivas, dedicadas às ninfas, enquadradadas, agora, na parede interior do *bebedouro*.

Duas são as lápides aludidas que o consumado epigrafista berlinês, Dr. Emilio Hubner, inseriu no seu *Corpus Inscriptionum Hispaniae Latinae - Supplementum ex Ephemeridis Epigraficae V. VIII, Fasc. III, seorsum expressum-Berolini, 1897-pag. 399*.

Eis as inscrições das duas lápides:

.....	C	A	E	N (ni)
.....	C	I	E	N (nus)
D(e)AB(us)	N	Y	M	
N Y M	P	H	I	S
P H I S	E	X	V	O
E X V O	T	O		
T O				

1.ª *deabus nimphis ex voto*

..... *consagra* às deusas ninfas por voto *que fez*

2.º Caenicienus ninphis ex voto

Caenicieno *consagra* às ninfas por voto *que fez*

Na primeira lápide falta a parte superior com o nome do dedicante.

Foram encontradas nas escavações que em 1803 se fizeram para, à custa dos povos do concelho, serem construídas quatro banheiras de granito, abobadadas, conjuntamente com uma bica de água minero-medicinal para uso interno; e ao mesmo tempo um pequeno passeio para comodidade banear dos concorrentes ao local, como consta de Pinho Leal e da tradição.

Data, pois, de 1803 a origem do primeiro estabele-

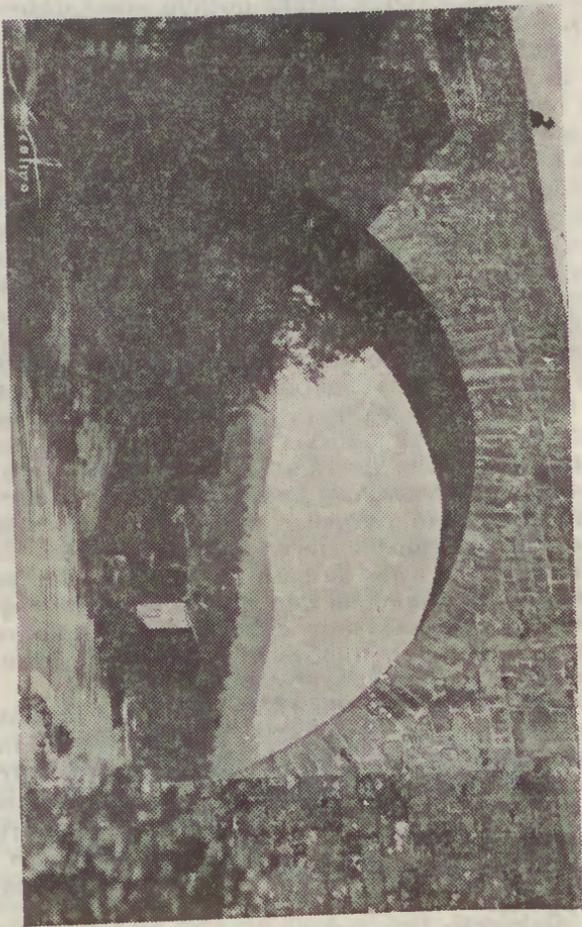
cimento balnear de Caldelas, como, em primeira mão, testemunha o P. Alfredo Elviro dos Santos em um manuscrito de que era o título: *Breve noticia das Caldas de Caldelas, Canavezes, Entre-os-Rios, etc.*

O Dr. Pereira Caldas, que foi professor ilustre do liceu de Braga, em carta datada de 1901, dirigida ao Dr. João Novais, nesta data clínico das termas, diz: «Antes de 1803 apenas eram utilizadas as águas medicinais de Caldelas por limitados concorrentes, a quem, certamente, seria então gravosa a carência das comodidades oportunas». E, assim se colhe de Frei Cristóvão dos Reis, carmelita descalço, (administrador da botica do Convento do Carmo em Braga) no seu curioso livro *Reflexões Experimentais Methodico-Botânicas e noticias de águas minerais--Lx. 1770, pag. 54*: «Nas margens do rio Alvito que corre entre dois montes (esporão de S. Sebastião e montanha de S. Pedro-Fins) à parte oriental da povoação chamada Caldelas, há duas nascentes de água..... de que se não servem os moradores, nem há notícias se servissem os passados, porque se não acha no sítio vestígio algum que o mostre e só dela se *servem as mulheres para lavar roupa*; sendo que podem remediar muitos males aos enfermos não só da freguesia e vizinhanças mas também de terras mais distantes... Mas da sorte que estão, nem suor movem aos enfermos; ainda que muitas pessoas *a quem as aconselhei*—que padeciam debilidades de estomago, faltas de cosimento, obstruções moles, falta de tributo mensal—saram perfeitamente».

«A tudo isto que dito fica aduz Frei Cristóvão dos Reis em continuação imediata:—Por esta causa me parece, que nestas Caldas *hão-de saram ou alcançar muito alívio*, os enfermos que padecerem queixas cutâneas, reumatismo, gota incipiente, crispatura de fibras, alormeimas, disurias, dores nefríticas e todas aquelas doenças que tiverem por causa humores acres, salsos, sendo os enfermos de temperamento calido».

«Palpavel» fica, por consequência, que fora Fr. Cristóvão dos Reis quem «*primeiro*» insinuara ao povo o uso terapêutico das Caldas de Caldelas—a que ele nas suas *Reflexões* dá o nome de *Caldas do rio Alvito*, sendo, portanto, só depois de 1779 que essas «águas minerais»

Ponte medieval sobre o Homem



começaram a ter nos *Aquilégios* os nomes de *Caldas de Rendufe* e *Caldas de Caldelas*».

Pela idade média fóra, parece terem sido abandonadas as águas, pois nada se encontra de vestígios materiais, ou nos livros desses tempos que ateste a sua utilidade.

No século XVIII tomou conta das termas de Caldelas o mosteiro de Rendufe, que delas fica distante cerca de seis quilómetros e de aí o nome com que figuram nos aquilégios, de *Caldas de Rendufe*.

Depois da extinção das Ordens Religiosas, em 1834, encarregou-se da administração das termas o pároco de Caldelas.

A pretexto de melhoramentos, passou o estabelecimento termal a ser propriedade da Câmara de Amares que em 1889 o arrendou ao Visconde de Semelhe (Bernardo Barbosa) a quem pela lei de 30 de Setembro de 1892, foi em 1893 concedida a exploração por um período ilimitado.

O Governo Português declarou que todas as nascentes termais eram propriedades do Estado e estabeleceu as condições necessárias para a concessão.

A propósito, diz o Dr. João Novais na sua «*Terapêutica Hidromineral*», 1901-1902, pag. 15:

«O seu concessionário, Visconde de Semelhe, ao balneário antigo mandou acrescentar um anexo com onze tinhas e uma sala de duchas. Edificou um *chalé* junto das nascentes termais com acomodações para algumas famílias e logo depois, como esta casa não bastasse à concorrência de doentes, mais acima, no sopé da montanha de S. Pedro, construiu um grande edificio, amplo, largo, rasgado com a capacidade para mais de 200 pessoas e uma casa de duchas com os mais modernos aparelhos de hidroterapia. Fez arborizar e ajardinar o espaço que rodeia o hotel e estabeleceu uma direcção médica especial para superintender ao tratamento hidrológico».

Em um opúsculo publicado em 1922, intitulado *Águas Medicinais de Caldelas*, do Dr. Flores Loureiro, então director clínico das termas — a pag. 13 — lembrando a concessão das águas ao Visconde de Semelhe, diz:

«Este benemérito, animado pelos benefícios que

sua mãe e ele próprio ali colheram, construiu à sua custa, um estabelecimento termal e o Grande Hotel da Bela-Visita. Hoje essa concessão encontra-se nas mãos de uma Empresa cujo conselho de administração não se tem poupado aos maiores sacrifícios, construindo o novo *bebedouro*, o novo *estabelecimento de duchas* e substituindo o antigo Balneário pelo que existe, elegante, grandioso, higiénico, nada faltando sob o ponto de vista da moderna crenoterapia, para rivalizar com os seus congéneres do estrangeiro. Da antiga estância termal só se aproveitaram as águas termais que foram captadas, proficiente e cientificamente, pelo eminente professor da Universidade de Lisboa, engenheiro Freire de Andrade e analizadas, antes e depois da captação, pelo distinto mestre, professor do Instituto de Hidrologia, Dr. Charles Lepierre».

Algumas cabines do estabelecimento dispõem de banheiras para duchas subaquáticas e banhos de bolha de ar; possui também cabines especiais para enteroclises e aplicações fisioterápicas.

As águas rompem de onze nascentes ao longo do filão termal, sendo duas empregadas *per os* e as restantes para uso externo.

Análises da Água da Bica de Fora e da Bica Barbosa—esta lembra o nome do Visconde de Semelhe —Bernardo Barbosa.

BICA BARBOSA

Temperatura da água da nascente em 6-2-1921.	22,°2
Densidade a 15.°	1,0001
Índice refratométrico a 18.°	1,333, 35
Índice crioscópico.	0,01
Condutibilidade eléctrica	11.5
Resistividade a 18	8713 ohms
Quantidade de emanação do rádio em 10 litros	2, mgr. 14 minutos

Agrupamentos hyp. dos elementos (por litro):

Bicarbonato de cálcio.	0,gr029. 36
» » sódio	0,020. 34
» » lítio.	0,001. 16
» » bário	0,000. 11

Bicarbonato de estrôncio0,000.24
» » ferro0,001.90
» » manganês.0,000.23
Cloreto de sódio0,022.23
Brometo » »0,000.064
Fluoreto » »0,001.32
Borato » »0,000.015
Sulfato de magnésio0,005.80
» » cálcio0,004.76
Arseniato de sódio.0,000.004
Nitrato de potássio0,006.78
Fosfato de alumínio0,000.43
Sílica0 019.40
Anidrido titânico0,000.04
Matérias orgânicas.0,000.14
Bicarbonato de rubídio	<i>vestigios</i>
Mineralização fixa	0,gr.114.323
Anidrido carbónico livre.	0,gr.014.97
Substâncias dissolvidas	0,gr.129.293

Elementos pesquisados e não mencionados

Iodetos nítricos

Césio, Amónio, Niquel, Cobalto, }
 Urânio, Cobre, Chumbo, Estanho. } Nulos em 50 litros
 Antimónio, Bismuto. }

Gases dissolvidos { Oxigénio - 4,cc3 }
 (além de CO₂) a 0° { Azoto - 12,cc6 } 16,cc9
 e 760^{m/m}. { Argon, etc. vestígios }

A água da Bica Barbosa, de Caldelas, bacteriológicamente considerada é puríssima.

BICA DE FORA

Temperatura da nascente em 7-2-92130,°9
Densidade o 15.°1,0001
Índice refratométrico a 18.°1,333.35
Índice crioscópico Δ0,01
Condutibilidade eléctrica13,3
Resistividade » a 18.°	7498 ohms
Alcalinidade10,cc4 (soluto ^{N/10})

Quantidade de emanação do rádio em 10 litros de água - 2 miligr. minutos da emanação.

Agrupamento hyp. dos elementos (por litro)

Bicarbonato de cálcio0,069.50
» » sódio0,012.23
» » lítio0,001.94
» » bário0,000.13
» » estrôncio0,000.25
» » ferro0,002.22
» » manganês0,000.26
Cloreto de sódio0,015.21
Brometo de sódio0,000.077
Fluoreto de sódio0,001.76
Borato de sódio0,000.048
Sulfato de magnésio0,004.70
» » cálcio0,005.86
» » potássio0,005.25
Arseniato de sódio0,000.004
Nitrato de potássio0,001.00
Fosfato de alumínio0,000.61
Silica0,021.80
Anidrido titânico0,000.04
Matérias orgânicas0,000.10
Bicarbonato de rubídio	<i>vestigios</i>
Mineralização fixa0,142.989
Anidrido carbónico livre0,010.63
Substâncias dissolvidas0,153.619

Elementos pesquisados e não mencionados:

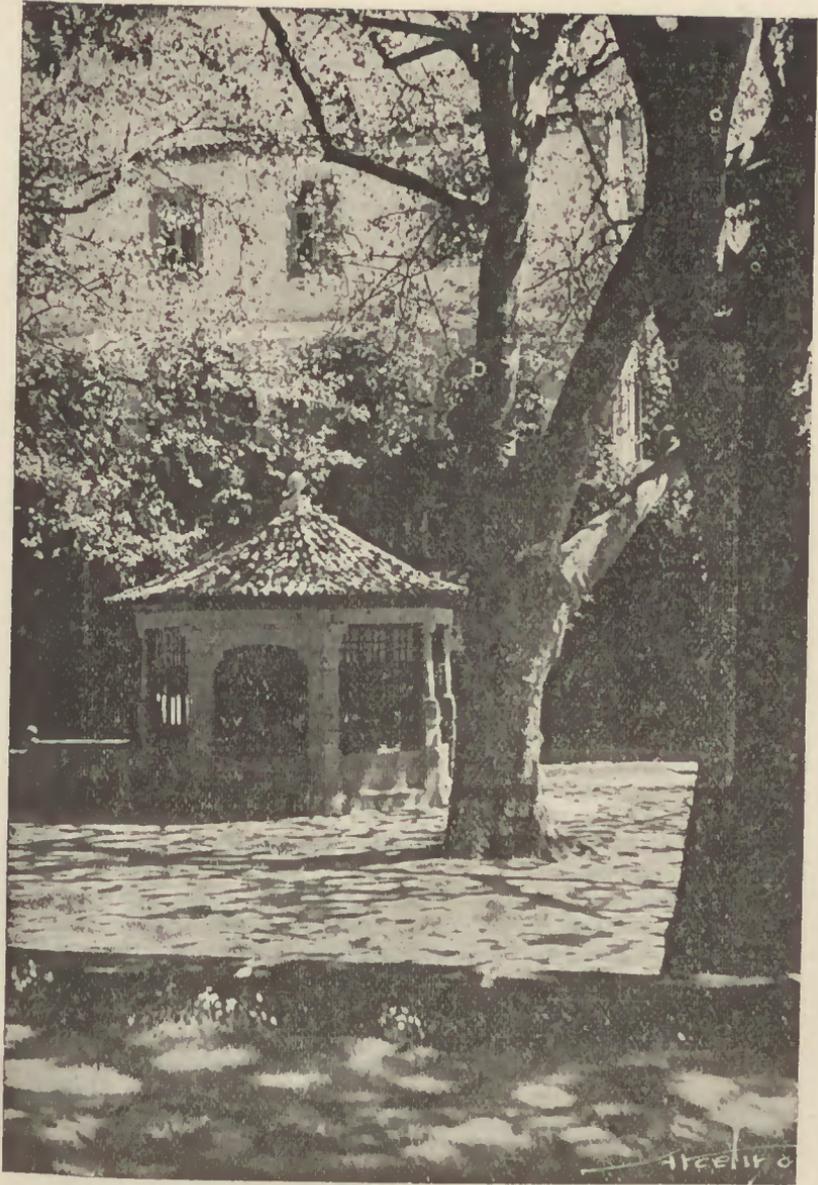
Iodetos nítricos

Césio, amónio, níquel, cobalto, urânio, cobre, chumbo, estanho, antimónio, bismuto. } Nulos em 50 litros

Gases dissolvidos (além de CO_2) a 0° e $760^{\text{m}}/\text{m}$. } Oxigénio—5,2 } 16,6
 } Azoto—11,4 }
 } Argon, etc. vestígios }

A água da Bica de Fora bacteriológicamente considerada é PURÍSSIMA.

O *Bebedouro* da Bica de Fora, em forma de alpendre, fica ao lado da Alameda das Termas, de frondosos plátanos, que o Visconde de Semelhe mandou plantar no



BUVETTE DAS TERMAS

atêrro feito no talvegue, depois de desviar das nascentes o curso do Alvito.

Vinte metros a montante, o moderno balneário concluído em 1922, do qual se passa para um pequeno parque, onde se encontra, à direita, a entrada para o elevador do Grande Hotel da Bela-Vista, em elegante arco de cantaria; e no alto o edificio das duchas.

MONUMENTOS

A pequena igreja paroquial, segundo noticia que nos transmitiu o P. e António Gonçalves de Barros, foi reedificada em 1749.

Para a obra da reedificação contribuíram António Sebastião Marinho Falcão, da casa solarenga de Lamoso, que à sua custa mandou construir o côro, onde gastou trinta mil réis (30.000 réis). António Simões Santiago, do lugar de Cimo de Vila, que do Brasil mandou sessenta mil réis. El-Rei D. João V, com seiscentos mil réis (600.000 réis) dos rendimentos da Comenda.

Eis a Provisão Real:—*D. JOÃO por Graça de Deus Rey de Portugal e dos Algarves daquem e dalem mar em África, Senhor da Guiné, etc. comò governador e perpetuo administrador que sou do Mestrado, Cavalaria e Ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo, faço saber a vós Provedor da Comarca de Vianna, que por resolução minha de dezassete de Março do pres.te anno, fui servido fazer mercê e esmola aos moradores da freg.a de Santiago de Caldelas delhes mandar dar pelo rendimento da Comenda da dita Igreja por serem obrigados à factura della a que não podiam suprir pella sua pobreza, o que visto: Hei por bem ordenar-vos mandeis cobrar dos rendeiros da dita Comenda os ditos seicentos mil reis, os quais mandareis por em deposito em parte segura e abonada, para os mandares entregar aos mestres que fizerem a obra da dita Igreja depois de feita e de assim o executares me dareis conta.*

El Rei Nosso Senhor o mandou pelos D. D. Fellipp de Abranches Castelo Branco e Joseph Simoins Barbosa de Azambuja, Deputados do despacho da mesa

da Consciencia e Ordens: Constantino Pereira da Silva a fez em Lx. a aos vinte de maio de mil e setecentos e cincoenta annos.

Desta régia Provisão há cópia arquivada no cartório paroquial.

A igreja é modesta mas integrada no estilo da época.

Na capela-mór, o retábulo «barroco» foi restaurado em 1937, dourado brunido; encerra ao centro, atrás do sacrário, uma apreciável imagem de Jesus crucificado, tamanho natural, século XVIII; tem do lado do evangelho a imagem do padroeiro, Sant'Iago e da epístola a de São Pedro; na parede, à esquerda, apoiados em mísulas contra as janelas, duas lindas imagens: a do Coração de Maria, do princípio do século XIX e a de Nossa Senhora do Rosário com o Menino ao colo, século XVIII, tratadas com esmero ao gosto da época.

Do mesmo lado, junto do altar sobre plinto, a imagem de Santo Isídoro.

Na nave há quatro altares: dois obliquados entre as pilastras do arco-cruzeiro e as paredes laterais, estilizados e restaurados ao gosto da época de D. João V.

O da esquerda tem na parte mais alta um nicho com a imagem do Sagrado Coração de Jesus, da autoria do falecido escultor Vieira Bracarense, século XIX; a meia altura, em mísulas adossadas, as imagens de S. António e Santa Teresa do Menino Jesus (Santa Teresinha); em outro nicho sotoposto àquele, a imagem de Nossa Senhora das Dores.

No altar da direita, simétrico ao descrito, em largo nicho vê-se a «representação» da aparição de Nossa Senhora de Fátima aos pastorinhos; mais abaixo, noutro nicho, a imagem do Coração de Maria segundo as aparições.

A par destes, há mais dois, sendo um de cada lado, embutidos em arcos abertos no granito das paredes da igreja, perfeitamente iguais, de estilização «barrôca», encimados por largas sanefas da época de D. João V: o da esquerda, dedicado a S. José e em mísulas adossadas, as imagens de S. André e S. Brás. O da direita, com apreciável imagem da Piedade, século XVIII; lateralmente em mísulas, S. João Evangelista e S. Sebastião.

As sanefas, que adornam portas e janelas da cape-

la-mór, são do mesmo estilo do retábulo (barrôco); as da nave de estilo joanino. Foram adaptadas quando dos restauros (1937); antes encontravam-se trocadas.

O púlpito é do mesmo estilo joanino; a pia baptismal, de granito côr de rosa, oitavada, com orla enfeitada de pequenos arcos, está situada debaixo do côro, sob arco aberto no granito da parede, o qual enceira totalmente um painel de azulejos, representando o Baptismo de Cristo e que ali foi colocado em 1937.

Possui três sacristias, duas ao norte, construída uma ao mesmo tempo que a capela-mor, tem fonte purificatória, estilizada, representando cabeça de anjo alado, com torneira metálica. Contém três arcazes, um armário e uma escrivaninha, tudo de boa madeira de castanho da região, bem como o tecto em forma de canhão.

Entre esta e a segunda há um vestíbulo que dá entrada para a igreja e para as sacristias: a da direita tem a forma exterior de capela e está para ser reconstruída.

Possui esta igreja um rico ostensório, século XVIII, de prata, com o pêso de 4,500 gramas; três vasos eucarísticos do mesmo metal; quatro cálices e uma relíquia do Santo Lenho, encastado em uma cruz gótica de prata, que o Ex.^{mo} Vice-Camerlengo D. José da Costa Nunes me trouxe de Roma e por minha vez ofereci à igreja paroquial.

Tem boas alfaias, porém modernas.

A terceira sacristia, do lado sul da igreja, talvez a primeira a ser construída, é do mesmo aparelho do corpo da igreja e de boa cantaria; também possui uma fonte, mas sem interesse. Está em via de restauro e por ela se dá entrada no púlpito por escaleiras de pedra.

No côro notam-se reminiscências do século XVII.

O frontespício da igreja, com seu nicho, volutas, janelas recurvas e a própria estátua granítica de S. Tiago, denota a época joanina da sua construção.

Ao lado, a substituir o primitivo campanário, ergue-se a torre construída em 1857, de cúpula em forma de bolbo, estilo oriental, querendo, talvez, representar a coroa da realeza. Dos seus três sinos, o maior tem esta inscrição:

«QUANDO EU SOAR OUVI-ME»

À entrada da povoação está a ermida de N. Senhora da Saúde, erigida em 1819, reedificada em 1906 e reformada em 1958. É propriedade da Confraria do S.S. Sacramento.

Daqui até ao Cruzeiro da Independência, que no estilo manuelino e projecto por mim delineado se edificou em 1940, estende-se a Avenida Afonso Manuel, de seiscentos metros de comprimento por dezassete de largura, sobre terreno doado pelo benemérito Afonso Manuel Pereira de Azevedo, último morgado da Casa da Boa-Vista e senhor da Casa do Condado de Vila-Chã.

A meio desta encontra-se um modesto monumento que a Junta de Turismo da Estância mandou levantar em homenagem ao doador.

No seguimento da Avenida pela estrada, a ponte, está o edificio escolar de salão duplo, devido ao Estado e à benemerência de José António Gonçalves, de Cimo de Vila, que lhe deixou o donativo de 28.000\$00.

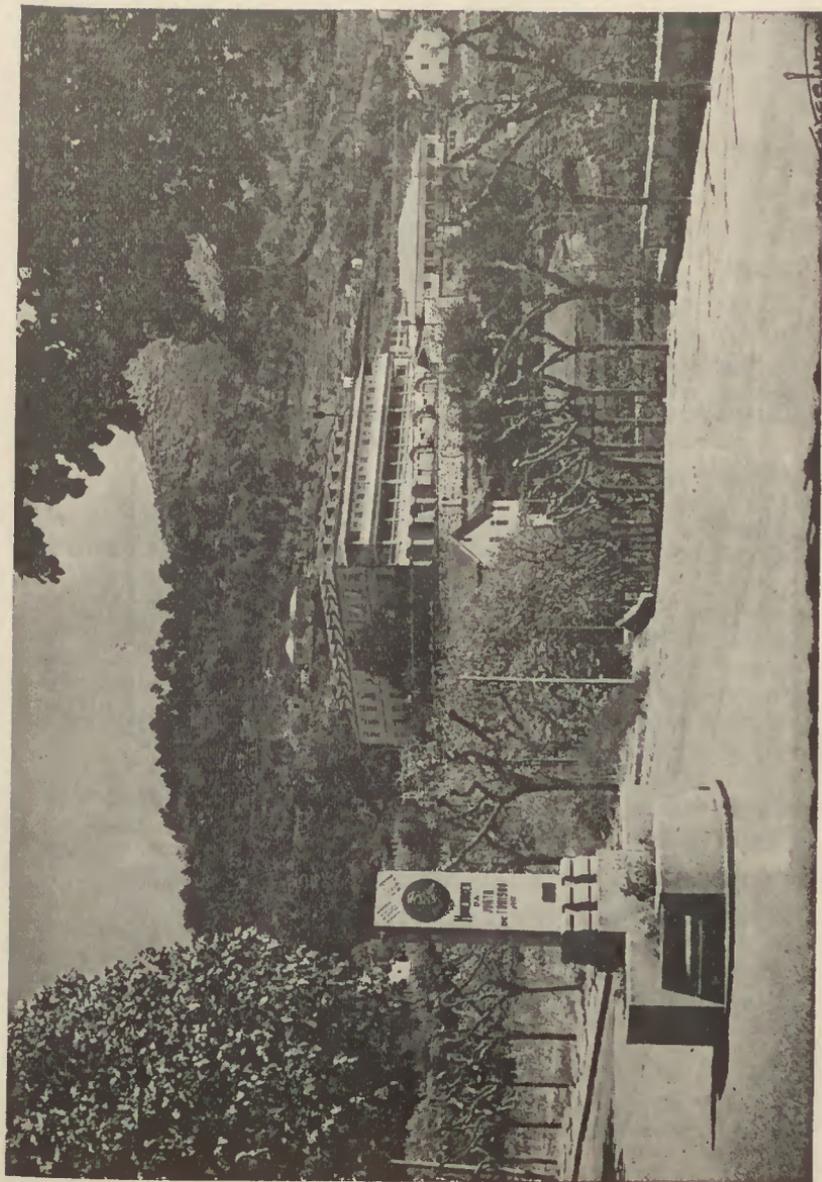
No entroncamento da estrada de Caldelas com a de Terras de Bouro, está o solar de Lamoso, século XVIII, modesto, incompleto; foi primitivamente do Conde D. Real de Lamaós (Lamoso).

A capela do solar, dedicada a Nossa Senhora da Misericórdia, ostenta na fachada os brasões da família.

Subindo agora, a nascente, pela encosta da montanha de S. Pedro-Fins, encontra-se em um ligeiro plano, a meia vertente, sobre o pitoresco lugar de Sernadela, a bellissima capela de Santo Ovídio, 3.º arcebispo de Braga, traçada em cruz de braços iguais (cruz de Malta), abobadada, com lindo retábulo, tudo perfeitamente estilizado ao gosto da época de D. João V.

Fôra uma antiga ermida, que depois um devoto transformou em capela maravilhosa.

Num escudo timbrado pela águia dos Azevedos e colocado entre a verga da porta e a donairoza sinheirinha que remata a fachada, lê-se a inscrição seguinte:



MONUMENTO AO BENEMÉRITO AFONSO MANUEL E HOTEL DA BELA VISTA

JOSEPH
 ALVES DE AZDO SARGE
 NTO MOR NA COMAR
 CA DAS MINAS DO RIO
 DAS MORTES CAVA
 LEIRO PROFESO NA H
 ORDEM DE X NAT
 VRAL DA SIDADE D
 BRAGA MANDOU FAZ
 ER ESTA CAP NO ANNO
 DE 1739

«*Joseph Alves de Azevedo sargento mor na comarca das Minas do Rio das Mortes cavaleiro profeso na hordem de X (Cristo) natural da sidade de Braga mandou fazer esta cap. no anno de 1739*»

No ponto mais elevado da montanha está a capela que lhe dá o nome, dedicada a São Pedro-Fins (S. Pedro na prisão), ermida tosca, antiquíssima, que foi reedificada e ampliada com sacristia em 1869, à custa de um devoto e dos párocos de Caldelas e Caires.

Em 1950 cobriu-se com placa de cimento armado, para evitar os estragos causados pela ventania nos temporais. É *meeira* esta ermida, ali colocada como marco divisório das freguesias de Caldelas e Caires, na qual têm jurisdição os respectivos párocos, anual e alternadamente.

Noutros tempos, no dia da festa que ocorre no primeiro domingo de Agosto, em cumprimento de um voto feito pela Corporação Municipal, era de uso concorrerem todas as cruzes paroquiais do Município, processionalmente; a Corporação assistia formalizada.

Ainda agora há grande concorrência de romeiros.

As ofertas, respeitando costume antigo, fazem-se em frangos.

De uma altitude apreciável, é soberbo miradouro donde se disfruta panorama surpreendentemente belo sobre os vales feracíssimos do Homem e Cávado até Espo-sende, até ao mar....

No flanco, a poente da montanha de S. Pedro, num esporão cónico sobre a freguesia da Portela, dita da Jou-breia, encontram-se vestígios dum *teléfono romano*: torre

quadrada, aberta na parte superior aos quatro ventos, postos semafóricos, com cujo encadeamento os Romanos conseguiram transmitir uma ordem da capital do Império ao ocidente peninsular em dois dias contando as noites, segundo Estrabão, por meio de matracas e fogos.

Mais tarde, ao surgirem os *marcos geodésicos* o povo, por semelhança e com reminiscências dos telefones antigos chama-lhes *talefes*, correspondendo a palavra.

Segundo a tradição, e como refere Pinho Leal, ainda outra capela houve junto às termas, «mandada erigir por um fidalgo de Ponte do Lima para comodidade dos aquistas, a qual foi demolida, em resultado duma demanda entre o fundador e o P. António da Quintã, de alcunha o P. e *Calção*, provando este que a capela estava edificada em terreno seu».

A cerca de dois quilómetros da povoação encontra-se a Ponte de Caldelas (como é nomeada) de cantaria a cavalgar o rio Homem e fazendo ligação com as freguesias de Concieiro e S. Vicente da Ponte (de Caldelas) e ainda para o Alto Minho, cidades de Barcelos, Viana, etc.

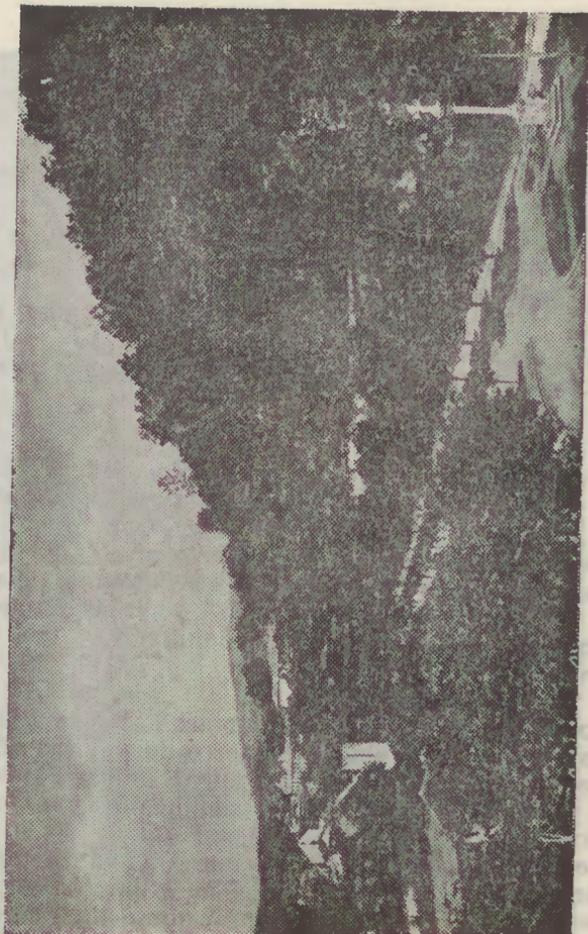
Chamam-lhe vulgarmente — ponte romana — e na verdade dos romanos foram conhecidas e perturbadas as terras convizinhas.

De presumir é que eles tivessem sobre o rio uma ponte, todavia a Ponte de Caldelas actual é caracteristicamente medieval, formada por três arcos desiguais, siglada e de fecho estoriado.

Tem 34 metros de comprimento por 2,63 de largura.

O arco maior mede 13,14 de abertura e 13,88 de altura.

Terminada a feliz intervenção do senhor abade de Caldelas, que antes de mais se agradece, pois veio quebrar a monotonia do longo arrasado em que ia passando o documentário das aldeias que já ficaram para trás, vamos agora tratar de uma freguesia de fidalgas tradições.



Avenida Afonso Manuel e cruzeiro da independência

CARRAZEDO

Esta freguesia está situada em terreno pouco acidentado e passa-lhe pelo centro a estrada do Gerês, que andava em construção por volta de 1874.

Compõe-se dos lugares da *IGREJA, CARRAZEDO, FAIA, BARRIMAÛ, PAREDES, ALEM, PINHEIRO, VILA-MOURE, ROMÃO, QUINTANS, REDEMOINHOS* e *CASTRO*.

Foi antiga abadia da apresentação dos *MACHADOS* da Casa de Castro, que eram simultâneamente senhores donatários desta freguesia e do concelho de Entre-Homem e Cávado.

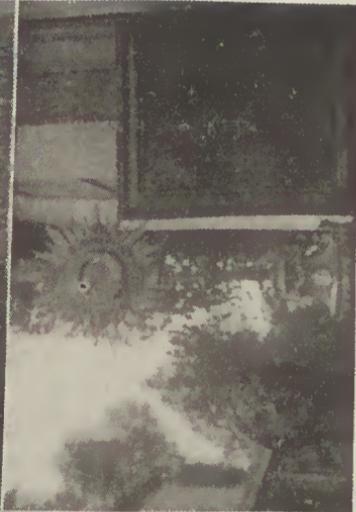
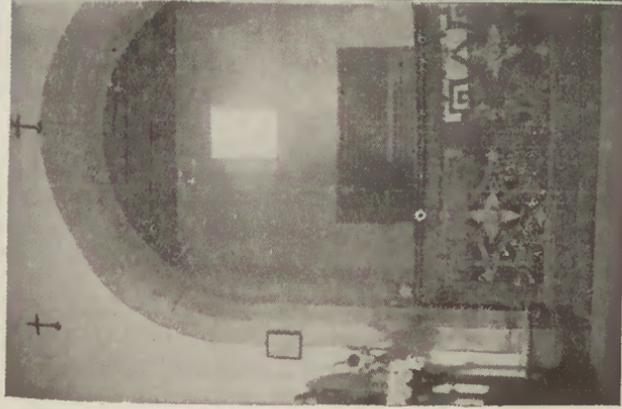
Carvalho da Costa (1706) deu-lhe 66 fogos; pela Co-rografia de Baptista (1875) ia nos 114 com 440 almas; de momento, segundo a estatística paroquial, tem 156 fogos e 550 almas.

O Padroeiro é S. Martinho.

Começa nesta freguesia o ribeiro de *Cães* (decerto chamado assim por ter sido o desterro de muitos) e depois de atravessar a Quinta de Castro, de que passa a tomar o nome, vai por Prosêlo desaguuar no Cávado um pouco acima do barco de Ancede.

Realizou-se aqui a antiga feira concelhia, também às quartas-feiras. Depois mudou-se para Ferreiros, para o amplo terreiro que do facto tomou o nome de *Feira Nova*, por ser o ponto mais central das terras Entre-Homem e Cávado, dada sobretudo a amplitude que tomaram com a anexação das freguesias do antigo concelho de Santa Marta de Bouro.

A outra ficou por algum tempo a chamar-se *feira-velha*, onde está a capela do Senhor da Piedade.



Capela da sepultura e epitáfio de Sá de Miranda. Ostensório de prata. Cabeça de prata com relíquias de S. ta Margarida. Quadro-busto da Virgem, pintado por Montebelo.

Sobre elevação pouco sensível e por entre a verdadeira do arvoredado de beirais de campos cultivados, divisa-se a nobre torre do Solar de Castro, como que a denunciar que seus antigos senhores exerceram nestas terras predomínio e mando.

É quadrada e ameada, com a altura de 14,66; o terramoto de 1755 deitou-lhe abaixo quatro ameias.

O 2.º marquês de Montebelo, D. António Felix Machado da Silva e Castro, imprimiu-lhe as obras de restauro a que se refere a inscrição que se vê no lado norte, por baixo do braço dos Machados:

ESTA TORRE MANDOU REFORMAR
ANTÓNIO E LUIZA SUA MULHER,
SENHORES DONATÁRIOS D'ESTE
CONCELHO, ANNO DE 1699.

Sabe-se que esta nobilíssima Casa, da mais esclarecida nobreza de Entre-Minho e Douro, conheceu os fastos do seu máximo esplendor em D. Manuel Machado de Azevedo e aqui veio descobrir a esposa querida, na pessoa de sua irmã D. Briolanja, o eminente poeta moralista Doutor Francisco de Sá de Miranda, glória das letras nacionais.

Consta que os tectos e as paredes dos salões deste solar eram guarnecidos de pinturas alusivas à vida de Manuel Machado e pescas «miraculosas» realizadas em *Pego Negro*, quadros que mais tarde foram transferidos para a Corte de Lisboa, onde receberam os elogios e as honras devidas aos autores quincentistas.

É fama terem aparecido no passal alicerces e outros vestígios de um antigo edifício e que aqui houve um antiquíssimo mosteiro de freiras beneditinas, que os árabes destruíram. Viviam estas monjas sob o patrocínio de Santa Margarida, virgem; daí a sobrevivência da capela da mesma invocação, à qual se vinculou a Casa de Castro.

Existe ainda e pertence ao seu património uma cabeça de prata, com relíquias da mesma Santa, que o 1.º marquês de Montebelo ofereceu a esta igreja, assim como uma pequena tela representando o busto da Virgem, e da qual o dito marquês foi autor. Tem sido presente em diversas exposições.

A igreja matriz foi reedificada por 1750. Da parte do Evangelho há duas capelas mais antigas— a primeira da Casa de Castro, junto ao arco-cruzeiro, da invocação da dita Santa Margarida, mártir; a segunda de N. Senhora da Apresentação, da Casa da Tapada, jazigo de Sá de Miranda, com o respectivo epitáfio, que já foi descrito.

Pela primeira destas capelas sobe-se ao púlpito, que é um belo exemplar, de barriga, no estilo D. João V, em que se acham integrados o altar mór e os laterais, da capela de Santa Margarida e de frente o de Jesus Crucificado, metido em arco.

Os outros dois, acostados à base do cruzeiro e voltados para o fundo da igreja, sendo à parte do Evangelho o do Coração de Jesus e da Epístola o de N. Senhora do Rosário, obedecem a estilo mais moderno e neste último lê-se sobre o arco da vidraça e em letras doiradas: «*oferecido por M. C. S. Braga 1908*».

A pia baptismal, incompletamente metida em desvão da parede, tem a forma octogonal, com base e taça trabalhadas. Serve-lhe de degrau ou soleira uma tampa de sepultura com inscrição gravada:

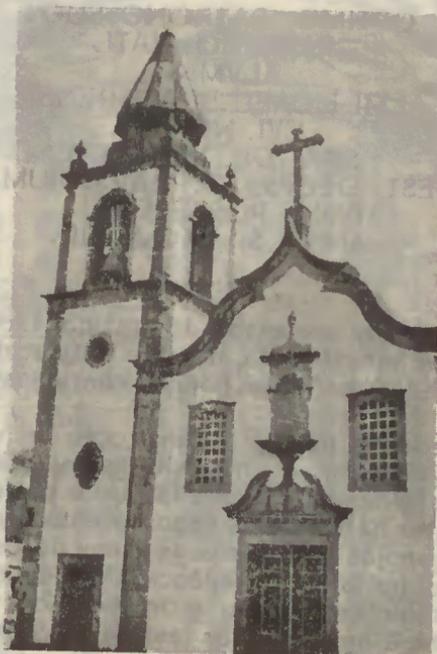
S. A DE P.º TAVEIRA

Ao fundo da igreja encontram-se mais legendas sepulcrais, algumas quase ilegíveis, mas são, como aquela, pedras mudadas.

Na fachada há duas frestas envidraçadas que dão luz para o côro. Sobre a porta principal, um nicho e cavidade onde nunca chegou a instalar-se a estátua de S. Martinho.

No dia 8 de Junho de 1923, os estudantes do Liceu de Braga, de romagem ao túmulo do seu insigne patrono, fizeram colocar exteriormente, voltada para a estrada, uma lápide de mármore com esta inscrição:

FRANCISCUS DE SAA. DE MIRANDA
HOC MONUMENTUM
SIBI SVISO. ELIGIT.



Igreja de Carrazedo

É certo que a Igreja de Carrazedo, no entanto, embora de caráter de igreja inteiramente des-
nada de arte e ornamentação, não carece, porém, de
monumental importância de momento arquitetônico.
O templo apresenta a arquitetura maneirista de uma
muito do momento barroco, com uma torre sineira e
sempre presente e sempre bem alto os seus propósitos
de modestia e de recolhimento.
Mas estas poucas palavras encontram-se no ma-
nuscrito estado de conservação, talvez ao espantoso, como
além seja o todo da igreja.

FRANCISCUS. DE SAA. DE . MIRANDA
HOC. MONUMENTUM
SIBI. SVISQ. ELEGIT.

OPTIMO. PATRONO. SUO.
INSIGNIQ. VATI.
ALVMNI.
ALMI. LICAEI. BRACARENSIS.
CVI. NOMEN.
SAA. DE. MIRANDA.
EST. DECVS. ET. PRAESIDIUM.
HVNC. POSVÈRE.
ANNO. S. = MCMXXIII.

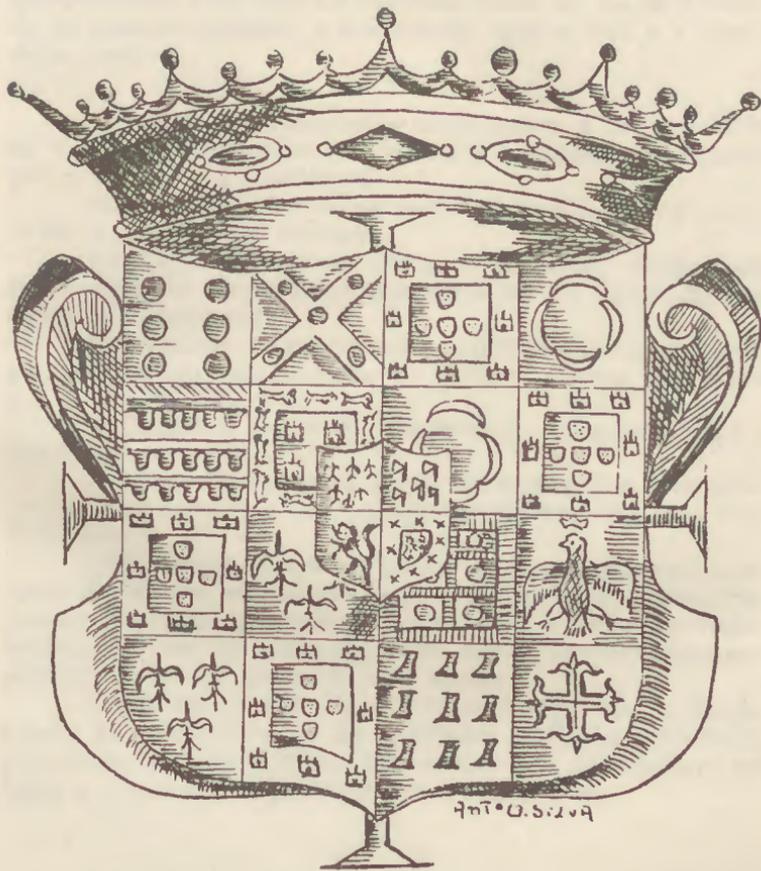
trabalho do ilustre professor do mesmo Liceu, dr. José Joaquim dos Santos Mota, nascido e falecido Entre-Homem e Cávado, que muito honrou com a justa fama do seu saber.

Planeou-se depois a construção de um mausoléu, onde se guardariam as cinzas do insigne cultor da poesia, mas a ideia, felizmente, não passou do projecto.

Separar na morte os esposos enternecidos; escolher entre os despojos de muitos de seus descendentes, que ali se lhe foram juntar no silêncio do túmulo, os de Sá de Miranda, seria profanação e irreverência, porventura a maior ofensa à memória dos assinalados preconceitos do grande moralista.

É certo que jaz no chão raso e térreo, no estreito recinto da capela da Tapada, de paredes inteiramente desnudadas de altar e ornamentos; não carece, porém, da munificência architectónica de monumento sepulcral a em prestar grandeza à que reside na simplicidade da vida e da morte do eminente personagem cujos restos encerra e sempre praticou e apregoou bem alto os seus propósitos de modéstia e de recolhimento.

Mas essas paredes singelas encontram-se no mais precário estado de conservação, dadas ao abandono, como aliás está o todo da igreja.



Brasão de Montebelo

Embora o luxo e a grandeza sempre repugnassem ao espirito do Honiem, solicita-se a atenção das entidades competentes para que no modesto coval de Sá de Miranda se ponha o asseio e a decência que o brio e a dignidade impõem.

* * *

O passal e a residência começaram a ser vendidos do tempo da Monarquia. Depois a freguesia readquiriu parte, inclusive a residência.

No sítio da feira-velha, junto à estrada, está a capela de N. Senhor da Piedade.

No lugar do mesmo nome, a de Santo António do Pilar, *meira* com Fiscal por situar-se no limite comum das duas freguesias.

O elegante cruzeiro paroquial tem mais que o vulgar, constando de coluna de ordem dórica encimada por uma bela cruz.

A Confraria do S. S. Sacramento é muito antiga e regida por estatutos.

A pequena distância, a NE da matriz, fica o cemitério, junto à estrada e entroncamento da que liga com a de Besteiros.

Assevera P. Leal que havia aqui antigamente o costume de pôrem, sobre as campas dos parentes falecidos, mesas cheias de iguarias e ali comerem e beberem regaladamente, não se esquecendo de meter também nas sepulturas parte do conteúdo dos pratos.

Como em demais casos frequentes, grande confusão houve da parte do autor de «Portugal Antigo e Moderno», porquanto não se colhem elementos que certifiquem tal facto e por isso categoricamente se contradiz.

* * *

Voltando a observar o chão da igreja, verifica-se que o pavimento da capela-mór é inteiramente ocupado por três sepulturas, com inscrições quase gastas de que já se fez menção; a do centro está assinalada pelo brasão, também bastante apagado, de Montebelo.

À entrada da igreja, ainda no recinto do anteparo, foi sepultado o que seria 3.º marquês do mesmo título,

por sua última vontade e disposição «*de ficar onde todos o calcassem*».

A lousa sepulcral, emoldurada de altos e baixos relevos, e uns florões nos cantos, tem gravada apenas a expressiva legenda :

«AQUÍ JAZ HUM PECADOR ROGAI A DEOS POR ELE».

Esta lição responde de modo eficaz e com a maior das eloquências a todos os críticos e detractores dos antigos fidalgos de Castro, os quais só viram e apreciaram a faceta que lhes conveio, para arrastar pelas ruas da amargura uma classe digna de melhor respeito, néscios de que, se ela não fora isenta de pecados, como o comum dos mortais, é bem evidente que as chagas da humanidade também nunca serviram de motivo de exemplo e edificação.

Empenhados em provocar a derrocada de uma estruturação social, assoalhou-se com o mesmo desafôro o viver íntimo de famílias destacadas, como a vida dos cláustros; e o clero e a nobreza carregaram com o péso do sarcasmo e da ironia que a mentalidade de uma época desvaivada quis imprimir-lhe e trazer a público, numa especulação acintosa e mórbida de todos quantos pecados e vícios verdadeiros ou fantasiados o doentio romantismo vingou espalhar aos quatro ventos.

Tem-se acusado o 1.º Marquês de Montebelo de se atribuir pergaminhos e arrogâncias que não possuía, quando é certo que também não precisava mais que dos próprios para enobrecer-se.

Através de «O Poeta do Neiva» é zurzido pela pena do autor, sempre que uma ligeira referência o põe a jeito; e então, na «nota final» o autor escarpeliza Montebelo com uma maledicência cruel, atingindo-o na intimidade, a deixar transparecer à sensibilidade de quem pode analisar com isenção as pessoas e os factos, que o apelido comum de «Machado» faz supor, ali verteram no papel, em vez de tinta, rancores e vinganças.

Incorreu em erros nas suas obras e escritos? Praticou inexactidões no vasto e difícil campo dos nobiliários e das geanologias?

E quem há que possa considerar-se infalível no que diz e escreve?

Montebelo nem por isso deixou de produzir um trabalho sob todos os aspectos útil e interessante. Com a protecção que dedicou a Manuel de Faria, igualmente caluniado, é digna de um mais justo critério a apreciação da sua obra literária; de maior consideração e respeito a sua memória.

É certo que o demo quis enredar estes solares altos da Religião e da Nabreza nas tramas urdidas pelo despeito e ciúme.

Ainda na plena idade-média, reinando Sancho I, Bouro-Lanhoso ter-se-iam prendido num traço de união e escândalo e D. Rui Gonçalves Pereira de Berredo, que tinha partido para o Sul a dar nos mouros, voltou ali de súbito, em galopada vertiginosa, a vingar de modo sumário e manifesto, pelos clarões das chamas ateadas no castelo, a honra que lhe diziam atraçoada em seus próprios paços.

Séculos volvidos, a mesma tragédia desenrola-se entre Rendufe-Castro; e, acordados os velhos pundonores da fidalguia, não cabiam em si nem se continham, que não caissem, com a natural violência, que sempre os caracterizou, no abuso de julgar sem apêlo nem agravo, fazendo justiça por suas mãos, quando mesmo se vislumbra-se ligeira ponta de ultraje.

Francisco Machado, 4.º senhor de Entre-Homem e Cávado, que despreocupadamente divagava caçando por montes e vales, não longe do seu solar, entrou-lhe na alma o veneno da intriga, lavando em sangue, talvez innocente, o crime de que lhe acusavam a esposa, com a cumplicidade do comendatário de Rendufe.

Sem pretender ilibar de culpas, que só Deus pode julgar, estes e outros graves desmandos fizeram estremecer o pesado edificio social, para a seu tempo cairem na boca do mundo letrado, que então cavou mais fundo em seus alicerces.

* * *

A torre de Castro teve todas as características de uma antiga fortaleza medieval.

Era circundada de fosso profundo e espessas muralhas de que ainda restam vestígios; servida por uma ponte levadica.

Sobre um elevado terraço das mesmas muralhas erguia-se ainda a velha capela, que foi da invocação do Espírito Santo.

Todo este seu primitivo perfil pode observar-se por miudo em uma valiosa pintura sobre madeira, peça que foi dos antigos painéis do tecto do grande salão nobre, representando a entrega solene da Casa de Castro e de todos os seus senhorios a D. Margarida Machado, depois de uma porfiada demanda que houve com os Coelhos.

Teve esta restituição a presença dos « juizes de fora » do Porto, uniformizados ao sabor do tempo e que aqui vieram expressamente a proceder a esta festiva cerimonia.

Esta e outras preciosidades já referidas, que tinham sido levadas à capital e lá demorado nas galerias de arte dos senhores Condes da Figueira, o seu regresso aos salões de Castro, ao senhor D. Nuno se deve o generoso cuidado de trazer novamente aos salões deste histórico solar o que o tempo poupou do seu antigo recheio e nele abunda vasto pecúlio de manuscritos e pergaminhos, com o respectivo « *Index geral do Cartório* » mandado elaborar em 1807 por D. Luis Machado.

É longa essa lista e só ela daria elementos e copiosa ilustração para uma razoável monografia.

De um antigo friso ou cercadura, que emoldurava as pinturas do tecto, ainda ali se conservam três táboas soltas, postas com intuitos de preservação como sanefas de algumas portas interiores, contendo seis brasões cada uma, a saber: *Castros, Silveiras, Henriques, Saldanhas, Castelo- Branco, Oliveiras, Silvas, Machados, Azevedos (antigo), Goios, Coelhos, Peixotos, Lobatos, Zunigas, Vasconcelos, Barretos, Oroscos, Mendonças, Eças.*

Dos pergaminhos destaca-se uma « carta de mercê » por que Filipe III fez *Conde de Amares* ao senhor D. António Machado da Silva 2.º marquês de Montebelo, mas não teve efeito (como diz no verso da mesma) porque teve lugar 24 anos (1664) depois de ser aclamado D. João IV em Portugal; sendo que a concessão teve lugar du-

rante as guerras da Restauração e o castelhado decerto tinha esperança de vencê-las—o que lhe saiu ao contrário.

O que é notório é intitular-se ainda rei de Portugal, daquém e dalém, etc. etc. e firmar depois a sua assinatura F. com a «cruz das cinco **Chagas**?!..

*

* *

Partindo do ponto em que se ficou no Cap. « *Dados históricos do Concelho* », relativamente aos últimos donatários de Entre-Homem e Cávado, que foram os primeiros condes da Figueira, sucederam-lhe:

D. José Luis Machado de Mendonça Eça Osório de Castelo-Branco Vasconcelos e Sousa, 2.º conde da Figueira, que casou c. D. Isabel Maria de Oliveira Pinto de França, filha dos 1.os condes de Fonte-Nova; entre outros filhos, tiveram:

D. Luis José Machado Castelo-Branco Mendonça Eça Castro Vasconcelos e Sousa, 3.o conde da Figueira, casou c. D. Francisca Xavier Rolim de Moura, filha dos 3.os condes de Azambuja.

Como não houve geração, o solar de Castro veio à posse da irmã, *D. Maria Amália*, que nasceu a 1 de Junho de 1859 e casou c. José de Carvalho Daun e Lorena, filho dos 5.os marqueses de Pombal.

Entre outros filhos:

D. Bento de Carvalho Daun e Lorena, nasceu no palácio dos Condes da Figueira, à Rua de S.to André, em Lisboa, no dia 15 de Janeiro de 1890 e casou a 25 de Outubro de 1913, com D. Ana de Jesus Maria de Mendonça Rolim de Moura Barreto, filha dos Condes de Azambuja, a qual nasceu no dia 2 de Junho de 1895.

São seus filhos:

D. José do Carmo Daun e Lorena, n. no mesmo palácio no dia 2.IX-1917; casou c. D. Isabel Falcão Trigo^{so} e Vasconcelos.

D. NUNO LUIS DE CARVALHO DAUN E LORENA, nasceu no mesmo palácio no dia 19-IV-1922; casou no dia 12 de Abril de 1950 com D. Maria Ana Pereira da Cunha, filha de D. António Pereira da Cunha e de D. Maria Ana de Cabedo de Vasconcelos.

Entusiasta de sempre pelos assuntos da Agricultura, assiste no seu histórico solar e Quinta de Castro e com generosa abdicação do conforto e mimos da cidade, operada a profunda transformação que se verificou neste espaço de século, é o primeiro a servir a terra de Amares, que foi de seus ilustres antepassados.

É o actual Presidente da Câmara.

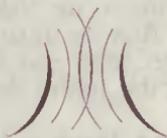
D. Maria Benardina... que nasceu no mesmo palácio no dia 23-XII-1925.

D. Jorge... nasceu na Quinta de Travassos (Régua) no dia 22-V-1927.

D. Maria Amália... que nasceu na mesma Quinta no dia 2-X-1929.

De Sancto Martino de Carrazedo...

Das Inquirições de 1258, consta, relativamente a esta colação, que *a quinta de Castro que foi de Rui Vicente de Penela se ha provado que es honra desde que se acordam as testemunhas. Este honrada porque hes de hidalgos, enquanto for de hidalgos.*»





As armas dos Machados pela reforma de D. Manuel.

*(Gravura gentilmente cedida pelo Ex.^{mo}
Senhor D. Nuno de Carvalho Daun e Lourena)*

DORNELAS

Situada em terreno bastante acidentado, na vertente do Cávado, é abrigada do norte pelo monte de S. Tiago, ramificação de S. Pedro-fins. Tem nas suas faldas espessa vegetação, vastos pinheirais, oliveiras, castanheiros, carvalhos e outras árvores silvestres, sendo por isso bastante abundante de lenha, bem assim de caça miuda.

Compõe-se dos seguintes lugares:

Lage (Séde da igreja paroquial) *Igreja, Seloueiros, Souto, Tal-rio, Eira-vedra, Passos, Outeiro, Carvalho, Golpillhães, Monte de Alêm, Pinheiros, Sobreiro, Perro, Santinha, Chelo, Motrena, Obra, Pedra, Barbadães, Funtão, Pardinheiro.*

Têm a sua origem nesta freguesia os ribeiros *Pogido* e *Cascalhais*, que desaguam no Cávado com 2 quil. de curso.

Em 1706 tinha 77 fogos; em 1875 ia nos 123, com 464 almas; agora a estatística paroquial dá 146 fogos e 600 habitantes.

Foi antiga abadia da apresentação da mitra. Padreiro—S. Salvador.

Esteve no extinto concelho de Santa Marta e comarca de Lanhoso; foi de Entre-Homem e Cávado até 1834 e voltando ao anterior, que foi suprimido, veio definitivamente para o de Amares por decreto de 24 de Outubro de 1855.

Nos limites desta com a de Goães, esteve até há pouco tempo o chamado *cruzeiro do couto*, que alguns indivíduos desta última freguesia arrancaram e transferiram para o respectivo cemitério, com receio de que levasse descaminho.

Tem a seguinte inscrição:

AQUI COMEÇA O COUTO
DO MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE BOURO
O QUAL DOOU D. AFONSO HENRIQUES,
PRIMEIRO REI DE PORTUGAL.

A igreja paroquial, sita junto à estrada, mostra, interiormente, certa riqueza de talha e adornos.

O altar-mór, renascença decadente, está em razoável estado de conservação e doiramento. A tribuna, mais deteriorada, é defendida por retábulo moderno sobre matéria plástica ou cartão. Um lindíssimo sacrário, mas a cúpula é moderna.

Obedecendo ao mesmo conjunto, o arco cruzeiro é circundado a toda a sua volta, e de alto a baixo, por obra do mesmo estilo, coisa invulgar; à base, voltados para o fundo da igreja, os altares laterais, sendo do lado do Evangelho o de N. Senhora do Rosário e da Epístola o de S. Sebastião, com imagens antigas e valiosas.

Também à parte do Evangelho e logo abaixo, formando pequena nave, com abertura em arco guarnecido de sanefa, a capela privativa do Senhor dos Passos e em forma de gruta o altar de N. S. de Lurdes; na caixa do altar uma urna envidraçada, com o Senhor Morto.

Do lado oposto, metido em arco, está o de N. Senhora das Dores.

Há mais um altar do lado do Evangelho, do Sagrado Coração de Jesus e Maria, estilo recente.

O tecto é de madeira, caixotão, renascença, com florões, o doirado desapareceu. Dele pende um lustre de cristais, electrificado.

Nas pedras do arco cruzeiro ainda se descobrem alguns sinais de que foram revestidas de pinturas que o tempo apagou.

As grades que dividem o corpo da igreja, assim como as do côro, estão no estilo joanino.

A pia baptismal, oitavada, tem na base a data de 1689.

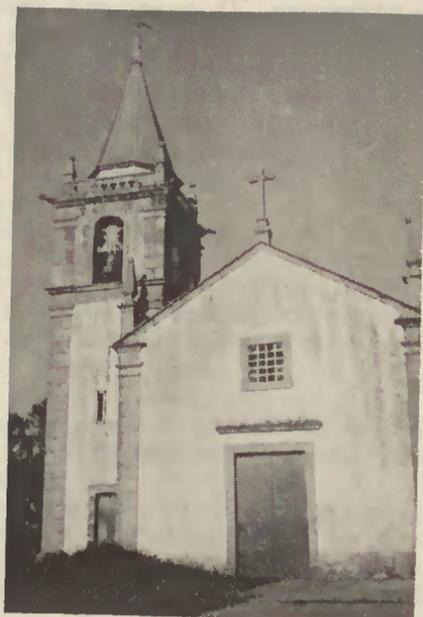
As imagens, todas revelam antiguidade e um primor de escultura;

A de N. Senhora do Fastio, século XVI, esteve presente na Exposição do Ano Mariano.

A de N. Senhora do Rosário e a da Imaculada Conceição, século XVIII.

Ao lado do altar-mór está uma credência, cuja base ou pé representa uma effigie de mulher.

Possui um rico ostensório ou custódia, estilo renas-



Igreja Matriz de Dornelas

cença, de metal doirado, jóia rara.

Tem um magnífico paramento francês, de damasco, antigo, século XVIII, côr branca com ramagens, galões de lhamas de prata doirada; consta de casula e acessórios.

O púlpito é joanino e muito interessante.

Pouco vulgares nos arquivos paroquiais, tem aqui as *«Constituições Sinodais do Arcebispado de Braga, ordenadas pelo Arcebispo D. Sebastião de Matos e Noronha no ano de 1639 e mandadas imprimir a 1.ª vez por D. João de Sousa, arc. po de Braga, em Jan.º de 1697»*; também existe o *«Livro do Tombo da freguesia de S. Salvador de Dornelas»*.

A confraria do S. S. Sacramento tem estatutos de 1779, e, conforme consta da sua introdução, o Sacramento foi instalado aqui em 1703.

As de Senhora do Rosário e de S. Sebastião tiveram existência separada, mas agora andam juntas; esta última tem «breve pontifício» de 29 de Agosto de 1733.

O adro é, em parte, lageado com tampas de sepulturas, muitas delas numeradas e possivelmente trazidas do interior da igreja, quando se procedeu ao soalhamento.

O passal começou a ser vendido no tempo da Monarquia; adquiriu-se depois outro e uma residência, que não são os antigos.

Tem cinco capelas, sendo as duas primeiras públicas e as outras de particulares:

N. Senhora do Fastio, no lugar do mesmo nome, de grande devoção ao perto e ao longe, a imagem, de granito da região, ricamente pintada, com a respectiva pianha; a sua festividade é em Julho.

S. Tiago, está em ruínas, no topo do monte da mesma invocação.

Foram edificadas em princípios do século XVIII.

A de N. Senhora do Resgate está há muito profanada; o mesmo acontece a respeito da de *S. Pedro ou Santa Marinha*, da casa Arantes; a de *S. Francisco*, no Outeiro, infelizmente para lá caminha e só há que lamentar que vão desaparecendo estes bens e valores culturais, por se encontrarem em mãos que não sabem dar-lhes o devido apreço.

É nesta freguesia a antiquíssima torre e solar de *Ornelas ou Dornelas*.

Consta ter sido dos Francos, que descendiam da casa real de França.

Chama-se *torre do Outeiro*, é quadrada, com uns 14 metros de altura; já não tem ameias.

Pagavam-lhe dantes os foreiros, anualmente, 15 varas de bragal.

Diz-se que foi constituída pelos moldes da *torre de Vilar*, em Figueiredo, de que nem vestígios existem.

Referiu-se em devido lugar que D. Teresa Anes de Vasconcelos, foi mulher de João Fernandes, senhor desta torre e tronco dos deste apelido de «Dornelas»; irmã de Rodrigo Anes que casou por sua vez com D. Mécia Rodrigues de Penela, filha do que então era senhor de *Cras-to*, como atrás se disse.

A capela de S. Francisco, anexa ao solar, com bellissima talha em seu altar, «renascença», entrou nele o apodrecimento pelo telhado em ruínas. Já foi reparado, mas tarde demais.

O frontal, do mesmo estilo, é de magnífica talha e de razoável estado de conservação. Tem ao centro o emblema do padroeiro—os braços em cruz, com roupeta.

As portas laterais do altar, têm uma *anno* e a outra 1772.

Está sepultado nela o P.e Francisco Teixeira que foi dono deste solar e quinta.

Tinha côro com serventia exterior e na frontaria a estátua de S. Francisco, de pedra.

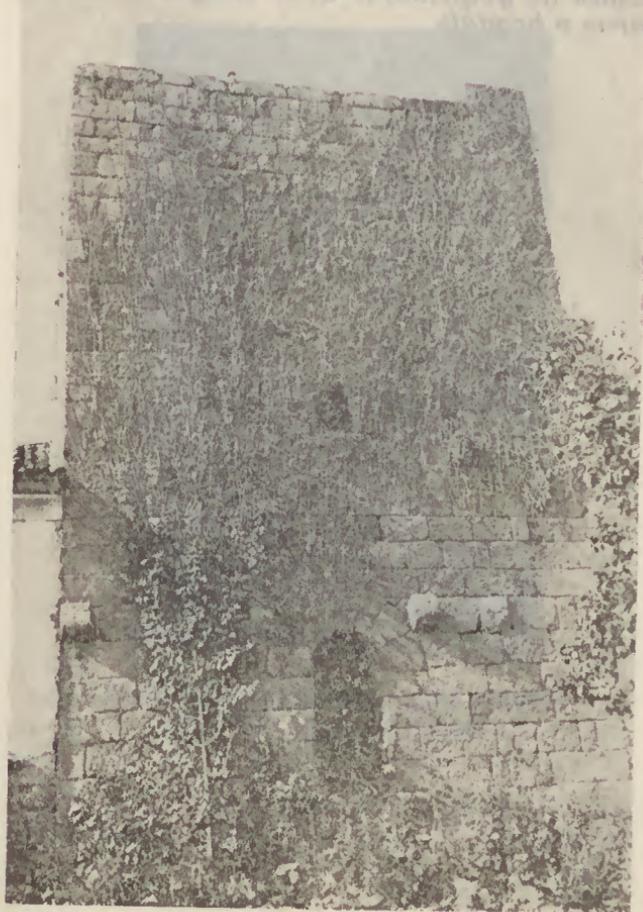
Ao lado da Capela, e sobre o portal, está o brasão dos «Teixeiras».

Na padieira de uma porta do andar nobre do modesto solar em ruínas, tem a seguinte inscrição:

«fr.^{co} de Sousa teix.^a e sua me.^r esabella Oliveir.^a mandarão fazer estas casas forão comesadas no anno de 1672 + 1682».

Na verga de outras portas do andar inferior lê-se datas de 1616.

O foral novo, dado por D. Manuel a Entre-Homem



Torre e Solar de Ornelas ou Dornelas

e Cávado, trata, como se viu, desta freguesia, com a diferença que, onde havia de dizer «Dornelas», vem assim:

*«E na freguesia DO DIVELAS pollos dous
casaes de golpelhares dous bragaes de sete
varas o bragal».*





**Custódia da Renascença, cobre dourado;
havia uma igual em Palmeira**

F E R R E I R O S

Está situada quase em planície; no entanto, disfruta de amplos e belos horizontes .

Conquistaram fama de serem geralmente muito formosas as mulheres desta freguesia, decerto por saberem melhor que noutras partes cuidar de seus arranjos e atavios.

Mais conhecida por *Feira-Nova*, desde que o mais importante e concorrido mercado concelhio aqui se fixou definitivamente; com a sua privilegiada situação, relativamente a todas as terras de Entre-Homem e Cávado, com o seu vasto terreiro no ponto crucial de toda a sua rede de comunicações. como vem a denunciar-se de remotos tempos, a Feira-Nova é, sem dúvida, já hoje o centro vital da região e os seus destinos estão postos em mãos de uma população unida e compreensiva, enérgica e bairrista, e que não ignora nem despreza essas naturais vantagens do seu engrandecimento a breve prazo.

Este interesse e aspirações vêm de longe; já no «*Minho Pitoresco*» (1886) se observa: «Cremos até que a Feira-Nova se propõe disputar primazias com Amares, e que pretende para si os foros de villa, que a esta pertencem...»

Esses foros ou regalias já os usufrui pelo decreto n.º 40.251, de 8 de Julho de 1955, como foi referido; o seu desenvolvimento comercial e industrial a bom caminho, com o tempo e boa vontade, fará o resto.

O autor da citada obra descreve em seguida um episódio com o serviço postal, cuja estação então era na Feira-Nova.

A sua feira foi outrora muito concorrida de gado vacum e não se compreende por que o não é agora ou venha a ser no futuro.

* * *

Em 1706 andava por 96 fogos, a sua população, segundo Carvalho da Costa; em 1875, pela Corografia de

Baptista, ia nos 222, com 844 almas; de momento e de acordo com a estatística paroquial, tem os seus 350 fogos por 1.400 almas.

Distribui-se pelos lugares de *Além, Bãrrio, Bela-Vista, Bornaria, Casais, Corredoura, Igreja, Lage, Feira-Nova, Outeiro, Monte de Baixo, Monte de Cima, Novo, Sertão, Rio-Bom, Vasconcelos e Vivirelos.*

A Padroeira é *Santa Maria*, ou N. Senhora da Espectação ou do O'.

Era abadia da apresentação da mitra.

A igreja matriz é um belo e vasto templo, edificado sobre pequena elevação e quase na extremidade oriental da freguesia.

Foi levantada em 1802, à custa do povo da paróquia; o adro foi composto em 1844, também à custa dos fregueses.

Sobe-se para ele por três lanços de escadaria; em cada um houve o seu cipreste e sepulturas, até que se construiu o cemitério no espaço compreendido entre a igreja e a estrada.

A velha matriz ficava um pouco a sul desta, dentro do quinteiro da antiga residência e passal anexo, adquiridos por particulares, e onde ainda recentemente tem aparecido, campas, ossadas e outros vestígios dela.

Em uma pedra rectangular, que se encontra à base da torre, tem a seguinte inscrição voltada para cima:

JOSE NARCISO DA SILVA
MANDOU FAZER ESTA
TORRE DAQUI P.^a CIMA
A SUA CUSTA — 1844.

Tem relógio de torre; na fachada da igreja o monograma com as iniciais entrelaçadas A. M. (Ave Maria).

Interiormente, o esmerado asseio que a decência do culto exige, a começar pelo magnífico altar-mór, visto à luz coada pelos ricos vitrais.

A volta do arco-cruzeiro é guarnecida de sanefa, com boa talha e doirados.

À base, da parte do Evangelho, o altar do Coração de Maria e do outro lado o do Coração de Jesus.

Logo with initials of the author of the work. The text is mirrored and difficult to read.



Igreja Matriz

Text at the bottom of the page, likely a description or historical context of the church. The text is mirrored and difficult to read.

Logo junto, metidos em arco, daquela parte o de N. Senhora de Fátima e à Epistola o de S.to António e S.ta Filomena.

Quase ao fundo da igreja, abaixo das portas laterais, os de N. Senhora de Lourdes e de S.ta Teresinha.

A pia baptismal, inteiramente circular até à base, está metida completamente em desvão da parede.

Possui no côro um órgão de razoável tamanho e sofrível estado de conservação.

Na abóbada, uma pintura oval, representado a Assunção.

Tem dois púlpitos frente a frente.

Sobressaem os artísticos vitrais de que foram dotadas as quatro largas frestas da capela-mór, as quatro do corpo da igreja e a do centro da fachada, que dá luz para o côro.

Foram colocados há cerca de 30 anos, oferta de um devoto, Senhor José Maria Ferreira de Abreu, já falecido, e custaram oitenta contos.

O cruzeiro paroquial está situado a meio do terreiro da *feira*.

Defronte da igreja e à margem da estrada, está uma capela de boa construção, que tem sobre a porta a seguinte legenda :

*MILAGRE QUE FEZ
O SENHOR DOS PASSOS
A J. M. ROZ. O QUAL
MANDOU FAZER À SUA
CUSTA A OBRA DE PEDREIRO
—EM 1880—

As confrarias do S. S. Sacramento e a de N. Senhora do Rosário vão entrar em maior actividade.

Ao fundo do largo da feira, perto do edifício escolar do Plano dos Centenários e meio escondida entre ramagens de quintais e hortas, está outra capela, de particulares, dedicada a Santa Catarina.

Foi dos Baratas. Sobre a porta principal tem esculpida a era de 1661. Nas pedras que sustentam as colunas do alpendre :



Um dos artísticos vitrais da igreja de Ferreiros

«ESTA OBRA MANDOU
FAZER O P.^o JOÃO AIZ
ANNO 1707»

Aberta a porta, depara-se com o seu impecável estado de conservação e zêlo, circunstância que depõe a favor de seus actuais possuidores.

O altar é todo de pedra, menos o interessantissimo frontal antigo, de madeira com um colorido de arabescos.

No pavimento, ao centro, o seguinte epitáfio :

S. A
DO P.^o JOÃO AIZ
ADMINISTRADOR DESTA
CAPELA 1708

Também aqui existe a nobre e antiga «Casa da Corredoura» que foi do Dr. António de Amorim Soares de Azevedo.

Na Bornaria o chamado «*paço novo*» que foi de Gomes Machado de Azevedo, que se supõe ter sido quem primeiro escreveu a «Vida de Sá de Miranda» e de quem era sobrinho por D. Briolanja.

Tem na portaria ameada o respectivo brasão e dentro, no quinteiro, algumas ruínas e vestígios da passada grandeza.

Celebram-se aqui todos os anos, e cada vez com moior brilho, as já afamadas e tradicionais festas em honra de S.^{to} António.

SANTA LUZIA

No lugar de Vasconcelos, junto às ruínas do histórico solar, a ermida de Santa Luzia tem sobre a porta principal a seguinte inscrição :

«ESTA CAPELA HE SAGRADA
E SEGUNDA VEZ REEDI
FICADA TEM RELIQUIAS
NO ALTAR & INDULG».

Consta que, em tempos recuados, se juntaram aqui três prelados existentes na Família de **Vasconcelos**, os quais procederam à sua sagração.

A pequena distância está o cruzeiro privativo de Santa Luzia.

Na fachada da capela, notam-se a descoberto uns ornatos em relêvo, forma — cruz de trevo de quatro folhas, restos da primitiva construção, que foi a «românica», como a do velho e arruinado solar.

* * *

Há coisas tão naturais e correntias que até passam despercebidas, quando não entra com elas a tirar partido romanesco, a deformá-las e complicá-las a fantasia da intellectualidade.

Isto de cada indivíduo ou família, cada aldeia, povo ou cidade, mister ou officio terem um santo seu patrono, um anjo da guarda, é tendência de todos os tempos e de todas as gentes, às vezes das menos crentes.

De modo geral, encontram-se vinculados a um advogado celestial de particular devoção todos os solares da velha fidalguia nortenha e ainda os da tradicional burguesia rural, em suas casas «acapeladas» e cruzes de granito ao alto, entre ameias e guardas, nas portarias francas entrelaçadas de hera e trepadeiras.

Recorda-se aquele caso indigno e violento, que só a brutalidade do tempo explica, o de *D. Ordonho*, em que se radica a vasta progénie de «*Vasconcelos*» :

Afonso IV de Leão, sentindo fraca propensão para governar, abdicou a favor de seu irmão Ramiro II e encerrou-se em um convento.

Mas, instigado depois por seus três primos co-irmãos, *D. Afonso*, *D. Ordonho* e *D. Ramiro*, filhos de Fruela II de Oviedo, saiu a exigir de novo a coroa, pela força das armas.

Ramiro II, tão sanguinário e cruel como cioso do trono, mandou que lhe arrancassem os olhos.

Era então assim, por estes meios brutais, que os homens não hesitavam em afastar do poder os seus contrários.

Depois, entre outros, os mosteiros de Sahagum e

Localidade serviram de talho local de este, tendo
práticas e rituais, quando por vezes se realizavam
no fim de cada período de seu tempo.

Em mais de uma e também foi, que se tornou em
os cristos e outros para a construção de igrejas, como
se vêem nos sobranceiros monumentos de pedra de
o fim de se

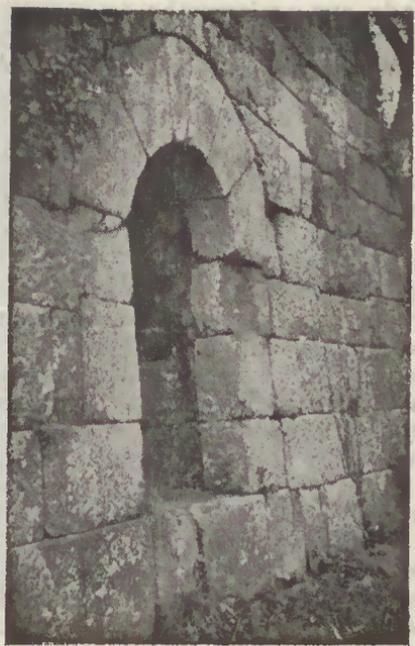
uma das ar-
de la de Jorge
nabacia a

maior parte
para as li-
dada que
nabacia a
de la de Jorge
nabacia a

de la de Jorge
nabacia a

de la de Jorge
nabacia a

de la de Jorge
nabacia a



Portada das ruínas do Solar e Honra de Vasconcelos

de la de Jorge
nabacia a

de la de Jorge
nabacia a

Tordezilhas serviram de retiro forçado a reis, rainhas, príncipes e princesas, quando convinha sepultá-los vivos longe do bulício político do seu tempo.

Em meio da longa e renhida luta, que se travou entre cristãos e moiros para recuperação da Espanha, como se exigia que os soberanos possuíssem os dotes de bravura e ferocidade que os impunha ao respeito e temor de seus inimigos; e só por este modo se explica uma tão arbitrária forma de sucessão dinástica, sujeita à lei da força e da violência, a que a tal respeito às vezes obedecia a posse do trono.

Porém, se é certo que o ocuparam na maior parte monarcas verdadeiramente enérgicos e hábeis para as lides constantes das batalhas, não está fora de dúvida que tais excessos também tiveram as suas graves consequências, e não foi a menor delas chegarem a aliar-se alguns príncipes cristãos com os próprios infiéis para destronarem os seus rivais, ou de qualquer modo sustentarem na cabeça a coroa ameaçada.

O progenitor dos Vasconcelos ficou assinalado para sempre, na história destes acontecimentos, por *D. Ordonho—O Cego*.

Avalia-se a dor e o desespero dos que, julgando acalentar um sonho de luzimento e esplendores da vida, viram-se no mesmo momento mergulhados nas mais profundas trevas da cegueira e do infortúnio.

Toda uma vitalidade de corpo e alma robustos, de sangue que pulsava em veias arquejantes; de orgulhosos ideais e planos concebidos para grandes feitos—tudo frustrado e compelido à tormentosa situação de um rosto cego, impossibilitado de movimentos seguros, atinados.

Uma neta do seu algoz, a infanta D. Cristina, veio encher de luz e calor o seu lar constituído; e, vindo a público com os filhos que Deus lhe deu, e eram as pupilas queridas dos olhos que não tinha, guiavam-lhe os passos incertos—era o *Cego*.

? E não iria a cegueira transmitir-se por herança, fúnesta ancestralidade, na família de Ordonhos e Osórios de Cabreira e Ribeira, que, estabelecidos em Lanhoso, foram os primeiros repovoadores cristãos destas terras; na vastíssima progénie dos *Vasconceli fulmina belli—raios da*



Pelas características destas pedras, descobertas no sítio da primitiva matriz, supõe-se haver vestígios de ter aqui existido uma antiquíssima basílica visigótica, do género dos raríssimos monumentos dessa época, hoje tão apreciados pela Arqueologia.

guerra», no dizer conciso e breve de um seu biógrafo, e que tão notavelmente se comportaram nos trabalhos que precederam a constituição da Nacionalidade como nos demais períodos de grave crise e incerteza?

Depreende-se que daquela tremenda exprobação ficaram os desta raça mais bravos e indomáveis que os lobos das montanhas sobre que estenderam seus domínios; eram, no entanto, mais simples, piedosos e crentes que as almas das crianças.

—Milagrosa Santa Luzia, tanto não aconteceu!

Mas, certo horror das trevas, em que parece que a falta da vista deu lugar a poderosa alucinação, e se manifesta a distância como fenómeno psico-fisiológico, é o que pode observar-se entre raros elementos desta geração:

Em «*Ódio Velho não cança*» Rebelo da Silva põe sob os pés do contemplativo conde D. Ordonho, que diz fronteiro de Coimbra, as traves e as pedras esbrazidas do castelo de Santa Olaia, devorado pelas chamas de pavoroso incêndio, em noite tempestuosa que lhe causava entorpecimento e enfado, quando ao mesmo tempo os enormes relâmpagos não fusilavam a espaços.

Como se disse, um «Berredo» atea o fogo no castelo de Lanhoso e contempla satisfeito e de perto as labaredas vingativas que se evolvem das torres altaneiras, como facho luminoso na escuridão da noite.

E mais recentemente, Rodrigo de Azevedo, de furioso contra o criado preto, torna pasto das chamas o velho solar de seus avós, em S. João de Rei.

—Santa Luzia!

A sua ermida sagrada, uma vez e outra reedificada, mercê da grande devoção que se generalizou e perpetuou, tem, como valor espiritual, sido poupada ao desgaste dos séculos.

O solar que se lhe vinculou merece outra tanta consideração e bom seria levantá-lo das suas lastimosas ruínas. Nas inquirições de D. Afonso II lê-se:

Item dixerunt que Vasconcelos é Onra.



Pedra de armas nacionais, que foi de antigo edificio público, recolhida na Capela de Santa Catarina.

Pedras temulares que foram da capela da quinta de Santa Ana em Besteiros

Legenda:

Bento da Silva Borges e s. m. er D Agueda da Costa foram avós de Marcos António da Silva da Costa Borges, sr. do morgado de Vinhadouro; este c. c. D. Ventura de Abreu Lima de Brito, filha de Luis Pereira de Brito e de D. Paula de Abreu Lima, srs. das q.tas de Reris e Gericó em Refojos do Lima (Felg. Gayo, vol. 1, pag. 116).

FIGUEIRODO

Situada em terreno plano, tem boas vistas sobre as terras da margem oposta do Cávado, que se estendem pelo vale de Geraz e Póvoa de Lanhoso.

Compõem-se dos lugares da *Igreja, Devesa do Monte, Cartém, Forno Velho, Loureiro, Paço, Costeira, Pala, Grova, Transfontão, Vilar, Ribeira, S. Veríssimo, Chãos de Cima, Chãos de Baixo, Real, S. Sebastião e Lugar Novo.*

Em 1706 tinha 63 fogos; em 1875 ia nos 128, com 552 almas; de momento e acôrdo com a estatística paroquial, conta 182 fogos e 900 habitantes.

O padroeiro é S. Pedro, apóstolo. Era abadia da apresentação da mitra, por concurso sinodal.

O edificio da igreja matriz é relativamente pequeno e singelo de arte; no entanto tem um valioso recheio de imagens e altares.

O principal, estilo D. João V em todo o seu alçado, tem a mesa de pedra, revestida de madeira; o baldaquino é de construção recente. Nas extremidades do altar, dois serafins, esculturas muito antigas, sustentam tocheiros adaptados à energia eléctrica.

Os quatro altares laterais, metidos à face das paredes da igreja, é o primeiro, do lado do Evangelho, dedicado a N. Senhora do Rosário e tem de frente o de N. Senhora das Dores; as respectivas imagens desafiam-se em beleza e escultura. Ambos são estilo Renascença e muito bem conservados; no alto cada um deles é rematado por um pelicano, com seu serafim às cavalitas.

Os outros dois, estilo D. João V, fica do lado do Evangelho o de S. José e na frente o do Coração de Jesus e Maria.

A pia do baptismo tem a forma octogonal desde a taça à base e está completamente alojada em arco medido na espessura da parede.

Foi soalhada em 1924; o cemitério havia sido construído em 1913.

A urbanização do recinto fronteiro à igreja e que passou a constituir um adro regular e espaçoso, deve-se à iniciativa do falecido abade Fernando Augusto de Araújo Azambuja; estas obras tiveram lugar em 1886 e seguintes.

Ao fundo, e já na berma oposta do caminho velho que liga à estrada da Ponte do Porto, está o cruzeiro paroquial, que tem na face da volumosa pedra do plinto a seguinte inscrição:

SEBASTIÃO V.ra DE CARV.o
DESTA FREG. ° MADOU FAZER
NO ANNO DE 1724 E
NO MESMO SE PÓS NESTA
IGR. ° O S. S. mo SACRAMENTO
P. ° O Q TÂBÊ DEU TO-
DOS OS PARAMENTOS
NECESSÁRIOS

Este dedicado benfeitor foi proprietário da Casa de S.to Aleixo.

A Confraria do S.S. anda junta com a de S. Sebastião e tem os competentes estatutos de 1794.

No arquivo existe um «livro de Testamentos», com abertura em 4 de Fevereiro de 1762.

Tem boa residência e o passal, que é uma pequena parte do que possuiu outrora e começou a ser vendido no tempo da monarquia, foi há pouco tempo adquirido pelo actual pároco e pelos fregueses.

Tem edifício escolar do Plano dos Centenários.

Figueiredo é terra de importantes e nobres casas fidalgas, em parte abandonadas.

O solar de S. Veríssimo, com capela da mesma invocação, estilo joanino, tem na fachada a escultura do mesmo Santo guerreiro, entre duas frestas envidraçadas. Tem púlpito e côro.

Junto, um artístico fontenário em que a bica sai de uma flor de lis e no alçado, entre ameias, uma estátua de S. Geraldo. Abastece um grande tanque octogonal.

Mais abaixo um pittoresco lago, cheio de recortes e revestido de trepadeiras entrelaçadas e caramanchões de verdura, tem a feição prática de abastecer de água, que ali vem ter de longe, toda a vasta propriedade e tudo revela aprimorado bom gosto.

O brasão da portaria é dos Araújo Ranjeis, que são os actuais proprietários.

Encimam-na as estátuas de S. ta Marta e S. ta Justa, irmãs de S. Veríssimo.

Seguindo no sentido da Ponte do Porto, ergue-se à margem da estrada o cruzeiro de N. Senhor dos Desamparados e tem no respectivo plinto gravada a data de 1720.

Do mesmo lado e sobre pequena elevação, encontra-se o referido solar de S. to Aleixo, com sua capela em completo estado de ruína, só as paredes em pé, em que ainda podem ver-se as pianhas em que assentavam o púlpito e o côro. Na frontaria conserva-se em seu nicho a estátua de pedra do mesmo Santo seu patrono.

Na verga de uma das janelas da casa solarenga muito maltratada, tem esculpida a era :

ANO DO 1632

Está na posse da «*Casa da Ribeira*».

E, descendo da estrada por uma rampa íngreme, encontra-se a fundo, sobre o Cávado, o solar assim conhecido, edificio de vastas proporções que, segundo consta, tem, entre portas e janelas, 365, tantas como dias tem o ano.

Mesmo assim, apesar de tanta largueza, ninguém lá mora; e, desejando obter noticia de mais algumas particularidades, foi o caseiro solicitado a prestar algumas informações ao seu alcance.

Foi de bom grado pelas chaves, mas no curto espaço de segundos as ideias transformaram-se-lhe e, voltando com a palavra atrás, recusou-se a fazê-lo sem autorização dos donos.

Em 1874, era sua proprietária D. Maria Antónia de Araújo Malheiro, descendente dos Malheiros de Ponte do Lima

Partindo daí por caminho perfeitamente transitável em automóvel por entre bouças e pinhais, fica mais no in-

terior e também sobre o Cávado, a «Torre de Vilar» de que só existe a memória, pois torre já não há.

Consta que era nas trazeiras do solar, que tem na empena de poente e sobre uma larga porta do andar térreo as armas dos Abreus.

Na portaria, entre ameias artisticamente trabalhadas, está o brasão picado por questão a que deu lugar uma desinteligência de família. É encimado por elmo a que se sobrepõe um pelicano.

Foi do falecido Dr. José de Sousa Machado, conhecido escritor e linhagista.

De frente e sobre pequena colina está muito bem zelada e conservada, como abençoando o casal agrícola, a capela dedicada a N. Senhora da Conceição.

Por 1874, era possuidora da *Quinta do Vilar*, solar dos *Abreus Limas*, D. Francisca Barbosa de Sousa Machado, casada com D. Luis de Azevedo Sá Coutinho, capitão de engenharia, filho segundo da Casa da Tapada; actualmente da viúva e filhos do falecido Dr. Augusto de Abreu Machado Cardoso Pinto Osório.

No «*Arquivo Heraldico*» de Sanches de Baena, sob n.º 111. vem a carta de concessão e descrição das armas de António Bernardes da Abreu Lima, descendente dos Abreus de Regalados.

Além destas, de particulares, pertence à Confraria de S. Sebastião a capela desta invocação e lugar, bastante espaçosa, com seu alpendre, à beira do caminho que vai da igreja.

E, no sítio onde cruza com a estrada do Gerês, restam de pé e em ruínas, as paredes de duas pequenas ermidas quadrangulares: a de N. Senhora de Lourdes ardeu por volta de 1920, o incêndio provocado por uma vela a arder espetada na cortiça; na do Senhor dos Passos ruiu o telhado pelo ano de 1930 e a imagem transferiu-se para a matriz. Ambas tinham sido edificadas por iniciativa da Casa do Vilar.

* * *

Ao tratar desta *colação* e da sua confinante Dorne-las, as Inquirições de 1258 põem em evidência certos desmandos e irregularidades de uns indivíduos do apelido de «*Murra*» — família que por isso mesmo certamente caiu em decadência ou desapareceu.



Cruzeiro de S. Veríssimo

FISCAL

Assenta em terreno bastante acidentado, na vertente de S. Pedro-fins para o Homem, que lhe corre a poente e pertencem-lhe também na outra margem, direita, os lugares de S. Bento e de S. Pedro.

O serviço religioso é feito por barco, tomando aspecto curioso e singular a travessia para efeito da visita pascal: reune-se o povo das freguesias vizinhas e acompanha, das respectivas margens, o compasso que segue pelo rio, em várias embarcações para tal efeito devidamente engalanadas, e com banda de música.

É abundante de todos os cereais da região, vinho verde e frutas, especialmente laranja.

Pelo centro corre o ribeiro de *Vilonços*, que começa na freguesia da Torre e deságua na esquerda do Homem com 2 quil. de curso.

Foi abadia da mitra, por concurso sinodal.

O padroeiro é S. Miguel, Arcanjo; consta que antigamente era S. Mamede.

Compõe-se dos lugares da *Igreja, S. Bento, S. Pedro, Pedreira, Monte, Tojal, Vilonços, Couto, Quinteiro, Rio, Bouça, Enxurreira, Aspra, Outeiro, Travenelas, Vila Nova, Pilar, Carriça, Sobrado, Barrio, Casal, Passos, Pena, Subigreja*, e a celebre *QUINTA DA TAPADA*, que foi do glorioso poeta clássico — *SÁ DE MIRANDA*.

* * *

Em 1706 tinha 101 fogos; em 1875 andava nos 162 e 550 almas; actualmente vai nos 180, com 850 habitantes.

A igreja matriz, a coroar uma altura que a torna vistosa a distância, foi construída em 1739.

Dotada de acanhadas proporções, recebeu recentemente consideráveis obras de reparação (1954-55) sendo levantada perto de metro e meio a fachada, posto de novo o tecto, com rectângulos de fibrocimento em molduras de

castanho e no centro uma tela a representar o padroeiro, S. Miguel.

Altarees joaninos, tinham sido pintados anos antes, ficando o doirado primitivo; nessa altura foi adquirido um baldaquino, todo a ouro brunido por generosidade de uma benfeitora.

Ao centro da tribuna, Jesus Crucificado, perfeita escultura, igualmente obtida por piedosa dádiva.

Laterais, à parte do Evangelho, primeiro o do Sagrado Coração de Jesus e do lado oposto o de S. José, estes obliquados no ângulo com o arco-cruzeiro foram colocados em 1892.

Seguidamente e metidos em arco na parede, o de N. S.^a do Rosário, rica imagem; de frente, à Epístola, o de N. S.^a de Fátima.

Na sacristia existe outra imagem de N. S.^a do Rosário, muito mais antiga e de grotescas feições.

Ao fundo da igreja, em nicho, uma imagem do Coração de Maria, cuja escultura revela antiguidade.

A pia baptismal, alojada sob arco, tem baixos relevos. Passaram pelas suas águas lustrais muitos descendentes da Tapada.

Esta igreja teve um devotado amigo e benfeitor que foi o falecido benemérito José Miguel de Oliveira.

Foi provida de instalação eléctrica e todo o interior é bem iluminado por largas frestas envidraçadas.

E' um pequeno templo, mas ressalta de todos os pormenores o afinçado zêlo da melhor conservação e assejo.

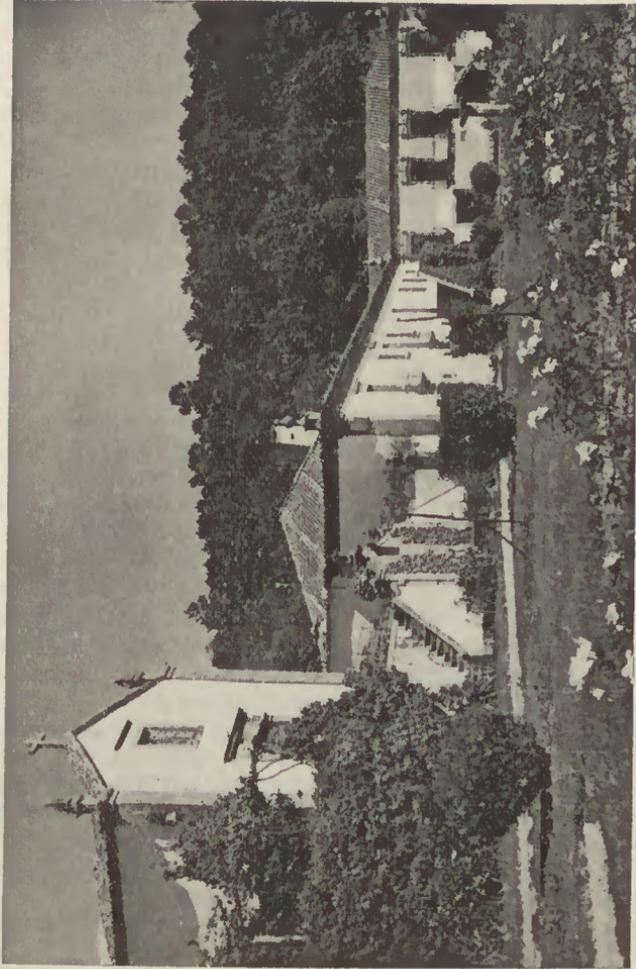
É muito antiga a confraria de N. S. do Rosário, com irmãos de dentro e de fora, distribuídos por algumas freguesias. Também existe a do S. S. Sacramento.

O cruzeiro paroquial tem gravada no plinto a era de 1775 e o cemitério foi benzido em 9 de Outubro de 1904.

O passal, tendo sido adquirido por fregueses, dois cederam voluntária e gratuitamente as suas quotas partes, os restantes a dinheiro e isto por escritura de 31 de Março de 1922.

Em 1938 passou para a Corporação Fabriqueira.

Tem no cartório paroquial dois maços com os Capitulos das Visitas, o 1.^o com abertura em 27 de Setembro de 1654 e encerramento em 29 de Dez.^o de 1744; o 2.^o começa nesta data e o capítulo da última visita feita em 18 de



**O magnífico solar da histórica Quinta da Tapada
com a capela de Nossa Senhora da Guia**

castanho e no centro uma tela a representar o padroeiro, S. Miguel.

Altars joaninos, tinham sido pintados anos antes, ficando o doirado primitivo; nessa altura foi adquirido um baldaquino, todo a ouro brunido por generosidade de uma benfeitora.

Ao centro da tribuna, Jesus Crucificado, perfeita escultura, igualmente obtida por piedosa dádiva.

Laterais, à parte do Evangelho, primeiro o do Sagrado Coração de Jesus e do lado oposto o de S. José, estes obliquados no ângulo com o arco-cruzeiro foram colocados em 1892.

Seguidamente e metidos em arco na parede, o de N. S.^a do Rosário, rica imagem; de frente, à Epístola, o de N. S.^a de Fátima.

Na sacristia existe outra imagem de N. S.^a do Rosário, muito mais antiga e de grotescas feições.

Ao fundo da igreja, em nicho, uma imagem do Coração de Maria, cuja escultura revela antiguidade.

A pia baptismal, alojada sob arco, tem baixos relevos. Passaram pelas suas águas lustrais muitos descendentes da Tapada.

Esta igreja teve um devotado amigo e benfeitor que foi o falecido benemérito José Miguel de Oliveira.

Foi provida de instalação eléctrica e todo o interior é bem iluminado por largas frestas envidraçadas.

É um pequeno templo, mas ressalta de todos os pormenores o afincado zêlo da melhor conservação e asseio.

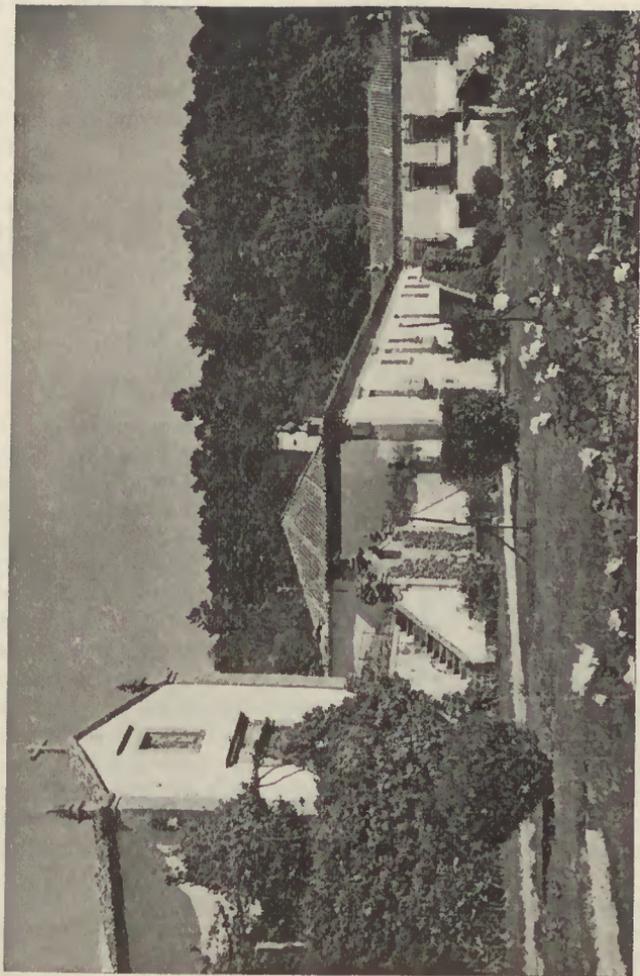
É muito antiga a confraria de N. S. do Rosário, com irmãos de dentro e de fora, distribuídos por algumas freguesias. Também existe a do S. S. Sacramento.

O cruzeiro paroquial tem gravada no plinto a era de 1775 e o cemitério foi benzido em 9 de Outubro de 1904.

O passal, tendo sido adquirido por fregueses, dois cedaram voluntária e gratuitamente as suas quotas partes, os restantes a dinheiro e isto por escritura de 31 de Março de 1922.

Em 1938 passou para a Corporação Fabriqueira.

Tem no cartório paroquial dois maços com os Capítulos das Visitas, o 1.^o com abertura em 27 de Setembro de 1654 e encerramento em 29 de Dez.^o de 1744; o 2.^o começa nesta data e o capítulo da última visita feita em 18 de



**O magnífico solar da histórica Quinta da Tapada
com a capela de Nossa Senhora da Guia**

Abril de 1940.

Existe ainda o «Livro do Tombo» com a 1.ª data de 18 de Julho de 1694; também o «Livro dos Títulos e Constituições Sinodais de Braga, de 1697.

São da freguesia as capelas: de *S. Bento* das Pedras, do lugar do mesmo nome, com altar renascença; a de *S. to António* do Pilar, que consta ter sido antigamente de S. Sebastião e já referida em Carrazedo, por ser *meeira*.

De particulares: a de *N. Senhora da Aparecida* e principalmente a de NOSSA SENHORA DA GUIA, da Casa da Tapada, a qual tem sobre a porta a seguinte inscrição:

ESTA CAPELLA MANDOU FAZER
FRAN.CO DE SAA DE MENEZES
1618

Estão nela sepultados, além do seu edificador, alguns outros senhores deste solar fidalgo que o nosso glorioso poeta levantou desde a primeira pedra e com tão esmerado carinho vinculou a sua descendência.

Não se pode deduzir que uma boa estrela tenha presidido aos mais lícitos e louváveis desígnios do seu instituidor, ao considerar que desde logo e entre outros o acontecimento mais funesto veio toldar todas as esperanças e amargurá-las sem remédio, que não fosse o da suprema conformação de que o grande moralista se deixava possuir e repartia ainda com a esposa e mãe saudosa do filho perdido tão longe da vista, lá nas plagas africanas.

O primogénito Gonçalo Mendes de Sá finou-se em Ceuta, no monte da Condessa, trucidado pelos mouros, na companhia de 300 Portuguezes, vítimas de uma emboscada que lhes armou o alcaide de Tetuão com 3.000 dos seus, a 18 de Abril de 1553.

A Providência põe aos ombros de cada um a soma de contrariedades, de sofrimentos e provações que se medem com a própria resistência e posses. O carácter extraordinariamente rígido e austero de Sá de Miranda foi duramente experimentado, mesmo no seu natural talento e vaidade *«homem de alto e heroico entendimento»* como o tratavam os que reclamavam de D. João III que o chamasse ao seu serviço *«para os livrar de tantos ladrões.»*

porque o povo pagava e os almoxarifes roubavam».

Mas Sá de Miranda não arredou pé do seu voluntário retiro, do seu apetecido ermitério da Tapada: nele, não teve qualquer influência a vã cobiça do poder. Limitou-se a observar de lá, cheio de desolação, os males que afligiam a sua época e faziam prever a próxima ruína.

Neste particular, ninguém interpretou melhor o sentimento expresso na vida e obras do Poeta que o prof. Rodrigues Lapa, ao prefaciá-lo e anotá-lo, em 1937, a sua última edição.

Após uma análise do seu alto mérito e valor literário, acrescenta:

«Mas há mais: Sá de Miranda vai mais longe e por isso o sentimos actual e superior ao seu meio e à sua época: ele afirma a igualdade perante a lei encarnada no Soberano, põe na sua obra uma paixão de justiça social, raríssima nos homens do seu tempo, aqueles homens «de bom saber», de quem se ria Gil Vicente. Vivendo na aldeia em meio dos pobres camponeses, Sá de Miranda observou-lhes a vida de trabalhos e misérias. Não há nele, como nos demais humanistas horacianos, o desdém pelo povo, a aristocrática indiferença pelas suas dores. Há, sim, o desprezo por tudo quanto é reles e vulgar; ora para aquele homem justo, fervoroso pelo bem comum, o povo trabalhador e humilde não era uma coisa vil, antes pelo contrário representava o verdadeiro sustentáculo da Nação, que era preciso defender contra a prepotência dos grandes e contra os abusos do fisco. Sob este aspecto, na compreensão do fenómeno social, nenhum dos seus contemporâneos se elevou a tão grande altura.

Esta paixão da justiça, e o exemplo da virtude realizada, acarretaram a Sá de Miranda enorme prestígio em vida....»

Pois pode afoitamente decidir-se que também o é igualmente depois da morte: Sá de Miranda foi daqueles homens raros que a Providência predestinou que fosse espelho e exemplo de seus concidadãos; o alcance e a extensão sem limites, que o reflexo e a projecção dos actos mais notáveis da sua vida em pensamento e atitudes podem atingir, são humanamente incomensuráveis!

Jerónimo de Sá e Azevedo, único filho restante casou com D. Maria da Silva, filha também única e uni-



Num recanto pitoresco da Tapada, a evocação de S. Francisco Xavier, apóstolo do Oriente.

versal herdeira de Francisco da Silva de Menezes, senhor do Paço de Ninães, etc.

Francisco de Sá de Menezes (Sá de Miranda instituindo o morgado, deixou expressa em testamento a vontade de que seus descendentes se chamassem «de Sá») casou 1.ª vez com D. Antónia de Carvalho de Monterroio, de quem enviuvou.

Sobrevindo grave enfermidade, foi frei Anselmo da Conceição, D. Abade de Rendufe, quem escreveu o testamento que ele ditou (13 de Set.o de 1592).

Casou 2.ª vez em Ponte do Lima (1602) com D. Violante Teixeira, de que não houve filhos. Da 1.ª ficaram dois filhos e uma filha.

Jerônimo de Sá de Menezes, casou em Refojos do Lima com D. Inês Pereira Barbosa.

Na guerra da Aclamação prestou relevantes serviços a D. João IV, em companhia de seu sobrinho Vasco de Azevedo Coutinho.

Também governou Entre-Homem e Cávado durante dois anos.

D. Brites da Silva e Menezes, snr.ª do Paço de Ninães, sucedeu ao anterior; casou com Diogo de Azevedo Coutinho, do solar de Azevedos e era o décimo senhor de S. João de Rei e Terras de Bouro.

Encontrava-se preso em 1640 e foi tamanha a alegria que sentiu ao recuperar a liberdade e ver restaurada a independência da sua Pátria, que enlouqueceu de contentamento e refugiava-se na torre da igreja, a repicar constantemente os sinos, de que só obrigado largava a corda... belo motivo para um tema de exaltação patriótica.

Vasco de Azevedo Coutinho, casou com D. Luísa Inácia Coutinho.

Ocupou com distinção os cargos de Fronteiro-mór e Governador das Armas da Portela do Homem; foi Mestre de Campo de Infantaria, prestando relevantes serviços nas Guerras da Restauração.

Foi o undécimo donatário de S. João de Rei e Terras de Bouro, que continuaram na Casa da Tapada.

O Conde da Ericeira refere-se-lhe no «Portugal Restaurado».

Teve grandes questões com o Marquês de Montebelo por causa da Pescaria em *Pego Negro*, de que re-

sultou a morte de Francisco de Sousa Machado, ocorrida em 1674, o qual era da Bornaria; e ter-se-ia travado grande batalha, pois juntaram-se os parentes e amigos de cada uma das partes, se não fosse a pronta intervenção do governador da Província, como se diz ao tratar-se de Santa Marta de Bouro.

Rodrigo de Azevedo Sá Coutinho, casou em Pontevedra com D. Maria Manuela Mosquera de Sotomaior; procedeu a grandes melhoramentos na Tapada, mas deixou-a sobrecarregada de dívidas.

Seu filho mais velho, o Coronel Vasco Luís de Azevedo Sá Coutinho, foi morto em Pego Negro, a tiro de bacamarte, por Gaspar de Freitas de S. João de Rei, durante uma pescaria realizada no dia 12 de Agosto de 1719.

Mal se compreende tanto interesse pela posse do *Pego*, se não se disser que alguns quadros que guarneceram os salões de Castro tinham por tema a proverbial abundância de peixe que aí se pescava.

Também é certo que aquelas violências, que hoje seriam absolutamente de condenar, não eram estranhas aos naturais instintos militares da raça.

Luiz Manuel de Azevedo Sá Coutinho, casou com D. Bárbara Micaela Xavier de Ataíde de Meneses e Cunha.

Herdou a casa cheia de dívidas e cada vez mais se agravaram.

Seu filho Rodrigo pediu a um criado da casa, um prêto, que o acompanhasse a uma espadelada, mas este fingiu-se doente e pediu para recolher à cama.

O moço fidalgo foi só e verificou que entre os mascarados, que animavam a espadelada, se encontrava o manhoso do prêto.

Quando o criado se retirou, altas horas da noite, o fidalgo foi-lhe no encalço, mas não conseguiu alcançá-lo, porque aquele fugiu quanto pôde com medo; chegou a S. João de Rei, fechou-se por dentro do quarto e deixou-se dormir.

Chegando Rodrigo de Azevedo, que queria vingar-se, não conseguiu que o prêto abrisse a porta do quarto, mas pôs fogo a um palheiro que estava por baixo.

O prêto, cheirando-lhe a chamusco, fugiu que nunca mais se viu.

O incêndio comunicou-se depressa a todo o velho solar e Rodrigo António, lembrando-se do pai, correu a



**Igreja de Fiscal em cuja pia
baptismal receberam as águas
lustrais muito descendentes da
Tapada**

salvá-lo, por entre as labaredas, porquanto sabia que não poderia salvar-se sem o auxílio de outra pessoa.

Metade do solar foi devorado pelo incêndio, pelo que passaram a viver definitivamente na Tapada.

Foi o último donatário de S. João do Rei e de Terras de Bouro.

Rodrigo António de Azevedo Sá Coutinho. Foi cadete de infantaria, mas teve de desistir da carreira militar por falta de saúde.

Casou (para legitimar seus filhos) com D. Joana Angélica da Silva Campelina, filha de lavradores de Fiscal.

Luiz Manuel de Azevedo Sá Coutinho; casou com sua prima D. Maria Lima de Araújo e Azevedo.

Foi Sargento-mór de Caçadores.

Seu filho, *Rodrigo de Azevedo Sá Coutinho,* era Bacharel formado em Leis. Moço-fidalgo da Casa Real.

Dos seus três filhos, D. Maria Filomena, D. Luiz e D. António para chegar aos últimos descendentes desta ilustre família, Entre-Homem e Cávado, destaca-se o mais novo, que segue;

D. António de Azevedo Sá Coutinho. Casou em 30 de Maio de 1901, com D. Caetana de Faria e Azevedo. Tiveram:

D. Marquesa de Azevedo Sá Coutinho.

D. João de Azevedo Sá Coutinho.

D. Maria Manuela de Azevedo Sá Coutinho.

D. António de Azevedo Sá Coutinho.

Por morte de D. Rodrigo de Azevedo Sá Coutinho, coube a Casa e Quinta da Tapada a sua filha mais velha D.^a Maria Filomena, que casou em 1884, com Damião José Lopes de Carvalho.

A Casa e Quinta da Tapada coube à filha mais velha D. Maria Filomena, passou em seguida ao genro Manuel Joaquim de Faria Azevedo, marido de D. Branca do Azevedo Sá Coutinho.

Por falecimento deste, em 1921, e tendo D. Branca casado 2.^a vez em 1922, a Quinta foi de novo vendida por motivo das partilhas a que foi obrigada a proceder, com os filhos de 1.^o matrimónio.

Foi então adquirida (1928) pelo seu actual possuidor, senhor D. Miguel Carlos Sotomaior.

* * *

Contrariou-se assim aquele sentido e tom profético

que ressumbra da legenda DEO JUVANTE CARPENT TUA POMA NEPOTES aposta sobre o portão da Tapada sempre franqueado ao visitante disposto a penetrar naquella espessura propicia à meditação, comentando:

—Não... não estava escrito no livro dos destinos que os *nelos colhessem os frutos* desta paradisiaca mansão!...

E, quando se distrair deste pensamento, entranhando-se na umbrosidade de paz e silêncio que aí se respira, apenas entrecortados pelo murmúrio das fontes, e foi o sonho doirado do seu instituidor, por força exclama:

—Isto é verdadeiramente a habitação olímpica dos deuses, tão bem nela se enquadra a alma do Poeta!

Está exactamente a celebrar-se o quadringentésimo ano da sua morte e, para além do seu tempo, não obstante as determinações da sua última vontade, esses firmes propósitos trairam-se através da sua própria descendência, com agravamento em certos factores de ordem comum a que o liberalismo acabou por submeter os destinos da nobreza provinciana e, com ela, os da mesma burguesia.

Ao de cima, porém, de toda essa tormenta que o tempo desencandeou, e para maior gloria do Homem, eleva-se cada vez mais viva e presente a lição que dimana da sua vida e da sua Obra, da sua esplendente doutrina de fixação e amor à terra.

A manutenção da família rural a dentro dos princípios e tradições seculares, que lhe serviam de norma, sempre foi a primeira e mais sólida condição da paz e continuidade governativa, a melhor salvaguarda da ordem e felicidade dos povos.

Em seu detrimento e quebra, o urbanismo, o desmesurado crescimento das cidades a poder de uma afluência de populações adventícias, que, ao leve contacto de uma nova atmosfera de vida, logo sofrem o descontrolo desses mesmos princípios morais, religiosos e eternos, ao sabor do desenfreado materialismo que as torna menos influenciáveis de bons sentimentos que dos maquiavelismos da própria dissidência organizada, se este fenómeno de degradação social, embora com diverso aspecto, já mereceu as melhores atenções do poeta-filósofo, provado está sem dúvida que sempre foi o magno problema na intrincada engrenagem da orgânica social e, em

dar-lhe andamento e solução, têm de empenhar-se, todas as energias e valores activos que interferem na sua evolução, tendentes a imprimir-lhe melhores rumos, mais altos destinos.

* * *

Vai agora à conta de terminar, a história breve de um episódio autêntico que aqui se verificou e à época se amolda.

Contado pelos protagonistas ao seu médico assistente, o falecido Dr. Castro Guimarães, de Fafe, foi-me transmitido pelo filho, ilustre escritor e velho amigo:

Manuel... Azevedo, tendo participado nas «incur-sões», foi pronunciado e julgado à revelia, enquanto, refugiado por Galiza, curtia saudades da família e da pátria. Mas de lá à Tapada, pelos côrregos dos montes e através de mataçais de giestas, o caminho não lhe era estranho, nem a ele nem a muitos companheiros de dramática odisseia.

Denunciado que se encontrava ali, os *amigos* apresentaram-se a procurá-lo, para lhe *deitarem a mão*, sabendo que usava barbas pretas, não por adotar o que era estilo, mas por melhor disfarce.

Não se tinham enganado; ele estava e por entre os vidros observava a estrada que corre diante do solar, de modo que avistou a distância pessoas estranhas e o coração sobressaltou-se-lhe.

Retirou-se, comunicou o sucedido à esposa e sumiu-se.....até que os *tais* subiram a escadaria e bateram à porta.

Atendeu-os o criado, que, à pergunta pelo amo, logo respondeu que não estava e já chamava a senhora.

Imediatamente D. Branca compareceu, no seu porte imperturbável e calmo, os queixos atados para a coroa da cabeça em um lenço preto que de perto deixava ver o algodão em rama a proteger a face, circunstância que logo explicou dever-se a um terrível abcesso que a fazia sofrer...e logo os aguazis se compenetraram de que era ela quem estava à janela a tentar esquecer a dor de dentes e do marido ausente.

Além disso franqueou-lhes a casa, atitude de sinceridade que os *visitantes* muito agradeceram, retirando-se...

Manuel Azevedo estava salvo; os expedientes femi-

ninos são por vezes miraculosos...varreram aquela pre-núncio de tempestade.

* * *

Dentro da Tapada foi levantado e solenemente inaugurado em 1956, em estilo rústico, um característico monumento dedicado a S. Francisco Xavier, glorioso apóstolo e patrono da Índia, e, ao que parece, por voto de família, de seus actuaes e ilustres titulares.

Nas *Inquirições de 1220*—**De Sancto Michael de Fiscal...iam à entroviscada**

Goães

O terreno em que assenta é bastante acidentado e correm por ela três ribeiros importantes que a tornam extraordinariamente fértil:

O *Salgueiral* desce dos montes de Seramil e Vilela por várias ramificações, rega e mói, tem ou teve engenhos de serrar e lagares de azeite (um deles pertenceu aos frades de Bouro); desagua no Cávado com alguns quilómetros de curso.

Gozam de justa fama as apreciadíssimas *laranjas do Salgueiral* que, pelo menos no Porto, há muito são conhecidas deste nome e constituem, sem dúvida, um dos mais ricos produtos da região. O rigor das geadas, num dos últimos invernos, causou-lhe graves danos de que a economia local bastante se ressentiu.

O *Portozelo* nasce e morre nos limites da freguesia, também rega e mói e acaba no Cávado com mais de 1 quilómetro de curso.

O *Ramourel* vem de Paredes-Secas por Vilela, regando e moendo; teve engenho de serrar e um lagar de azeite que ainda funciona. Desagua no Cávado com mais de 3 quilómetros de curso.

Em 1706 tinha 100 fogos; até 1875 cresceu até 120, com 495 almas; agora 147, por 661 habitantes, segundo a estatística paroquial.

Relativamente à sua população, tem muitos lugares, 26, nada menos: *Assento ou Igreja, Boucinhas, Cales, Caneiro, Contença, Corredoura, Costa, Cunha, Currais, Deveza, Eido, Fraga, Grova, Lages, Olival, Paço, Paredes, Ponte, Portela, Quintã, Salvadouro, S.to Ivo, S. Jorge, Tojeira, Vau e Venda*; sendo o das *Lages* o mais fértil e o da *Venda* o mais populoso.

O padroeiro é S. Tiago, apóstolo. Foi abadia da mitra por concurso sinodal.

Como foi do extinto concelho de S.ta Marta, pertenceu à Comarca da Foz do Lima (Viana) e era da Visita de Entre-Homem e Cávado e Vale do Tamel.

O *Cruzeiro do Couto*, que, ao tratar-se de Dornelas, se referiu ter sido pelos de Goães transferido em carros de bois e levantando diante da igreja no recinto onde depois se construiu o cemitério (e vieram corridos a fogo pelos daquela freguesia, sem razão, visto que pertence ao território circunscrito do velho couto) está, desde 1957, a uns 100 metros a O., no pequeno largo do *Arieiro*, sendo de lamentar que não tenham colocado em lugar mais vistoso e digno este invulgar e precioso padrão, cuja história e razão de ser, é de esperar, jamais se repetirá. Por ser muito mais raro, tem muito mais valor histórico que os pelourinhos.

No fuste, abaixo da cruz, tem as armas da Família Cisterciense; numa face do plinto, a já citada inscrição *AQUI SE COMEÇA...* (tinha-se omitido o (SE)); noutra simplesmente *A DÓ SÁCHO...* o resto foi picado.

No sítio de *Portolarins*, sobre a lugar de Vau, existem muitos vestígios de antiga «estação românica»: um extenso renque de pedras fabricadas e em alinhamento, restos de telhas e tijolos e um fôssó atulhado.

* * *

A igreja matriz é bastante espaçosa e de robusta construção.

Situada na extremidade norte da freg.^a, a que fica sobranceira, foi edificada pelos anos de 1762, ficando parte dela por cobrir durante alguns anos.

Dispõe de uma elegante torre de cantaria, concluída em 1861, tendo levado 4 anos, a edificar. Na noite de 29 para 30 de Novembro de 1872, um raio destruiu-lhe a cúpula e causou grandes estragos na igreja; tudo foi prontamente reparado e, a título de precaução, instalado nela um para-raios

O altar-mor, Renascença, empresta-lhe o ar grave de uma igreja conventual, notando-se a quase total ausência do doirado que o tempo comeu; consta que foi adquirido longe e ali adaptado.

O sacrário, que veio no conjunto, foi logo vendido por 30.000 réis, naquele tempo; pena seja, que faz-lhe muita falta.



Igreja Matriz de Goães

Verificando-se últimamente (1956) que ameaçava desconjuntar-se e decair, foi sujeito a reparações que se aproveitaram para expurgá-lo de algumas alterações que lhe maculavam a pureza do estilo.

Assentava sobre massiço de pedra que enche todo o desvão do altar e foi-lhe então acrescentado de dois grossos pilares, de modo a servirem-lhe de maior equilíbrio e segurança.

O frontal é uma maravilha de labores artísticos, hábil e pacientemente trabalhados na madeira por mão de mestres que não deixaram discípulos.

Está encomendado, para o arco da tribuna, um repositório novo de damasco.

Tem mais quatro altares laterais, joaninos, apoiados nas paredes:

O 1.º, à parte do Evangelho, do Senhor dos Passos e S.ª das Dores; ainda há um resto de cisma entre o povo, que a imagem do Senhor dos Passos foi trocada com a de S. Tiago de Vilela, por ocasião de uma «*mudança de santinhos*», mas não passa de uma demonstração de zelo, ciume que os fieis, graças a Deus, ainda sustentam pela fiel conservação de seus valores culturais.

O 2.º é o das Almas, com artística gravura invocativa, de madeira e coroada pela representação simbólica do divino Espírito Santo.

O 1.º, da Epístola, de N. S.ª do Rosário; o 2.º do Sagrado Coração de Jesus e de Maria, com boas imagens.

Na Sacristia, servindo de alçado ao velho arcaz dos paramentos, uma preciosa pintura em madeira, a invocar a cena do Calvário, com N.ª Senhora e o discípulo amado — S. João.

Pendentes da parede da dependência anexa, «*tábuas impressas*» com os breves pontifícios relativos às Confrarias, sendo o de N.ª S.ª do Rosário, de 12 de Setembro de 1778.

A das almas tinha irmãos de dentro e de fora; agora está quase limitada aos paroquianos. Segundo o L.º das inscrições, já existia em 1879.

A de Santo António já vigorava em 1881, conforme o respetivo «*L.º dos irmãos*».

A do S. S. Sacramento é mais moderna; os estatu-

tos foram aprovados em 1938, mas a devoção é muito anterior.

Nos baixos da torre está o amplo baptistério, dependência nada vulgar nas igrejas da redondeza; aí mesmo e metido na espessura da parede, um cofre para guarda de valores e objectos do culto, com duas portas, uma de grade e outra de chapa de ferro.

No frontespício e acima do alçado da bem lavrada cantaria da porta principal, tem de cada lado um nicho com seu alojamento para imagens de pedra que ainda não chegou a ocasião de adquirir, pela dificuldade do seu custo.

Do passal resta a residência com quintal anexo; readquirido pela freg.^a em 1927, foram revendidas algumas propriedades, que lhe respeitavam, para atenuar o pesado encargo.

A antiga matriz era do lado de baixo, no sítio que ainda chamam «campos do adro», onde existe, com estancario, o único poço da freguesia; e consta ter sido principal motivo da sua transferência o facto de se inundarem de água, quando se abriam os covais.

Enquanto não se concluiu a torre, estiveram pendurados em uma oliveira os sinos de Goães, que se ouvem e conhecem ao longe pelo timbre do som grave e respeitoso.

O maior com a data de fundição 1882 (possivelmente não esteve lá) tem a legenda ECCE CRUCEM FVGITE PARTES ADVERSAE; o das Almas, de 1824, VERITAS DOMINI MANAT IN AETAERNVM.

* * *

O estudo, que através das freguesias vem a fazer-se metódicamente, dá ensejo a que se conclua que a época de D. João V soprou lufadas de renovação religiosa e de seu tesouro artístico a todos os recantos de Portugal; o eco característico do cinzel no talhar das padieiras e dos silhares, nas planícies de Mafra, revooou de vale em vale a imprimir outra grandeza a modestos e acanhados templos, às velhas edificações que mal comportavam a concorrência dos fieis.

Depois entrou nelas o reflexo do fausto e da sum-

ptuosidade, que atingiu o sumo grau em S. Roque e S. João Baptista, para em breve parar e até entrar em decadência e ruína, se não fôsse a eterna confiança destas populações, sempre leais aos seus princípios.

A torre tem, de alto a baixo, cavidade para os pesos do relógio.

Em 1935 foi substituída por telha francesa a cobertura do corpo da igreja; em 1953 fêz-se o mesmo à da Capela-mór.

Defronte dela está o cemitério, construído em 1900; o respectivo gradeado em 1911.

Dividiram-se àquele tempo os fregueses em opiniões se deveria ser construído ali, ou junto à capela de S. to António, no lugar das Lages; e nisto foi um dos maiores influentes o então abade João Hepólito Martins Capela, irmão do autor dos «Miliários...»

Sendo natural de Vilela, passou aqui os últimos anos e faleceu, o ilustre sacerdote e professor Santos Mota.

A *capela de S. Lourenço* esteve primeiro no alto do monte da Corredoura e lá se encontram vestígios dela no sítio que chamam «bouças de S. Lourenço»; até que, entre 1874-75, desceu ao lugar actual, à margem da estrada do Gerês.

São de muita devoção as imagens de N. S.^a do Livramento e a do padroeiro, advogado contra as queimaduras, tem a sua festividade a 10 de Agosto, dando-lhe considerável animação e concorrência os romeiros que passam para a Abadia e S. Bento da Porta-Aberta.

Por iniciativa da Junta, construiu-se-lhe, em 1920, um alpendre sobre a porta principal; e, em 1948, comprou-se o altar de uma capela de Recovelo e nele se colocaram, além das duas citadas imagens, a de N.^a Senhora do Fástico, que então se adquiriu.

Em 1955 reformaram-se os tectos e substituíram-se os telhados pelo tipo «francês»; abriram-se caixas de ar para o soalho e obteve-se, por acôrdo com os proprietários confinantes, o alargamento do terreiro.

Merecem aqui especial referência e galardão os juizes, mordomos e demais elementos das comissões festivas, pelo brio e maravilhas de arte que põem no arranjo e confecção dos arcos monumentais, que de ano para ano

variam em requintes de apurada imaginação:
 A *capela de S.to António*, ou da Confraria, já tinha um bom terreiro; mas, em 1951, foi alargado para o sul, graças à boa vontade do proprietário confinante. A festa do patrono tem lugar no 1.º domingo seguinte ao 13 de Junho.

Tem cruzeiro privativo para as suas procissões, além de outro e de uma antiga pia da água-benta, que por ali têm andado aos trambolhões.

Há nela três altares: os laterais, à parte do Evangelho, de Santa Luzia e defronte o de N. S.ª dos Prazeres, representam valiosas jóias de arte «Renascença,» em magnífico estado de conservação.

A sacristia dá acesso ao púlpito e este tem na orla da base, esculpida na pedra, a data de 1677 e o mais que se consegue perceber: «.....SEPVLBEDA ESTEPVL-
 PETO MAODOV POR NESTE LVGAR SAGRADO.....»

Sobre a porta exterior da sacristia tem a era de 1773; e no campanário, com um sino, a de 1883.

Foi nela sepultado o confrade, rev.º Manuel Agostinho da Cunha, que foi seu capelão e abade da freguesia.

É do património da respectiva confraria um cálix com colher e patena.

São de particulares:

A *capela de S.ta Marinha*. Em 1950 foi adquirida pela casa de *S. Jorge* uma imagem deste santo, passando aquela a 2.º plano e ficando o seu titular a corresponder ao topónimo do lugar.

Não há muitas dezenas de anos, vinham aqui «clamores» de freguesias vizinhas.

A *Capela de S.ta Ana*, da quinta do Toural, solar arruinado, há muito na posse da família de Recovelo.

Na padieira da porta da varanda sobre o quinteiro, mal se descobre o seguinte:

ESTA OBRA MANDOV FACER O SENOR..... RQVE
 DE SOVSA BRITO NA ERA DE 1525.

A casa do *Salvadouro*, dos de Azevedo e Sousa e daquela designação por ter sido «couto de homiziados»

nos recuados tempos medievais, isto é, dos que aqui procuravam asilo contra a perseguição das justiças. O povo ainda sente a força dessa tradição, afirmando que bastava tocar nas paredes para se ficar «salvo», quer dizer, na impunidade.

Foi professor da freguesia o falecido proprietário desta casa e dava aula na sala nobre, cujo tecto ostenta as antigas armas reais. Dá-lhe acesso primorosa escadaria de vários lanços, com ampargos fantasiosos.

Ultimamente foi esta freguesia dotada de edificio escolar do Plano dos Centenários e fica junto da calçada que sobe para a Igreja.

Teve capela e era da invocação de N.ª S.ª *do Amparo*, mas dela nem sinais há, ou melhor, alguns houve:

Logo por detrás do solar, numa horta entre viçosos laranjais, aí por volta de 1910, consta que ainda se viam pedra sobre pedra, os alicerces e alguns palmos de suas velhas paredes.

Enquanto essas pedras foram levando diversos destinos e uma pia da água-benta foi parar á igreja de Vilela, do meio delas cresceu vigorosa, uma linda noqueira e, aproximadamente há uns três anos, quando para transplantá-la lhe foram cavando à volta, à procura das raízes, encontrou-se, em estado impecável, a tampa brasonada de uma sepultura, que lá está e pode ver-se, com o seguinte epitáfio, abaixo do escudo, que além de outros símbolos heráldicos, tem a águia dos Azevedos:

S.ª DE JOÃO MANOEL
VIXIT DESDE

1697

1764

Mais a fundo estava a ossada... e lá ficou.

É motivo deveras forte para meditar aqui um pouco, quanto são efémeras as grandezas do mundo!

Existe escritura de dotação que fez a esta capela o padre Leonardo Borges de Azevedo.

Há indícios seguros de que esta casa (dos morgados do Salvadoiro) e a do Tournal estiveram relacionadas por vínculos de família; e este encadeamento estendia-se ao honrado « paço de Moure » (morgados da Cruz) na Ribeira de Homem, a outros e outros... de modo a estabelecer-se o mais bem combinado entrelaçamento de uma rede que a aristocracia rural estendia pelos campos a dar-lhes importância, valor e beleza, a constituir uma bem calculada *entente*, a contribuir para uma mais forte estabilidade da vida provinciana, sempre pronta a defender e enriquecer cada vez mais o herdado património de valores e tradições multisseculares.

É, exactamente a tal respeito, que melhor pode compreender-se o alcance de uma encantadora dissertação do visconde de Arlincourt, acerca da utilidade da presença dos grandes proprietários em suas terras:

«..... em uma época de tristíssima recordação (a da revolução francesa) furiosos inimigos de qualquer distinção, privilégio, ou superioridade, desdenhando de seus concidadãos, quizeram, numa terra desencantada, estabelecer uma vergonhosa igualdade. Baldados esforços. De sob a própria foice destes sanguinários pígmegos, novos gigantes se ergueram. Ah! enquanto o amor da glória, o sentimento da honra, a voz da gratidão e o prestígio dos heróicos precedentes algum império tiveram nos homens, hão-de por toda a parte firmar-se as proeminências, de per si mesmas e não obstante todo e qualquer obstáculo: homens não podem ser nivelados!

Uma perfeita igualdade é contrária ao sistema do universo, que só contrastes e variedades oferece. Entre as flores do campo, enquanto uma afugenta por seu cheiro infecto, outra convida por seu delicioso aroma. Ali, o carvalho do bosque ergue ao seio das núvens a sua altiva cabeça; e, a par dele, o seu morboso e desengraçado vizinho verga para o chão seus débeis e despidos ramos. Entre as aves, habitantes do mesmo império, e acoitando-se nos mesmos abrigos, por que haverá uma que encanta com melodiosos gorgeios e outra que espanta com seus gritos fúnebres?.

Na fralda do escarpado monte abre-se o profundo abismo: aqui, abundam lagoas e pântanos pestilentos; lá, saudáveis e perfumadas campinas; vêem-se os áridos de-

sertos, e as férteis várzeas; o manso e proficuo ribeiro, a arrebatada e desvatadora corrente; os climas frígidos e a zona tórrida; o animal dócil, e a brava fera; a planta medicinal, e o morffifero venenol

Entre os humanos, os talentos superiores e a formosura entram no catálogo dos privilégios que a Providência concede a seus favoritos. Desde o mosquito até ao homem, que série de diversidades: quantos anões e quantos gigantes; quantas instituidas distinções, espécies diferentes e confirmadas superioridades!

Ah!, ao menos foram consequentes em seus principios e em suas acções, esses que, movidos de seu rancor a qualquer grandeza, começaram a sua nivelação geral por tentar derrubar o Ente Supremo, Creador absoluto de tantos privilégios e o primeiro dos privilegiados!

Toda a cadeia carece de aneis, e todo o governo de hierarquias; nem a escala dos poderes pode existir sem degraus. São essenciais as distinções entre os homens; aliás, tudo é desordem, confusão e caos!

Nem todos os castelãos dos tempos passados foram tiranos. Retirados em seus solares, curando menos da política e das intrigas da capital, que de seus vassallos, na maior parte eram antes, pais que senhores.

Afora terras de alguns déspotas crueis, cujo número de propósito se tem exagerado, os aldeões infelizes sabiam muito bem aonde haviam de ir buscar conforto.

Nesses tempos, não conheciam os povos das aldeias os prazeres da vida que já hoje saboreiam; mas também os grandes senhores então os não disfrutavam.

Quase não se via no castelo mais luxo que na cabana; as armarias e os torreões eram as únicas magnificências do palácio. O castelão tinha por honra sua socorrer os seus vassallos; e a totalidade de suas rendas eram consagradas à agricultura de suas terras, à consolação dos pobres, ao embelezamento da sua comarca. e suas esposas todas as noites reuniam na sala de armas as mulheres da aldeia; aí, escutando seus queixumes, mitigando seus pesares, com elas fiavam, como em meio de sua familia.

Depois iam distribuir socorros à viuva e ao órfão, sob o tecto rústico. E a filha do altivo barão, saindo ao romper da aurora, levava à cabana do moribundo alguma

saudavel beberagem, as suas orações e os seus lenitivos, depois de ter ajoelhado sob as arcadas da capela gótica.

Estes tempos nunca mais voltarão; e por certo ninguém o deseja, pois nunca se esquecerão as vexações e desgraças que se lhes atribuem; mas do *caos dos tempos antigos* algum bem pode ainda colher-se, que também seus clarões tinha o século das trevas».

Saber separar o trigo do joio, é para os que governam uma das mais proficuas ciências. »

Quebrados os nós de uma cadeia, pela demência de uma época, que projectou sobre largo futuro as terríveis consequências do seu desvairamento, pouco mais se encontra, em triste inventário, que solares dados ao abandono, desbaratados; ossos que os brasões cobriram, e foram da fina flor de uma geração que se deixou embalar nas blandícies de um sonho—agora, como que o demónio da « Liberdade » rindo-se de suas vítimas, trá-los profanados à raiz das plantas, onde a capela vinculada também caiu em ruínas.

A lição do tempo!

* * *

O casamento, tão maliciosamente interpretado em devaneios da literatura, obedecia a cálculos de justa ponderação, com vista a manter as famílias no caminho das suas tradições, de suas grandezas e pergaminhos: numa palavra, para não ser desigual nem em família nem em haveres.

A demagogia, com o fim em vista de destruir todos os prestígios e confundir todas as classes, lançou-se em cerrada campanha contra todos esses naturais preconceitos, acusando o clero regular e secular de «casamenteiro», quando em furiosos ataques se atreveu a ir-lhe à mão, a combater a legítima e generalizada acção em que a Igreja naturalmente se achava investida — a do seu integral apostolado na necessária manutenção de um proveitoso equilíbrio social.

E, se neste particular quisermos tirar a prova, basta relancear os olhos por algumas crónicas do amor em

Portugal no século XXVIII, para lá encontrar, aliada à ilustração, a má-fé do tempo:

*«Por que será que os frades de Bouro
Fazem tanto casamento?
Para haver moças casadas
Que os vão catar ao convento...»*

Contra esta e quejandas insidiosas insinuações, que por vezes se deparam aos olhos de modesto investigador, quanto à insuspeita dignidade da mulher dos nossos campos, a qual em meio da crise de desmoralização de costumes que o modernismo torna patente em seu sexo, sempre ela tem sido, em seu sector, o mais firme sustentáculo da família e do lar cristão; porventura a única e prometadora esperança de geral saneamento, não se pode deixar de lavrar aqui o mais sincero e veemente protesto de revolta.

É evidente que sempre houve e haverá anomalias e misérias, mas de fraquezas não reza a história e a pena logo as repele, mal fareja a podridão.

Não se julgue que marido e mulher vivem em constantes e ruidosas manifestações de ternura, em permanente pinga-amor; pelo contrário, os frequentes ralhos na excitação e rudeza do trabalho, na discussão de medidas proveitosas à economia doméstica, à criação dos filhos—estes problemas assoberbantes tornam o casal agitado mas seguro contra todos os riscos, nas alternativas da vida conjugal.

Até este ponto, a mulher chega a impor-se ao marido; o que nunca desce, nem se inferioriza, é em discutir com ele a união indissolúvel que os uniu.

Solteira, não abdicou dos folguedos das festas e dos arraiais, das feiras e das romarias que são, por índole, o seu único distraimento.

Casada, as despedidas tinham lugar quando na primeira romagem iam «desposados», com os trajes do noivado, à Senhora da Abadia.

Dantes, as filhas das famílias gradas iam à igreja de «mordomas» pela festa principal.

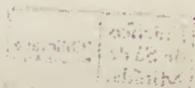
Adornadas dos melhores vestidos e galas, carregadas de oiro ao peito e à volta do colo robusto, era, sem

esse intuito, o que hoje se chama «apresentação na sociedade», nas velhas e saudosas pragmáticas da vida rural.

Os primeiros tempos da mocidade tinham-nos levado na confecção do bragal. De roda da lareira, nas longas noites de inverno, enquanto os homens assavam castanhas, elas fiavam, fiavam sempre; depois teciam até encher a arca, expressamente mandada fazer do melhor castanheiro dos campos ribeirinhos.

E ficava pronta, na escola de pais que poderiam servir de modelos do verdadeiro, do autêntico casal cristão de tão profundas tradições, a subir por sua vez esse longo e custoso calvário que foi o da exemplaríssima vida conjugal de nossos antepassados e aqui, do modo mais singelo e sem artifícios de prosa, se pretende transformar em altíssimo padrão de sentido e unânime reconhecimento à sua memória!

Nas Inquirições de 1.220: «**De Sancto iacobo de Goiães**» — lam à entroviscada, ao apelido (convocação), ao Castello de Bouro e à Portela de Homem, em tempo de guerra.»



Lago

Este topónimo deixa transparecer certas características accidentais, que foram próprias e naturais do terreno em que assentava, nos recuados tempos pré-históricos — terras encharcadas pelas águas confluentes do Homem e do Cávado, que a banham por cada lado do ângulo em que se acha emoldurada até ao vértice ou bico, Entre-pontes, as duas, modernas e elegantes, de pedra, construídas por 1868.

Esta qualidade vem a denunciar-se por demais termos adequados e semelhantes, desde o lugar de *Olheiros* (olhos de água) na vizinha Rendufe, por *Barreiros*, *Atoleiros*, as *Lagoas*, a terminar nas *Lameiras*.

Hoje, por singular contraste do tempo (em sua grande distância) dado o abaixamento das águas, é um dos mais sequiosos retalhos da região; por isso cada um aguça o entendimento esmerilha como há-de arrancar das entranhas da terra, de poços cada vez mais profundos, o precioso líquido tão necessário, indispensável à rega dos campos.

Se esta e outras freguesias da zona baixa de Entre-Homem e Cávado tivessem assegurados, para anos irregulares, que por nossos pecados são os mais frequentes, os recursos e meios práticos de irrigação, elas seriam muitas vezes mais férteis e produtivas e este será o meio mais simples de acudir e matar a fome a uma população em franco e progressivo crescimento.

Em 1706 tinha 75 vizinhos; até 1875 cresceu para 158, com 697 almas; agora vai nos 287 fogos e 1180 habitantes.

A sua especial situação, a proximidade de feiras, mercados e centros industriais, especialmente Braga, com a relativa facilidade de comunicações, assim o permite.

Está distribuída pelos lugares da *Igreja*, *Bouro*, *Barral*, *Telhado*, *Ribeira*, *Santa Marta*, *Ponte*, *Vila-Nova*, *Telheira*, *Paço*, *Cruzes* e *Fonte-Covas*.

Ocupam a área da freguesia boas propriedades; a

melhor parte delas, porém, passou de abastados lavradores decaídos às mãos de comerciantes e industriais que exercem pelos centros urbanos outras de suas diversas actividades.

Também se fabricou aqui boa telha.

É atravessada pelo ribeiro de *Pontezinhas*, que vem dos Olheiros e Atoleiros e finda no Homem, junto de *Portocarreiro*.

Foi antiga vigairaria da apresentação do dom abade de Rendufe, a cujo couto pertencia.

O padroeiro é S. Martinho.

Do «*Diatário do Mosteiro de Rendufe*», existente no arquivo paroquial de Caldelas, consta que no dia 22 de Outubro de 1813 foi benzida e no dia 24 celebrada com toda a pompa—solene pontifical—a primeira missa na nova igreja de S. Martinho de Lago, anexa àquele mosteiro; colocado nela o S. S. Sacramento, que até esse dia havia estado depositado na pequena ermida de Santa Ana, no lugar da Carreira, da qual era dono (e das propriedades anexas) António Pereira de Almeida; fora entretanto destinada à celebração dos Offícios Divinos, enquanto não se aprontou a nova igreja.

Muitas foram as dificuldades a vencer, sobretudo por encontrar-se a freguesia dividida—motivo a cedência de terreno (era de uns quatro proprietários) e a mudança; queriam uns que se construísse no mesmo sítio, outros onde efectivamente se edificou.

O dono do monte recebeu não só o terreno abandonado e secularizado *auctoritate ordinaria*, como as próprias ossadas que para lá ficaram.

A matriz antiga ficava a distância de noventa varas, de cinco palmos craveiros, contadas desde a porta lateral, da parte do Evangelho, da nova igreja, e em linha recta.

Dela apenas restava uma insignificantíssima parede a fechar um recinto, mal defendido de animais, e que então apenas servia de cemitério.

Foi o visitador João Cabral Soares de Albergaria que a achou incapaz de receber, por qualquer lado, melhoramento ou reparação possível e apelou então (1800) para o dom abade, que ao tempo era Frei Pedro dos Mártires.



Igreja matriz de Lago

De novo (1803) insistiu com o então dom abade, que era o R do P. P. Geral, Frei Rodrigo de Santo Inácio de Loiola.

Superadas, finalmente, pela constância, zêlo e actividade do M R.do P Frei Sebastião de Santa Rita, lançaram-se os fundamentos em princípios de Março de 1809.

Logo se viram, porém, sufocados os trabalhos em seu nascimento pela coincidência da 2.^a invasão francesa, o que aconteceu exactamente nos dias da abertura dos alicerces; tudo ficou suspenso até que o mesmo prelado se recolheu ao mosteiro, depois da expulsão do inimigo.

E da participação activa que os religiosos de Rendufe tomaram neste importantíssimo acontecimento histórico há-de tratar-se em seu devido lugar

Pouco se adiantou até à nomeação do novo dom abade, Frei José do Pilar, até que conseguiu-se licença para trabalhar nos terraplanamentos, nos domingos de tarde, a fim de mais rapidamente se atingir o fim como convinha.

Bastante espaçosa, com uns 30 metros de comprimento por 8 de largura, ficou posta sobre pequena elevação, à já referida distância da primitiva, de muito menores proporções e era no sítio ainda designado por «Adro,» que ficou sendo de particular.

Marcado o dia para a solenidade da entronização do S.S. e celebração da primeira missa, foi, por deferencia, convidado Frei Sebastião de Santa Rita, que então era abade de S.to Tirso.

Tem um torreão com dois sinos e pensa-se na construção de uma torre e salão paroquial.

O altar de S. Sebastião, à parte do Evangelho, com dois pequenos retábulos, um daquele santo e outro da Anunciação, é muito antigo e valioso; veio da antiga igreja e o outro, que com ele constituia parelha, é voz corrente ter ardido.

O que lhe fica fronteiro, de estilo mais recente, um barroco muito simples, é dedicado ao Coração de Jesus.

Apoiados nas pilastras do arco-cruzeiro, tem uns nichos compostos de mesa e banquetta, com pretensões de altar, mas que tal não podem considerar-se.

Tem lindas e antigas imagens, como seja a do padroeiro; a mais recente, de N. S. do Sameiro, deu entra-

da no dia 5 de Julho de 1956, vindo processionalmente e com toda a solenidade desde o lugar de Entre—pontes. Foi obtida por subscrição entre os fregueses.

Dispõe de suficientes paramentos e vasos sagrados; quatro cruces paroquiais, sendo duas das confrarias e a mais antiga conta centenas de anos.

Há duas confrarias: a das Almas, com Breve de Pio IV, concedido em 1780, está impresso em uma táboa, forma de escudo oval, pendente no arco—cruzeiro.

A do S. S. Sacramento tem estatutos de 1794, mas foi erecta canonicamente em 1805.

Na base do cruzeiro paroquial vê-se gravada a era de 1685.

Tem uma boa residência ou presbitério, com pequeno quintal que serve de passal. «O olival do Senhor» anda arrendado por 20\$00 anuais.

Graças a saudosos benfeitores, a Igreja tem a competente instalação eléctrica. O tecto da capela-mór é guardado de pintura dos quatro evangelistas; o do corpo da igreja tem ao centro a de S. Martinho.

Existem na freguesia três capelas, sendo a última de particular.

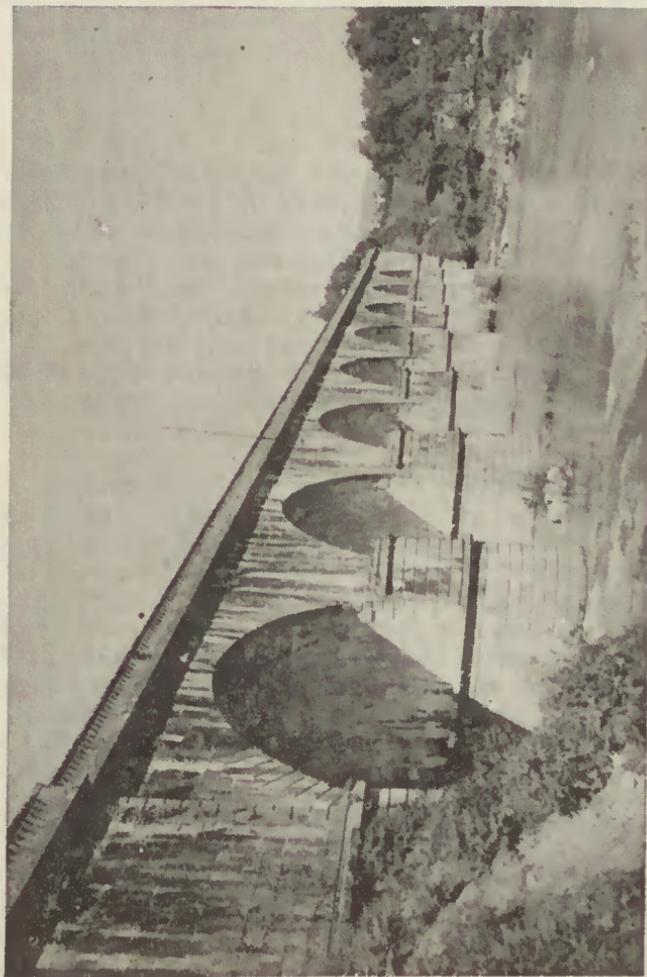
A do *Senhor da Saude*, no lugar de Fonte-Covas, de grande devoção na freguesia e vizinhança, foi seu fundador, em 1833, Brás António Fernandes.

Reconstruída em 1859, foi na mesma data, segundo a tradição, oferecida a actual imagem (boa escultura) pela «casa da Fonte». Inicialmente constituiu objecto de veneração um quadro que ainda se conserva, com a imagem do Senhor crucificado, dois bispos, o purgatório e parte da história da fundação da capela; completa-a um 2.º quadro, do qual se conclui que foi o filho do fundador quem deu princípio a que a devoção do Senhor crucificado prosseguisse sob a invocação de «Senhor da Saúde»; e mandou em 1871, restaurar o retábulo primitivo, e construir o côro, custeando as despesas.

Celebra-se a sua festa no 3.º domingo de Julho.

Há duas dezenas de anos, aproximadamente, foi aberta uma vistosa avenida desde o recinto da igreja até junto desta capela e do cemitério, que lhe fica ao pé.

A de *Santa Marta*, no lugar do mesmo nome, su-



Ponte do Bico

põe-se, com bons fundamentos, que é bastante antiga.

A de Santa Ana, atrás referida, consta que lhe foram vinculados consideráveis rendimentos e foros para manutenção e decência do seu culto, no entanto está profanada.

* * *

Foi aqui o solar dos *Pereiras de Lago* «e seria o seu assento no lugar do Paço, circunstância a que pode atribuir-se tal designação toponímica.

Refere P. Leal que essa desaparecida torre fôra finalmente dos Queirozes de Amarante, as quais, a seu tempo, reisdiam em Barcelos.

O primitivo solar comum dos «Pereiras» foi na freguesia do mesmo nome, no concelho de Barcelos.

De acordo com Felgueiras Gayo dá-se uma breve resenha da família dos «Lagos» que teve o seu princípio em:

— *Gonçalo Gls de Palmeira* e sua 2.^a mulher D. Urraca Viegas; foi fundador ou benfeitor do mosteiro de Landim. De dois filhos, sucedeu-lhe:

— *Gomes Gonçalves do Lago*, rico-homem no reinado de Afonso II; foi snr. da torre do Lago, no couto de Rendufe. Casou c. D. Teresa Gomes, alguns acrescentaram «de Tavariscos» e era filha de Gomes Ansur e de sua mulher Estevainha Pires da Nóbrega. Entre vários filhos:

— *Pedro Gomes do Lago*, não casou, mas teve dois filhos bastardos de Elvira Martins, de Talhavezes, aos quais legitimou.

— *João Rodrigues do Lago*, sucedeu na mesma casa e torre; c. c. D. Inês Martins do Rego, que também dizem «de Jurutelo».

Do respectivo documento de legitimação, relativo ao ano de 1436? consta ser filho do anterior, assim declarado perante João Gil, juiz do cível do couto de Rendufe, sendo tabalião de el-Rei, Rui Gonçalves. Juraram todas juntas as tt.^{as} seguintes: João de Barros, Álvaro Gonçalves de *Berredo*, Lopo Afonso da *Ponte*, Gil de *Carreira*, no couto de Rendufe, Martim Roiz de *Vilar*, morador em Re-

galados; homens velhos e de grandes idades (sic) aos quais de per si o juiz deu juramento. Uma filha:

— *Senhorinha Anes do Lago*, c. c. Diogo Gomes Frois, fidalgo da Casa de el-Rei D. João I. Um filho:

— *João Gomes do Lago*, c. 1.^a vez c. D. Brites de Azevedo. Foi snr. do couto de Rendufe. C. 2.^a vez c. D. Germaneza Pereira de Araújo. Um filho da 1.^a e nove da 2.^a:

— *Paio Gomes do Lago*, da 2.^a, herdeiro da casa e torre de seus pais; escudeiro de D. Afonso V, com quem se achou em Toro. Foi fronteiro-mór de Entre-Douro e Lima. Tomou aos castelhanos, Baiona e Vigo, Redondela e Pontevedra. Perdeu um olho na guerra.

Fez justificação da s/ nobreza, provando ser neto e filho, e 2.^o e 3.^o neto de Pedro Gomes do Lago e a sua ascendência pela linha dos «Pereiras», por parte de s/ mãe, isto no couto de Rendufe e perante o juiz do cível do dito couto, aos 20 de Outubro de 1436. Este documento existia na casa de Avelar, em Braga.

Consta ter casado c. D. Leonor Pereira de Berredo.

— *Catarina Pereira do Lago*, B. havida em Francisca Ribeiro, mas foi dotada por s/ pai. C. c. Fernando Afonso — escudeiro — de Semelhe. Dois filhos:

— *Fernão Pereira do Lago*, fez justificação de s/ nobreza e ascendência. Foi fidalgo muito considerado e casou em Chaves com Francisca Alves Barroso, irmã do Provisor de Braga, Baltasar Alves Barroso, quando estava deportado naquela vila, por crime de morte na pessoa de Diogo Borges Pacheco, fidalgo no t.lo de «Barrosos». Entre outros, seu homónimo:

— *Fernão Pereira do Lago*, (que alguns dizem que foi B.), e chamaram-no o *manja-léguas*. Foi criado do Provisor, seu tio; depois *tendeiro*. C. c. Maria Leitão, do lugar de Passos, freguesia de S. Victor.

E, para não tornar demasiado extensa esta notícia, uma referência apenas a mais alguns nomes avulsos dos deste apelido:

Lançarote Rz do Lago, sendo escudeiro, ajudou a prender Vasco Lourênço, no assalto à Praça de Ponte do Lima, em tempo de D. João I, em cuja crónica é tratado por *Lançarote do Lago*.

Afonso Pereira do Lago, foi Vedor da fazenda de Entre-Minho e Douro, por D. Afonso V.

Rui Gomes do Lago, matou, com outros, um corregedor de el-Rei D. João II; foi parar à Galiza e os bens confiscados.

De modo geral, apresentavam-se com numerosa prole.

Desempenharam muitos deles diversos cargos em Braga; e aqui, na «casa de Avelar», encontrava-se, ao que parece, o verdadeiro tomo desta família.

Pode conjecturar-se que a estes «Pereiras do Lago» se deve a procedência de todos os deste apelido de «Pereira», por aqui ainda existentes, circunstância por que dispensaram o sobretítulo de «Lagos».

Havia ainda os «*Pereiras de Almeida*»; mais a distância os «*Pereiras de Caldelas*», que aí vieram por *Afonso Manuel Pereira de Azevedo*, e casou nessa freguesia com D. Josefa Vivas Faria.

Tiveram *João Manuel Pereira de Azevedo*, snr. da Casa do Condado em S. Pedro de Esqueiros, o qual por sua vez casou em Amares, com D. Teresa de Amorim Calheiros, da Casa da Corredoura.

Resta dizer que a Família dos «Pereiras» é antiquíssima em Portugal e com ela se uniu, pelo Condestável, a própria Casa de Bragança.

Unindo-se Pereiras e Lagos, partiram o escudo em pala: na primeira, em campo vermelho, uma cruz (é o distintivo dos Pereiras) de prata florida...; na segunda, também em campo vermelho, uma torre de prata, sobre lago de azul e prata, no qual aparecem três peixes; sobre a torre uma donzela vestida de azul, cabelos soltos.

* * *

De Sancto Martino de Lago (1220)... jurados disseram que o Rei não tinha aí foro algum, pois estava no conto de Rendufe.



SENHOR DA SAÚDE
LAGO

PARANHOS

Uma vez em Caldelas, bati à porta da residência do senhor abade e, feitas as naturais saudações, participei-lhe que estava de caminho até estes altos pendores, a fim de me certificar do que já sabia e pessoalmente anotar o que mais houvesse a dizer.

Logo pronto, mostrou-se decidido a ir também; e, por mais que me escusasse de aceitar o sacrifício de tão honrosa companhia, não consegui demovê-lo.

Recolhendo-se por instantes, largou a batina e appareceu leveiro de seu bordão polido e elegante nas mãos firmes (com o qual declarou ter sido obsequiado) estava disposto a ir visitar, passada mais de uma dezena de anos, uma antiga parcela do seu rebanho; por mais que uma vez a tivera sob a sua jurisdição paroquial, anexa à sua própria freguesia.

É, subtraindo-se por caminhos seus bem conhecidos ao bulício da Avenida e deferências dos hóspedes das termas, que tanto tem acarinhado, fomos subindo pelas calçadas cada vez mais íngremes, andando e conversando.

Pelas levadas e regachos, em que se reparte e subdivide o Alvito, como as veias num corpo, sentiam-se murmurar as águas das últimas chuvas deste Agosto invernosso, enquanto o senhor abade ia dando as suas explicações acerca do traçado da futura estrada para S. Pedro-fins, até que, a certa altura, começou a ouvir-se, pela boca das pessoas que se iam encontrando à margem do caminho, esta frase entremeada de admiração e de saudade:

—O senhor abade por aqui?!

E o mesmo rumor perpassou por toda a aldeia - a inesperada visita do senhor abade de Caldelas.

Que magnífico espectáculo este, de ver um povo rodear de tanta veneração e respeito o seu antigo pároco!

É óbvio que as populações das alturas se mantêm perservadas do virus que já contamina as pretensiosas aldeias da planície, de mais adstritas a focos de infecção e

de ideias avançadas, quando as forças do mal por vezes movem seus planos contra estes apóstolos do meio rural, única garantia de uma autoridade que mantém em equilíbrio estes povos e se exerce, sem violência ou constrangimento, de dentro para fora, no constante incitamento e exortação à prática da caridade, do respeito e temor de Deus, à observância da Sua Lei; na prática e salvaguarda do direito de propriedade e do legítimo salário do trabalhador.

Ordena o bom senso quanto deve reflectir-se no que seria o miserável viver das populações rurais, se não fosse esta presença e sucessão milenária de guias espirituais que uns após outros veem a ministrar as luzes de uma relativa civilização, a combater a barbárie e a superstição em meios que, de outro modo, resvalariam no torpor e nas trevas da própria selva africana.

Forçoso é que se compreenda quanto deve promover-se, da parte para o todo, a paz e a tranquilidade na alma e na consciência dos povos, a partir destas moléculas fundamentais da numerosa família humana — as freguesias — em torno de poderes hierárquicos sob cujo governo se sustenta em unidade e progresso, através dos séculos.

E perdoe o leitor tê-lo trazido a estas considerações, antes de atingirmos a igreja de Paranhos.

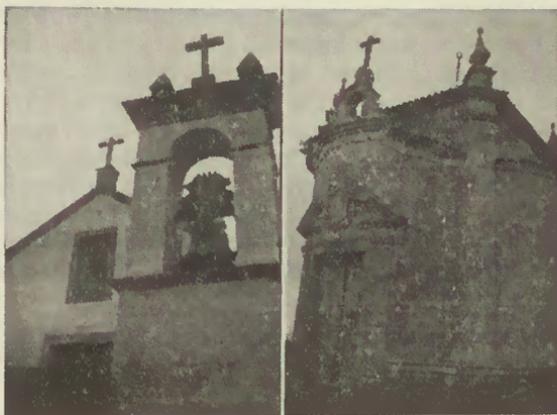
De passagem pela capela de Santo Ovídio, já descrita através da valiosa colaboração do senhor abade de Caldelas, descemos pela vertente oposta; e, sempre dominando o poente, de novo nos encontramos no recinto das termas, como quem escorrega de um monte à cidade.

E a título de despedida, ia o senhor abade a dizer: — Obrigado por me desafiar... quando por generosa amabilidade emendou, proporcionar este belo passeio.

Respeitosamente, daqui lhe reitero o meu sincero reconhecimento.

* * *

O nome desta freguesia, situada nas alturas e povoada de matagais e giestas, é para todos os efeitos um monumento medieval — *Paramo* ou *Amadigo* — como de finem as Inquirições de D. Dinis, de 1290:



Matriz de Paranhos, Capela de S. to Ovídio

«Alguns fazem Honras ali hu crião os filhos de Algo em esta guisa: Emparom o Amo em quanto he vivo, e desde que os Amos são mortos, emparom o lugar, pondo-lhe o nome PARANHO, isto he, emparado, ou defendido por Honra».

Foi abuso de que muito se serviram os proprietários de casais para libertá-los de encargos para com a Fazenda Real; por isso o mesmo monarca e na referida data aboliu este privilégio, deitando-o em devassa.

Se outrora se criaram por estas paragens os filhos dos ricos-homens e cavaleiros que partiam em longas e demoradas expedições guerreiras, e na incerteza de voltarem a ver os que ficavam, ainda há bem pouco tempo os últimos abencerragens dessas antigas e nobres gerações vaguearam foragidos por estes sítios agrestes, barbas e cabelos hirsutos a disfarçarem as suas verdadeiras feições; membros do clero e da fidalguia que mais uma vez buscaram o convívio das feras, para escaparem a outras «feras».

Ao advento do novo regime, muitos padres e fidalgos valeram-se de esconderijos desta natureza, até que conheceram o exílio ou voltaram cautelosamente a suas terras.

Uma profunda transmutação se havia operado à face da história — o reverso da medalha:

Aquele célebre cavaleiro andante, D. Arnaldo de Baião, que logo de princípio deste trabalho se referiu ter vindo com outros a estas terras de Entre Homem e Cávado, a guerrear os mouros, e foi tronco e cabecel de «Azevedos» e outras ilustres famílias por aqui estabelecidas, parece vê-lo por estes mesmos sítios, alquebrado sob o peso e na penumbra dos séculos, já sem forças para brandir o seu montante.

Dos que combateu, uma nova força se gerou e esta também a seu modo e tempo oportuno veio a campo, a ganhar terreno, de seus esconderijos, de suas alfurjas...

Paranhos foi vigairaria da apresentação do reitor de Coucieiro; depois passou a reitoria.

Esteve anexa a Caldelas, últimamente a Sequeiros e agora a Souto, embora esta de arciprestado diferente.

O padroeiro é S. Lourenço, mártir.

Em 1706 tinha 39 fogos; em 1875 ia nos 43 por 213 almas; de momento conta uns 53 e 320 habitantes. Como se vai verificando, o crescimento da população é consideravelmente mais lento nas terras altas, onde também a par de outras circunstâncias de vária espécie, a pobreza e a própria miséria são menos notáveis.

A terra menos retalhada, maior apêgo a ela e à sua exploração directa, sem a intervenção de caseiros.

E' muito abundante de lenhas e matos; produz de todos os cereais, vinho de inferior qualidade, muito gado miúdo e caça.

De modo geral nas terras dos montes os rebanhos, que constituíam particular riqueza, têm decrescido, dado o interesse pela questão do repovoamento florestal.

Além do adubamento destes terrenos frios (contou-se com os químicos) outras faltas se devem sentir e seja a da lã das tosquias para os tecidos caseiros e o frequente recurso a uma peça, para uma vez ou outra mais solene, baptizado, serviçada ou casamento, «matar uma fraqueza».

E, quanto a esta última parte, refere o *Portugal Antigo e Moderno* que os habitantes de Paranhos usavam muito o *badulaque* ou *bazulaque*, iguaria feita dos intestinos da rezes miúdas, mas «com pouca limpeza».

O autor gostava de trazer de vez em quando a público a sua «pilhéria», com mais ou menos graça e fundamento.

Sabe-se muito bem que cada um em sua casa usa da limpeza que pode e quer; certo é, porém, que, neste caso, quem assim o informou ou tinha por sistema a falta dela e julgava passar-se o mesmo em casa dos vizinhos, ou foi vítima ao comer da tal iguaria...

Mais acrescenta constar que em Aljubarrota os castelhanos fabricavam uma espécie de comida de campanha com o mesmo nome, tácito no que poderia referir-se a limpeza; e que o mesmo termo também pode significar — indivíduo nutrido, gordo.

E, a propósito, outra palavra que vem a jeito, em-

pregada nesta e freguesias limítrofes com o mesmo sentido culinário — é a *chanfana*.

Ainda este, é a *cabidela*, que mais pretenciosamente se denomina *sarrabulho* e toda esta nomenclatura se rematava nos lautos, abundantes festins das bodas e das malhadas.

* * *

Compõem-se dos lugares da *Igreja, Além, Covas, Louredo e Farapilha*.

A matriz é de pequenas dimensões, tudo de harmonia com a diminuta população.

Encontra-se em obras de reparação geral e tudo está muito certo, menos uma coisa confrangedora, muito triste, mesmo de contar.

Para proceder ao soalhamento e conseguir a prévia caixa de ar, foram-se sem dó nem piedade, respeito nem comiserção, aos fundos da igreja, desentulharam tudo, como de entulho se tratasse, lançaram a terra mole no adro, de onde há-de ser levada pelas enxurradas de sucessivos invernos e arrastada de leira em socalco; os «achados» foram transportados e atirados a esmo para uma vala comum do cemitério.

Penoso é meter-se foíce nesta seara, ter de ser indiscreto em assunto de tanta seriedade, mas quem quer evitá-lo não desenterra os mortos e passe este comentário a título de evitar casos idênticos.

Deparou-se ali com esqueletos e peças de vestuário intactos (na opinião de um operário alguns fatos ainda levariam anos a romper); lenços de seda natural atados nas pontas e tão conservados como se estivessem em arca de cânfora; caixões sobrepostos em três camadas (possivelmente sepultura particular) despojos de muitas gerações, sabe-o Deus, mais dignas decerto da sua presença por sua simplicidade e mais inabalável fé que a desta a que pertencemos.

Um recheio perdido, desfeito sem fins científicos, nem úteis, nem convenientes.

Compreende-se que uma necrópole se explore e investigue, quando por modos fortuítos vem à mão do cientista, do arqueólogo; mas assim à picareta ignóbil da bruta gente, causa calafrios.

Esqueceu-se depressa quanta revolta causou às populações do Minho, na primeira metade do século passado (Maria da Fonte) o sujeitarem-se à obrigatoriedade dos enterramentos fora da igreja!

Perante factos desta natureza é que as populações não podem cruzar indiferentes os braços, quando outros meios se deparavam viáveis, até a um melhor efeito das obras.

Sem falar no moderno sistema dos «tacos de madeira», a caixa de areia ou em último caso a cimentação com soalho sobreposto — tudo menos o que se fez e ponto final.

* * *

Exteriormente, na parede da sacristia, lado norte, duas lápides de mármore:

1.ª — AO SAUDOSO CONDÍSCIPULO
ABEL DE ALMEIDA HOMENAGEM
DO CURSO THEOLOGICO DE 1908-1911
VI-X-MCMXIV.

2.ª — AO INOLVIDAVEL CONDÍSCIPULO
P.º ADELINO DA SILVA HOMENAGEM
DO CURSO TEOLOGICO DE 1908-1911
XXIII-IX-MCMXIX.

Foram ali mesmo sepultados naquele recanto do adro.

O primeiro era apenas clérigo de ordens sacras; o 2.º chegou a ser pároco de Seranil, ao tempo do exílio do abade Martins no Brasil, até que adoeceu de tísica, como o antecedente, e faleceu.

Maus tratos do período crítico em que viveram e poucos escaparam.

Dos poucos sobreviventes, o actual bispo da Guarda também aqui veio prestar a seus condiscípulos sua última homenagem.

Os altares são de modesta fábrica, obra de artistas locais, entalhadores e santeiros, o último, Francisco da Sil-

va Júnior, igualmente autor da imagem do Coração de Jesus.

Tem outras mais valiosas, a denunciarem o barroco, como sejam a de Santa Rita de Cacia e a de Santa Luzia.

A Confraria do S. S. Sacramento é de instituição recente.

Junto da pia baptismal, embutido na parede e servindo de armário, está um velho sacrário, de característico estilo regional.

No torreão, sobre o paredão do adro, tem um sino de bom timbre e som, com a data de 1854, plausivelmente aquela em que se substituiu a primitiva sineira cujas pedras agora foram descobertas sobre o degrau que dividia o pavimento da igreja.

No plinto do cruzeiro paroquial, de fuste relativamente elegante e delicado, tem a data de 1673.

Nas Inquirições de 1258 — *«in collatione Sancti Laurentii de Paramios... Egas Egee criou filo de Martino Stephani, et excusn se per y»* e nisto consistia o supradita pretexto de isenção tributária.

PAREDES-SECAS

Bem está de ver a origem da expressão por que se designa o nome desta freguesia desde tempos imemoriais.

Os Romanos, que por aqui passaram em legiões e, dotados de exímia observação, foram os mais peritos na administração do baptismo a quantas terras conheceram, não lhes passaram aqui despercebidas as casas e muros feitos de pedra a esmo, sem barro nem cal, sem a argamassa que eles tanto usavam e era de rigidez e aderência ainda hoje inegaláveis.

Nesta como noutras freguesias se encontram frequentemente ainda hoje dessas antiquíssimas habitações, construídas de pedra sobre pedra e pelos interstícios das juntas mal devastadas entra, à raridade ou falta de janelas, o ar e a luz.

Está situada em terreno bastante acidentado, nas vertentes de S. Pedro-fins voltadas a nascente.

Foi do couto de Rendufe, a que pertenciam ainda os lugares de Pomarinho, Faquiães, Portela do Vale, Monte e Linharelho que são da freguesia de Vilela.

Pertenceu ao antigo concelho de Santa Marta de Bouro; tinha juiz no cível e órfãos, almotacel e provedor, feitos por eleição do povo, os quais faziam correições e aforavam montados; por sua ordem faziam-se *montarias* a que concorriam os povos dos coutos de Bouro e de Rendufe, mas perderam essa regalia por ter o juiz, um tal José Martins, determinado uma montaria em dia de feira-nova; assim o refere P. Leal.

crime.

Até 1834 foi da comarca de Viana; passou para a de Lanhoso e em 1855 para a de Vila-Verde.

É terra fértil de todos os cereais, vinho e azeite; cria muita caça pelos montes.

Compõe-se dos lugares de *Carvalho, Quintã Penosa, Lama, Vila-Cova e Urjais*.

Foi antiga abadia da apresentação da mitra.

O padroeiro é S. Miguel Arcanjo; e, em nicho abertor sobre a porta principal da respectiva matriz, tem a sua estátua de pedra, que se supõe de *ançã*. E, a este respeito, conta o Senhor abade de Caldelas que foi uma vez solicitado pelo Prelado e por officio que ali lhe apresentou o pároco desta freguesia ao pretender desfazer-se de uma imagem de pedra que lá andava abandonada pela sacristia e tinha comprador interessado (esta criminoso especulação quanto a valores e bens culturais infelizmente vem de longe) continuando, ordenava-se-lhe naquele officio que fôsse a Paredes-Secas averiguar se a dita imagem era ou não objecto de interesse parochial e por conseguinte sim ou não alienável.

Pouco satisfeito à primeira vista com aquela embaixada e em atenção à longa e custosa caminhada, perguntou ao pároco se na fachada da igreja havia qualquer nicho vazio, ao que este logo respondeu afirmativamente.

— Então, disse o senhor abade de Caldelas:—coloque-a no sitio dela, e ainda bem que já não preciso de lá ir.

E lá a têm e sabem a quem, até certo ponto, devem o conservá-la.

O *livro do tombo* desta freguesia, escrito em pergaminho, está depositado no arquivo parochial de Caldelas.

Mal se pode dizer ao que servia quando por sorte caiu nas abençoadas mãos que o recolheram, as do senhor abade João de Freitas, se não fôsse mostrar a indignidade a que por vezes se lançam e as bolandas que levam certos valores irreparáveis:— por fundo a uma garrafa, à falta da adequada peça de loiça, ficou com a marca ou selo redondo do officio em que foi surpreendido.

Tem, no entanto, o arquivo de Paredes-Secas o «*Livro das Constituições*», mandadas imprimir (1647-1710), por ordem do arc. D. João de Sousa. Conservaram-se manuscritas desde o Sínodo diocesano de 14 de Junho de 1637.

O «*Livro dos Capitulos das Visitas*», com abertura em 8 de Agosto de 1803, contendo as determinações do estilo e cópias de «provisões», lê-se em uma delas, de 13



**Igreja e interior. Paramento de rico damasco
O coração e a noveta antiga de latão**

de Junho de 1903:

«Considerando que subsistem ainda as razões que motivam a proibição dos Cercos, as quais principalte consistiam na irreverência e desordem com que se organizavam tais préstitos e nos notáveis abusos que quase sempre se cometiam contra a religião e moral; que é impossível evitar tais desregramentos, conduzindo procissões por montes e vales e sítios escabrosos e percorrendo campos cultivados, o que também causu prejuizos aos agricultores»... assim foi expressamente proibido aos párocos presidir ou consentir os Cercos, chamados de S. Sebastião ou de penitência.

Talvez por concessão especial, sabe-se que alguns se realizaram ainda posteriormente.

E vem a jeito falar em outra devoção que caiu em desuso e foi a da confecção da *toalha de S. Sebastião*: juntavam-se as mulheres, geralmente numa noite previamente combinada, e em poucas horas espadelavam o linho, assedavam-no, fiavam, dobavam as meadas, urdiam a teia, teciam a toalha e preparavam-na para colocar de manhã sobre a mesa do altar e o sacerdote celebrar sobre ela a missa da promessa em honra do milagroso santo, advogado contra as calamidades públicas, principalmente a peste.

Os *cercos* e as *procissões de penitência* tinham lugar quando as longas estiagens prejudicavam a agricultura; através delas procedia-se à *mudança dos santinhos*, isto é, dos padroeiros de uma para outra freguesia vizinha.

Na visita de 16 de Novembro de 1905, determinou entre outras coisas o visitador D. Manuel Baptista da Cunha, que se retirassem uns oratórios que desfeizavam os altares laterais, de boa talha, renascença; que a talha outrora doirada do altar-mor, no mesmo estilo e cujo oiro havia sido raspado, se restaurasse quando fôsse possível; que se collocasse o guarda-vento na porta principal (tem na padieira a data de 1705) a fim de evitar que da casa fronteira se visse para dentro.

A parte do Evangelho está o altar de N. Senhora dos Remédios; da Epístola, o de N. Senhora das Graças. As imagens são antigas e de magnífica escultura.

Tem na sacristia um bom arcaz para guarda dos

paramentos, alguns, embora restaurados, de bela seda antiga. Tem tido este móvel da igreja os seus pretendentes; é de castanho da região, talha da renascença, rezoavelmente conservado.

Uma interessante fonte purificatória, possivelmente aproveitada da igreja primitiva; dá ares de românico.

Uma naveta muito antiga, de latão, autêntica forma de nau; um turíbulo do mesmo metal e antigo.

Anda ali arrumado um coração esculpido em madeira, tamanho maior que o natural, rodeado de coroa de espinhos; foi objecto do primitivo culto ao S.do Coração de Jesus, antes que entrassem em uso as imagens.

Todo o edificio da matriz passou por obras de restauração geral, exteriores, de 1957-1958.

Está projectada a construção do cemitério e já foi pedida a respectiva participação. Entretanto os enterramentos vão-se fazendo no adro, cujo muro de suporte é guarnecido de cruzes de pedra, da via-sacra.

Tinha esta freguesia, em 1706, uns 30 vizinhos; em 1875 andava por 49 com 227 almas; de presente uns 68 fogos por 360 habitantes.

Na posse de um lavrador existe uma sepultura de pedra, à qual chamam a *carneira* (de carne) e serve de pia para queimar cal. Também há por aqui mós e pés de moinho de cereais, do tempo dos Romanos; um capitel ou base de coluna, de antiquíssima edificação, objectos encontrados no sítio conhecido por Majoje, onde aparecem outros restos de materiais de construção romana.

Passa por aqui a Geira e sobre o leito do ribeiro da Pala foi recentemente descoberto um fragmente de miliário, enorme pedregulho roliço, que galgou da margem daquela via pela encosta abaixo e ali ficou de borco, como a esconder a face, a poupar a inscrição das vergastadas do tempo.

Quando se tratar do que se encontra em Vilela, também este merecerá mais pormenorizada referência.

Paredes-Secas não tem passal nem residência; aqui viveu e morreu um dos mais famigerados compradores destes imobiliários da igreja.

Nas Inquirições de 1258-*incollatione Sancti Michaelis de Paredes Secas... e onrada per coutos et per divisoes et non fazem foro al Rey.*

PORTELA

Está situada em declive, na vertente meridional de S. Pedro-fins para o Homem.

Abrigada do norte, é abundante de todos os cereais da região e produz boa laranja e vinho verde.

Compõe-se dos lugares da *Igreja, Cima de Vila, Cabo de Vila, Vila Pouca, Suco, Monte e Cernado*.

E, já que aqui se insiste na palavra «vila» por nome e definição dos lugares em que se distribuiu a freguesia, eis o exemplo prático como da primitiva «villa» ou «casa de campo» do grande proprietário romano, com seus colonos e servos da gleba, se organizou de fundo, desenvolveu e aperfeçoou através dos séculos este magnífico quadro e esquema da vida paroquial, que se vai perpetuando e enriquecendo em bases e instituições cada vez mais firmes pelos tempos fora.

Em 1706 tinha 53 vizinhos; em 1875 a Corografia de Baptista atribui-lhe 56, com 218 almas; actualmente 68 por 360 habitantes, sendo de notar o pequeno aumento populacional. Vivendo exclusivamente da agricultura, a demasia escoã-se pelas vias da emigração.

O padroeiro é S. Pedro, Apóstolo.

Foi antiga abadia da apresentação da mitra. De momento anda anexa à vizinha freguesia da Torre.

A matriz, pequenina e bela, esconde poeticamente a sua modéstia e brancura entre o verde-escuro da espessa vegetação circundante.

Diferem muito desta para a outra margem do Cávado os templozinhos cristãos: enquanto aí são donairosos e altivos, vistosos ao longe, aquil, a não ser as igrejas de Caldelas e Torre, que erguem para o céu suas grimpas soberbas, as restantes, com seus despretenciosos campanários, aninham-se em recantos graciosos e pitorescos e razão teve em chamar a atenção para este pormenor o Snr. Abade João de Freitas.

Desta vez não veio armado de bordão, que a digressão apresentou-se mais suave, graças ao *Wolkswagen* de

«Tio juca,» perdoe a expressão de trato familiar, mal chegado da sua viagem a Manaus, pôs outra vez e obsequiosamente o seu carro ao serviço da Monografia.

Voltemos à descrição da matriz.

Tem gravadas exteriormente, em alto relêvo, nas empenas, as cruces da via-sacra e na linha da fachada um formoso campanário com 2 sinos.

Além do altar-mór, de talha muito singela e com tribuna, tem à parte do Evangelho o do Coração de Jesus e o de N. S.^a de Fátima e, à Epístola, o do Coração de Maria.

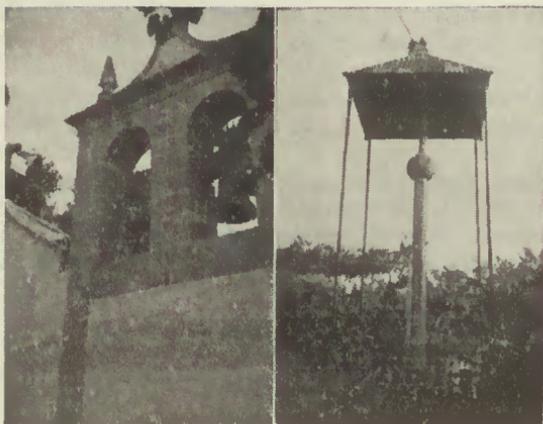
Há nesta freguesia, no lugar de Cima de Vila e à margem da estrada de Caldelas à Feira-Nova, uma capela pública, dedicada a Santa Marta. É de granito a imagem da padroeira; e muito antiga. Foi pintada.

Um pouco acima da igreja, seguindo-se por uma calçada íngreme, encontra-se o artístico cruzeiro paroquial. Abrigado por alpendre de zinco sobre colunas metálicas e defendido por grades de ferro, tem no plinto os seguintes dizeres:

N. S.
DE BEIM
1787

Na cruz, Cristo esculpido em forma.
Das Inquirições de 1220: *De Sancto Petro de Portela..... e alguns iam à entroviscada.*

PROJETO



Portela—Matriz e cruzeiro

PROSELO

Estende-se longitudinalmente à margem do Cávado e numa boa extensão que vai dos limites de Barreiros à *Ponte do Porto*.

E' posterior às primeiras «inquirições», em que o território por ela abrangido se distribuía pela então paróquia de *S. Tomé de Ansede* e pela *ermida de S. Miguel do Porto*. Ao tempo, porém, da concessão do foral dado por D. Manuel, em 1514, já existia com o nome de *Peroselo* (Pedroselo, da abundância de pedra) o qual se lhe refere. A mesma grafia aparece ainda em passagens dos antigos «livros dos capítulos».

Dada aquela bipartida origem da freguesia, talvez aí se encontre de fundo a explicação de verificadas revivescências de desharmonia que só servem para tolher a tranquilidade e o progresso das pequenas ou grandes sociedades, quanto é certo que só a união produz a força.

Padroeiro—prevaleceu o de *Ansede*, ou seja, *S. Tomé*, Apóstolo.

Foi antiga abadia da apresentação da mitra.

E' abundante de todos os cereais, bastante azeite e vinho-verde.

Distribui-se pelos lugares do *Cruzeiro*, *Ansede*, *Caabo*, *Eido de Cima*, *Outeirinho*, *Certão*, *Lugar Novo*, *Outeiro*, *Pedregal*, *Fonte*, *Aldeia*, *Porto*, *Burgo*, *S. Miguel e Ponte do Porto de Baixo*; as quintas da *Levada*, *Porto*, *Bouças* e uma habitação isolada em *Montariola*.

Em 1706 tinha 80 vizinhos; em 1875 havia 139 fogos com 690 almas; agora anda por 147 e 700 habitantes.

A matriz, que é um magnífico e amplo edifício, segundo um precioso livro de contas de receita e despesa para a sua construção, o qual existe no cartório paroquial, foi começada em 2—12—1779.

Já na visita de 21 de Janeiro de 1755 se ordenava aos fregueses que em vez de consertarem as paredes, que de serem muito antigas corriam risco de desabar no chão,

se lhes mexessem, antes a fizessem de novo e em melhor sítio.

Era a precedente uns 200 metros a sul, em uma propriedade conhecida por *Seara*, sita no lugar da Aldeia, onde ainda recentemente em desaterros se encontraram esqueletos e restos dela.

Na fachada e base do nicho onde há pouco colocaram a estátua do padroeiro, modelada em cimento e areia, tem gravada a era de 1781.

Na torre, com dois sinos e relógio, tem acima do mostrador a de 1886 e sobre ela gravadas as iniciais A. F. G.

Quem entra dá de frente com a relativa imponência do altar-mór, elevando-se sobre seis degraus de pedra em dois lanços.

Quatro altares laterais, sendo à parte do Evangelho os de N. S^a do Rosário, uma imagem de muito preço, pena foi que lhe retocassem o rosto; e o de S. to António.

A Epístola de S. ta Maria Madalena, outra imagem de valor; mais abaixo o de S. to Amaro, com muitos devotos e promessas de dentro e fora da freguesia.

A servir de soleira da porta de passagem da capela-mór para a sacristia uma pedra (mudada) tumular epigrafada:

S.ª DE ANTONIO
REBELLO BORGES
1683

Abrilhanta esta dependência um belo tríptico apoiado sobre o arcaz dos paramentos. Sobre madeira, ao centro uma cena do Calvário, a um lado S. ta Marta e a outro um bispo mitrado e com báculo.

Parte essencial de algum altar, talvez da antiga matriz, encima-o pesada cornija a tocar no tecto e sustentada nos intervalos das pinturas por colunas de fustes canelados e com nítidos vestígios de ter sido tudo revestido a ouro.

Uma fonte purificatória com curiosos labores talhados na pedra.

Um avantajado calix, em que entra liga de chumbo, bastante gasto; é tradição que um homem precedia o sacerdote e por ele ministrava água aos fieis que acabavam de comungar.



Igreja de Prozel

Tem paramentos antigos de bom damasco com ramagens, mas a precisarem de restauro; galões de autêntica lhama de prata doirada.

No arquivo paroquial, um livro de estatutos na Confraria de S. ta Maria Madalena, de 1801, há muito extinta. Livros de contas dos confrades da mesma e de 1774, donde se conclui que era anterior aos estatutos, pelo menos em relação àquele livro.

Um livro da fábrica da igreja, com o inventário de todos os paramentos e objectos do culto, em 21 de Janeiro de 1718.

Três livros dos Capítulos das visitas: o mais antigo de 11 de «8 bro» de 1662; outro de 8 do mesmo mês de 1721; o terceiro com registo da 1.ª visita em 1905. Contendo decretos, provisões e recomendações, impossíveis de transcrever no espaço reservado a cada freguesia, dizem respeito ao movimento da vida paroquial em actos internos e externos, obras, limpeza e decência em todas as dependências da igreja; compostura e decôro nas procissões, no vestuário; condenando e cominando penas a dinheiro, proíbem os excessos em folguedos no decurso dos trabalhos da lavoura, citando com repulsa o *talhar das camisas nas arrancadas*, os estendais de roupas nos adros; ordenavam o arranjo dos caminhos, etc.

Sobre a porta de passagem de uma para a outra sacristia (velha) foi metida uma pedra de ogiva ou janela rendilhada que pertenceu a obra antiga.

No plinto do cruzeiro paroquial tem gravado o ano de 1868.

Dispõe de um bom passal e sofrível residência, adquiridos primeiro por um arrematante da especialidade que os cedeu depois à freguesia.

Tem três capelas: a de S. Miguel, perto da Ponte, possivelmente sucessora daquela a que pertenceu o primitivo agregado paroquial, sob a designação de *Ermida de S. Miguel do Porto*, pelo menos assim consta por tradição, além do que se verifica pelos textos das Inquirições.

Nossa Senhora do Livramento, na quinta da Levada, que, com a do Porto e suas respectivas casas, de boa construção, foram, segundo P. Leal, 1875, de António de Amorim Soares de Azevedo, a quem foram doadas por

D. Maria Adelaide Vasconcelos Maia, filha do Dr. Manuel Joaquim Coelho da Costa Maia, que vinha passar as férias a estas quintas.

Era filho do desembargador Jerónimo Coelho da Costa Maia, natural de Braga, e de sua mulher, D. Luisa Maria de Carvalho Araújo e Vasconcelos, senhora da Casa de Proselo.

Em 1801 foi nomeado lente proprietário da cadeira de astronomia na Universidade de Coimbra, onde já regia a cadeira de matemática.

No último ano da sua vida, ensinou mecânica celeste, cuja ciência andava então a publicar, em Paris, o famoso Laplace.

Faleceu naquela cidade em 1817 e foi sepultado na igreja de S. Bento.

Seus discípulos mandaram gravar-lhe na sepultura a seguinte inscrição:

VIRO CLARISSIMO
EMMAN. JOACH. COELIO COSTIO
VASCONCELL. MAIAE.
BRACHARENSI
MILIT. CHR. EQUITI IN CONIMBR.
ACADEM. MATH. PROFES. PRIMAR.
PRIMOQUE APUD LUSITANOS
AB ANNO MDCCCI
MECHANIC. COELESTIS ANTECESSOR
REG. SCIENT. ACAD. OLISIPON.
SOCIO MAGISTRO SUO DESIDERATISSIMO
PRIDIE CALEND. MAII
AN. DOM. MDCCCXVII.
SIBI EREPTO
IN AMOR. ET OBSERVANT.
MONUMENTUM DISCIPULI

* * *

Foi última senhora destas propriedades D. Filomena do Rosário Almeida, que, uma vez que se consolide a favor da Misericórdia local o legado que lhe fez, de grande parte delas, pode considerar-se sua grande bemfeitora.



Casa das Bouças e Capela da Família Sagrada

Altar da mesma Capela

Imponente portaria armoriada na *Casa da Levada*, solar arruinado de 1710; do viver antigo, das caçadas e das festas de família nos vastos salões nobres agora transformados em arrecadações, o último brilho apagou-se sob as arcadas das capelas tarjadas de luto, quando em seus pavimentos lageados a pesada lousa caiu para sempre sobre os últimos representantes de uma época que não volta mais.

Terceira capela, da *Família Sagrada*, na *quinta das Bouças*, que em 1875 pertencia a José Manuel Pinheiro de Almeida.

Elegante na frontaria e interiormente espaçosa, dispõe de um altar renascença com imagens muito apreciáveis. No chão revestido de cimento fizeram-se enterramentos.

Conforme documentos existentes em arquivo desta Casa, o Capitão Francisco Xavier Pinheiro de Almeida obteve licença para ser benzida e nela se celebrarem os officios divinos, em 9 de Outubro de 1761.

Aqui pertenceu o falecido Dr. Evaristo da Expectação Pinheiro de Almeida, coronel-médico, chefe dos serviços de saúde em Macau e Timor e foi possuidor de valiosas condecorações que se conservam religiosamente em poder de seus descendentes.

Tem carta de brasão, conforme o da fachada: escudo dividido em pala: numa as armas de Pinheiros e na outra as de Almeidas.

DOM JOSE por graça de Deos Rey de Portugal e dos Algarves daquem e dalem Mar em Africa Senhor de Guiné, e da Conquista navegação do Comércio da Ethiopia, Arabia, Percia e da India. Faço saber aos que esta minha Carta de Brazão de Armãs de Nobreza e Fidalguta virem que o Capitão Francisco Xavier Pinheiro de Almeida, morador na sua quinta das Bouças, freguesia de Peruzello do Concelho de Amares, Me fes petição dizendo, que pela sentença a ella junta, proferida pello Meu Desembargador e Corregedor do Cível da Corte e Casa da Suplicação o Doutor Manoel Nicolau Esteves Negrão; sôbscripta por Manoel Luis Tavares Coutinho Ribeyro Escrivão do dito Juizo, e pellos Documentos a ella juntos se mostrava que elle he Filho legítimo do Capitão Seraphim

Pinheiro de Almeyda e de sua mulher Anna Antunes. Ne-
 to pella parte Parterna do capitão Sebastião Pinheiro Lei-
 tão da freguezia de Carrecedo e de Sua m.er Maria de
 Almeyda. Bisneto de João Martins e de sua m.er Magda-
 lena Antunes, e de João de Almeida e de sua m.er An-
 gela Antunes, todos da dita freguezia. E pella Materna,
 que he Neto de Antonio Lopes, e de sua m.er Jeronima
 Antunes da dita quinta das Bouças. Os quais seus Pays
 e Avós, que forão pessoas de conhecida e distinta Nobreza
 legitimos descendentes das familias dos apellidos de
 Pinheiros e Almeydas, e como taes se tratarão com caval-
 los, Armas e creados servindome nos lugares do governo
 da Republica e nos Postos do Militar de mavor honra sem
 q. neles houvece raça de infecta nação cujo tratamento e
 limpeza de sangue goza tambem o supplicante. Pelo que
 Me pedia por Mercê, para a memoria de seus Projenito-
 res se não perder, e clareza de sua antiga Nobreza lhe
 mandace dar Minha Carta de Brazão de Armas das ditas
 familias para dellas tambem uzar na forma que as trou-
 xerão e forão concedidas aos ditos seos Projenitores, e
 elle as deve trazer segundo o Meu Regimento, e Orde-
 nação da Armaria. E vista por Mim a dita sua petição Sen-
 tença, e documentos, e constar delles tudo o referido: lhe
 mandei passar esta Minha Carta de Brazão de Armas das
 referidas familias na forma que aqui vão Brazonadas Di-
 vizadas e Illuminadas no livro dos Registos das Armas da
 Nobreza e Fidalguia destes Meus Reynos que tem Portugal
 Meu Principal Rey de Armas. A saber Hum Escudo par-
 tido em palla: Na primeira as Armas dos Pinheiros, que
 são em campo vermelho hum pinheiro de sua cor com rai-
 zes de prata, perfis e pinhas de ouro, junto a elle leão do
 mesmo metal rompente. Na segunda palla as dos Almey-
 das em campo vermelho seis bezantes de ouro entre hua
 Cruz dobre, e bordadura do mesmo metal. Elmo de pra-
 ta aberto guarnecido de ouro. Paquife dos metaes e cores
 das Armas. Timbre o dos Pinheiros que he o leão do es-
 cudo com hum ramo de pinheiro nas mãos, e por differen-
 ça hua brica de prata com hum F. de negro. O qual
 Escudo, e Armas poderá trazer e uzãr o dito Capitão Fran-
 cisco Xavier Pinheiro de Almeyda assim como as trouxe-
 rão, e uzarão os ditos Nobres, e antigos Fidalgos seus



Brasão da Casa das Bouças

Antepassados em tempo dos Senhores Reynolds Meus Antecessores, e com ellas poderá entrar em Batalhas, Campos, Reptos, Escaramuças, e exercitar todos os mais actos lícitos da Guerra, e da Pax. E assim mesmo as poderá trazer em seus Firmais, Aneis, Sinetes e Divizas, pollas em suas Cazas, capellas e mais edificios, e deixallas sobre sua propria sepultura, e finalmente se poderá servir, honrar, gozar, e aproveitar dellas e todo, e por todo como a sua Nobreza convem. Com o que Quero, e me Pras que haja elle todas as Honras, Privilegios, Liberdades, Graças, Mercês, Izenções e Franquezas, que hão devem haver os Fidalgos e Nobres de Antiga Linhagem e como sempre de todos uzarão e gozarão os ditos seus Antepassados: pello que Mando aos meus Dezembargadores Correjedores, Provedores, Ouvidores, Juizes, e mais Justiças de Meus Reynos, e em especial aos Meus Reynolds de Armas, Arautos e Paçavantes, e a quaes quer outros officiaes e pessoas a quem esta Minha Carta for mostrada e o conhecimento della pertencer q. em tudo lha cumprão e guardem, e fação cumprir e guardar como nella se contem sem duvida nem embargo algum Q. em ella lhe seja posto porq. assim he Minha Mercê. El Rey Nosso Senhor o mandou por Luis Rodrigues Cardozo Cavaleiro fidalgo de Sua Casa, e seu Rey de Armas Portugal. Frey Manoel de S. to Antonio da Silva da Ordem de S. Paulo, nesta cid. de Lixboa aos trinta dias do Mes de Setembro, do Anno N. Senhor *JESUS* Christo de Mil setecentos sessenta e seis. Philippe Rodrigues de Campos a fes escrever—a) Portugal Rey de Armas Portugal-Luis Roiz Cardoso.—Reg. da no l.º 1.º do Reg. to dos Brazões da Nobreza destes Reynos, e suas conquistas a fls. 187. Lx.º 6 de out.º de 1772—a) Philippe Roiz de Campos.

Reg. da no L.º 3.º dos Registos deste Concelho de Entre Homem e Cavado, a fls. 38 V.º em 26 de Fev.º de 1773 a)-José Gomes Tavrz.

Mais abaixo, a Casa dos antigos «Borges de Ansede» no lugar do mesmo nome; em duas pedras epigrafadas:

ANNO DO... NI 1742

RENDUFE

No livro do «tombo», existente no cartório paroquial, encontra-se o *Auto de lemitação, confrontação, demarcação e tombação dos limites da freguesia de S. Pedro de Codeceda*, a que se procedeu aos 18 dias de março de 1779, é no conc. de Vila-Verde e foi couto do antigo mosteiro; a *Lemitação e confrontação das freguesias da Capella e Barreiros com São Vicente do Bico, São Martinho de Carrazedo e São Tomé de Peruzelo*, as três primeiras juntamente com Lago, cuja demarcação se infere por exclusão, visto estar contida nos limites naturais do Homem e do Cávado até à sua confluência, constituiram o propriamente dito «couto de Rendufe» e esta teve lugar aos 18 dias do mês de março de 1786; igualmente a de *Santa Marinha de Vilar de Chamoim*, que é no conc. de Terras de Bouro, e a ela se procedeu em 1780 por ser do Padroado do dito mosteiro.

Mais nele se contém um *Auto de reconhecimento que fez o Rev.º padre António Dias... vigário de S. Pedro de Barreiros que algum dia se chamava Triavada de Barreiros (Inquirições—Sancto Petro de Triana)*.

É um precioso manuscrito, com suas letras capitulares molduradas de curiosos desenhos que a paciência monástica, aliada à arte, tornaram possíveis através desses maravilhosos códices antigos; mas o que pela sua análise, da simples leitura e descrição, se torna mais notável, é o rigor e solenidade das pragáticas a que obedeciam tais actos de confinação e divisão dos territórios, a colocação dos marcos, a gravação de letras, cruces e sinais convenicionados, na presença de *homens bons e ajuramentados* sobre os santos Evangelhos, donde por muito tempo os povos ficaram a sentir por tudo isto um profundo, sagrado respeito, a ponto de originar-se um mito de que todo aquele que violasse marcos e desviasse extremas não encontrava descanso após a morte e vagueava-lhe o espírito de

«alma penada» por montes e vales à flor do mato, enquanto não confiasse a alguém a razão do seu penar e se corrigisse o dano. Porém, desvaneceu-se depois pouco a pouco a ideia deste «papão» à medida que a malícia começou a invadir as consciências e então tudo se baralhou, arrancando e destruindo marcos e padrões, procurando tirar partido da confusão e o caso é que de tantas marcas e balisas, que se colocaram, raríssimos vestígios se descobrem, como também levou sumiço a máxima parte dos livros de «tombo».

O povo não sabe como há-de viver. Sujeito então a uma autoridade hereditária, que se exercia em nome e por graça de Deus, deixou-se embriagar pelas emanações subtis das campanhas violentas que se travaram em nome da liberdade, ridicularizou e espezinhou aquela, tal como as rãs da fábula.

Quis escolher quem o governasse sob as fórmulas correntes da democracia; geme, contorce-se de insaciedade e vocifera sempre, tomando mais fôlego, já agora como a hidra de cem cabeças a que o comparou certo filósofo — eterna demanda da humanidade que só o bom senso poderia atalhar.

Foram cuidadosos e esmeraram-se os antepassados em dar e garantir, extremar, segundo as leis da justiça e da rectidão, a cada um o que lhe pertencia de direito; mas surgiu o momento crítico e o que se começou a observar, em pequena escala, de vizinho para vizinho, verificou-se de modo alarmante no mapa das nações, que traz o mundo deveras agitado e confundido.

* * *

O padroeiro de Rendufe é Santo André, Apóstolo. Da primitiva freguesia (Capela) seria indecisamente a Santíssima Trindade, porquanto de princípio e durante muito tempo foi o Salvador, visto que sucedeu àquela que no quadro paroquial das Inquirições se chamou *De Sancto Salvatore de Gandera de Cauto de Rendufi* e ainda depois se encontra, muito mais tarde, sob a mesma invocação, como se conclui pelo documento que se transcreve a seguir.

A matriz era a pequena capela de S. Brás e o D. Abade apresentava nela o pároco, um monge, de nomeação trienal.

A seu tempo os fregueses contrataram então com os frades a anexação ao mosteiro, como se vê:

«Em nome de Deus. Amem. Saibão quantos este instrumento de obrigação para sempre virem, que no Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil quinhentos noventa e seis annos, aos treze dias do mês de outubro do dito anno, em este mosteiro de Santo André de Rendufe, que está sito em seu couro, deste concelho de Entre Homem e Cávado, na casa do capítulo do dicto mosteiro, estando em elle fazendo capitulo, por som de câmpa, tangida, segundo seu uzo e antigo costume, o muito reverendo padre frei Engenzo de San-Thiago, abade do dicto mosteiro, e o padre frei Urbano, prior, e frei Francisco das Chagas, e frei Anselmo da Conceição, e frei Felix, e frei Roberto, e frei Pedro, e frei João, e os mais padres abaixo assignados, todos monges e conventuaes do dicto mosteiro, e por elles foi dicto perante mim taballiam e testemunhas, tudo ao diante nomeado, que a mayor parte dos fregueses da freguesia do Salvador da Capella, anexa ao dicto seu mosteiro, tinhão dicto e consentido que eram contentes que a dita freguesia da Capella, se tornasse a encorporar no dicto mosteiro, como já em tempo antigo foi, por lhes parecer ser serviço de Nosso Senhor e proveito de suas almas, o que tinhão assignado em hum auto que disso fez Manoel Pereira, notario apostolico, feito no mesmo dia, o que fizeram e assignaram com a condição que elle padre abade e convento os desobrigasse de toda a fabrica da dita Igreja perpetuamente para sempre, e porque elles padres eram disso contentes se obrigaram em seus nomes e seu mosteiro e successores a fazerem sempre a dita fabrica e tudo o mais necessario para se administrar os Sanctissimos Sacramentos; e todas as obras que se em todo o tempo fizerem e mandarem fazer por vesitação e vesitaçãoens e de outra qualquer maneira que seja necessario, porque elles padres desobrigam os fregueses disso e os querem à suas custas fazerem sempre e lhes farão seu altar dentro do dicto mosteiro em parte comoda..... (palavra ilegível, por estar o papel carco-

mido) os cure como sempre foram curados e lhes mandarão tanger os sinos quando for necessario e aos defuntos de graça e os bancos e toda a fabrica para o presente e futuro, de hoje para sempre, e que darão no dito mosteiro adro commôdo onde se sepultem e que querendo qualquer dos dictos fregueses trazer os ossos de seus antepassados da dita Igreja ao mosteiro, lhes darão sepultura assim dentro no mosteiro como fora, assim como os tem na dita Igreja; finalmente estarão em sua freguesia no dicto mosteiro como sempre estiveram na Igreja sem fazerem os fregueses cousa alguma de fabrica, e que os fregueses terão suas confrarias livremente como sempre tiveram sem elles padres dominarem nellas, nem impedirem em cousa alguma e ficarem libertados de tudo ditado, para sempre; e assim o outorgaram e mandaram escrever, e obrigaram os bens e rendas do dicto seu mosteiro ao assim cumprir como se nesta escriptura contem e eu taballiam como pessoa pública estipulante e aceitante o estipulei e acceitei em nome das partes, a que tocar possa, que presentes não estivessem, e pedir os instrumentos e os mandarem dar, e outorgaram estando a tudo presentes por testemunhas os senhores — Manuel Pereira, de Agro Longo — e Belchior Rebello, taballiam em Villa Cham — e Salvador Gonçalves, da Quintam, de Lago, deste couto; e eu Antonio Fernandes, taballiam, o escrevi. — Frei Engenzo de São Thiago. — Frei Anselmo da Conceiçam — Fr. Urbano — Fr. Roberto da Assençam — Fr. Pedro de Guimaraens — Frei Felice — Frei Adriano — Frei Marco das Chegas — Frei Callistro de Faria — Belchior Rebello — Manoel Pereira — Da testemunha Salvador Gonçalves, uma cruz — Frei João de São Bento — Frei Bento.»

Segue-se uma curiosa noticia fornecida a P. Leal pelo esclarecido padre José dos Santos Moura, que então (1878) era abade de Caires:

«Há nesta freguesia três capelas — S. Brás, antiga matriz, e Senhora das Neves, são da freguesia; S. Sebastião pertence à irmandade do Senhor dos Passos e S. Sebastião; pertencem à mesma irmandade as capelinhas dos Passos da Paixão de Nosso Senhor, existentes ao sul da cêrca, no caminho (hoje estrada) por onde segue a procis-

são de Passos, que esta mesma irmandade faz no domingo da Paixão, de dois em dois anos, ou antes, um ano sim, outro não.

Foi couto, e compunha-se das freguesias de — Barreiros, Bico, Rendufe, e Lago; nele apresentava o mosteiro um juiz para as causas cíveis, e no crime do dito couto, conheciam as justiças do concelho de Entre Homem e Cávado (Amares).

Está situada em terreno plano, mas agradável e fértil, principalmente nos frutos próprios do país. É banhada a O. pelo rio Homem, que a separa da freguesia da Loureira; cortada ao sul pela estrada distrital de Barcelos a Montalegre.

O templo, se não se recomenda por grandezas architectónicas, é notável pelas suas proporções e solidez da construção. A frontaria principal está virada ao poente e a capela-mór ao oriente, conforme determinam a liturgia e constituições apostólicas.

Interiormente é de uma só nave e em forma de cruz. Tem de comprimento, afóra as paredes, cuja espessura é de 2,^m25, da porta principal até ao cruzeiro 24,^m40; do cruzeiro à grade da capela-mór 5,^m10; dita capela-mór 17,^m13; o espaço que fica por de trás desta 3,^m37; e tem de largura o corpo da igreja 10,^m15; o cruzeiro 21^m.; a capela-mór 7,^m90; altura do pavimento ao tecto, que é de abóbada de tijolo e volta quase inteira, uns 16^m.

A capela-mor tem menos altura, e tecto de estuque. O corpo da igreja tem uma porta e dois arcos de cada lado; as portas dão para os fundos das torres, onde há duas capelas, dedicadas, a da esquerda de quem entra e direita da igreja, a Nossa Senhora da Soledade; e a da esquerda, ao Senhor dos Passos; e nos arcos quatro altares: o primeiro da esquerda, dedicado a Santo Amaro; o segundo dedicado a Santa Escolástica, e tem gravada no arco do lado do Evangelho a seguinte inscrição:

J. P. BREVE DO
O. P. PIO VI. PS. do
NO AN. DE 1779.
HE ESTE ALTAR
DE S. ta ESCOLAS-
TICA PREUILEGI-
ADO IN PERPETU-
UM P. a TODOS OS
SACERDOTES REGU-
LARES E SECU-
LARES E SEM AL-
GUMA LEMITAÇÃO.

Os da direita da igreja são dedicados, o primeiro, indo da porta principal, a S. Plácido, e o segundo a S. João. Os supedâneos destes altares estão divididos do resto do pavimento por uma grade de pau.

Tem quatro frestas, duas de cada lado, porém, as do sul estão inutilizadas, por estarem tapadas com a abóbada da escada do côro; tornando por isso o corpo da igreja bastante escuro.

Entre o corpo da igreja e o cruzeiro tem dois púlpitos de madeira com talha dourada, para os quais se entra do cruzeiro por escadas de pedra, abertas no meio das paredes.

Nos intervalos das sanefas dos altares e púlpitos, logo por baixo da cornija da igreja, estão em peanhas, que saem da parede, quatro imagens, de tamanho natural, de santos, pintadas de branco, sendo duas de cada lado.

O cruzeiro conta dois altares, que são colaterais da capela-mór; o da parte da Epístota dedicado ao Crucificado; o do Evangelho a Nossa Senhora do Rosário.

No topo sul abre-se uma porta que dá para os claustros e serve de porta travessa; e superior a esta porta está uma janela, que dá para o andar superior do claustro, da parte do nascente, e servia para os monges fazerem a visita ao SS. Sacramento.

No topo norte, abre-se a capela do SS. Sacramento. Há aqui, cruzeiro, sete campas: a 1.^a (contando da capela do SS.), e a 7.^a não têm inscrição: a 3.^a tem, mas não se pode ler, por estar quase apagada.

A 2.^a tem a seguinte:

S.a DO COMEN
DATARIO D.
HENRIQUE DE
SOUSA FID.º DA
CAZA DE S.^a MA-
G. de GR. de BEMFEI-
TOR DESTE MOS-
T.º MANDOU
REEDIFICAR
OP. P. FR. M.º DOS
ANIOS D. ABB.º e
DESTA CASA.
FALECEO O DI-
TO FI.º A 3 DE
FV.º DE 1567

Obs.—P. Leal tem a data de 1551 e estebelece confusão
que deixou por resolver.

3.^º inscrição, ilegível.

4.^º

S.a DO M. R.
P. P. F. R.
ANT.º DE
S. BOAU.º D.
ABB.º e DES-
TE MOST.º
FALECEO
AOS 26 DE
IUNHO DE
1745

5.^a

S.a DO R.º P.
P. GERAL
FR. THOMAS
DO SACRAM.º
FALECEO
NO P.º DE IU-
NHO DE
1747

6.^a

S.^a DO R.^{mo} P. M. D.
FR. FERNANDO
DE IESUS M.^a J.^o
2.^a VES GERAL
BENEDI-
CTINO
FALECEO
AOS 18 DE JUNHO
DE
1773

Existe também no cruzeiro um cofre ou arca de madeira, ignorando-se o que ela contém. Dizem conter as relíquias de um santo, ou de pessoa com opinião de santo, que os monges deste convento furtaram aos monges de Adaúfe.

A capela-mór está separada do cruzeiro por uma grade de pau, de simples, mas bonito efeito. Tem por cada lado três grandes frestas envidraçadas, que lhe dão muita luz; a que está do lado da Epístola, junto ao arco, serve de entrada para um coreto, onde está um pequeno órgão; e por baixo desta fresta está uma porta, que dá serventia para a sacristia; em frente desta porta está uma outra que não tem saída exterior e serve somente para fazer simetria a esta.

A tribuna, toda de talha muito bem trabalhada, e com os pedestais de pedra e dourada, é magestosa; o altar-mór está separado da tribuna e tem um rico frontal de madeira; o sacrário, também dourado e muito bem trabalhado, está no fundo da tribuna atrás do altar. No centro da tribuna estão três imagens de corpo inteiro e estatura natural, sendo a do centro de Santo André, apóstolo, a do lado do Evangelho, de S. Bento, e a do lado da Epístola, de S. Bernardo.

Abaixo dos degraus do prebistério, estão duas ordens de assentos, para o clero; a ordem superior tem estantes.

A capela do SS. Sacramento, que separa do cruzeiro



Tribuna, altar-mor e sacrário do Convento

uma balaustrada ou grade de pedra, é de abóbada de pedra e forma circular, cujo diâmetro é de 7,^m33.

Tem altar, sacrário e tribuna, tudo de pedra, dentro de um arco, aberto na parede. Tem duas grandes frestas, uma ao nascente e outra ao poente; e sobrepostas a estas outras duas mais pequenas; e dentro do arco do altar também duas, as quais todas dão bastante luz.

O pavimento é lageado, em forma de xadrez, de mármore branco e preto. Tem seis serafins de pedra e de estatura, pouco menos de natural, colocados em pedestais de pedra, dois aos lados da grade; dois aos lados do altar e os outros dois aos lados do arco do altar. Tem também quatro imagens, igualmente de pedra, e de tamanho natural, colocadas sobre peanhas que ressaltam da parede; uma de S. Pedro, à entrada da capela, do lado do Evangelho, com a seguinte inscrição:

7.^a

HUM INDIGNO
 PREL.º DESTE MOS-
 TR.º P.ºs AN. CHRISTO
 1777. MÃDOU FABRI-
 CAR ESTA CAP.ª P.ª O SS.SA
 CRAM.to E SENDO SÊG.da UES D.
 ABB.e P.ºs AN. DE XPÕ. 1783
 A FES ADORNAR DE SUMP-
 TUOSAS ALFAIAS E EN-
 RIQUECER DE INDULG.as
 DECLARADAS NAS AL-
 MOFADAS CORRES-
 PONDENTES

Outra, Jesus Resuscitado, junto do altar, e a inscrição.

8.^a

O SS. P. e PIO VI
CONC. de INDULG. ea PLE. a
A TODO O FIEL XPÃO

Q. ARREP. do CONFES. do E CO-
MG. do UISITAR ESTA CAP. a

DESDE AS PR. as UESP. as ATE O
POR DO SOL NO DIA SEG. te RO-

GANDO A D. s P. la CONC. dia DOS PRIN-
CP. s XPÃOS EXTIRP. ção DAS HE-

RESIAS E EXALTA. ção DA ST. ^a M. ^o E-
GR. ^a EM CADA HU DOS DIAS E FES-

TAS Q. UÃO NAS AL-
MOFADAS DO OU-
TRO LADO

A 3. ^a Nossa Senhora da Conceição, junto ao altar do lado da Epístola, e a inscrição seguinte:

9.^a

SÃO OS DIAS
DE INDULGENCIAS
NESTA CAP. ^a O DE REIS
DOMINGO DE RAMOS,
O DA ASCENÇÃO DO SNR.,
O CORPO DE D. s, O DO
CORAÇÃO DE JESUS,
O DE S. to ANDRE APOST. o,
O DA COMEMORAÇÃO
DOS FIEIS DEFUNTOS,
PELOS QUAIS SE PODE
APLICAR POR MODO
DE SUFRAGIO.

A 4.ª S. Paulo, junto à grade ou à entrada da capela, do lado da Epístola e a inscrição seguinte:

10.ª

A MESMA E PLE-
NR.ª INDULG.ª FOI CONC.da
NA FOR.ma JÁ EXPRESSA NAS
DUAS FESTAS DA IMACU-
LADA CONCEIÇÃO E ANUNCIA-
ÇÃO DA VIRGE MARIA MÃI
DE D.s SNRã NOSSã E NAS
OUTRAS SINCO FESTAS DA M.ª
SNRã E EM CADA HUA
DELAS SINCO AN.E CINCO
QUARENTENAS DE PER-
DÃO. TODAS SÃO IN-
DULG.as PERPET.as

Estas quatro inscrições estão gravadas na parede, de trás das imagens dos santos.

O altar é sagrado, assim como toda a igreja.

Por cima da porta principal, do lado de dentro, se eleva o coro, que tem de comprimento 10,m15; e duas ordens de assentos, com 49 cadeiras, tendo a ordem superior 29 e a inferior 20; está ornado em toda a volta com quadros de madeira, guarnecidos de talha dourada, representando a vida de S. Bento; no centro está uma imagem de Jesus crucificado, de tamanho natural e de boa escultura.

Tem muita luz, que lhe é fornecida por três grandes frestas. Em dois acréscimos, que se seguem ao coro, como encostados às paredes laterais do templo, está, no do lado norte, um grande e bom órgão, com caixa de talha, e no do lado sul, uma caixa em tudo semelhante à outra, mas sem órgão.

A sacristia, sem coisa que mereça menção, está ao S.da capela-mor e N.da escada de Santa Escolástica e tem de comprido 31,m05; e de largo 6,m56.

Entre a sacristia e a capela-mor há um corredor laçado, com a mesma largura da sacristia, e comprimento de 8,86; tem duas portas, que abrem, uma para o claustro, e outra para a capela-mor. A servidão para o coreto do órgão pequeno, que está na capela-mór, é por este corredor.

Tem uma fonte com sua concha, onde os sacerdotes purificam as mãos antes e depois da celebração da missa; e ao sair da porta da capela-mor uma campa, com a seguinte inscrição:

11.^a

S.^a DO R.mo
P.e M.e O D.or
FR. PEDRO
DA ASCEN-
ÇÃO Q. FA-
LECEO AOS
26 DE JU-
NHO DE
1718.

A serventia que leva ao coro e torres, é por uma escada, ao sul da igreja, de boa pedra, com três lanços; tendo o 1.º lanço 3 degraus; o 2.º 32 e o 3.º 3; no cimo do segundo lanço tem uma porta que abre para o andar superior do claustro. Esta escada tem de largura 2,87; e está coberta de abóbada de tijolo, e tapada do sul por uma parede de altura, quase da igreja, a qual parede facêa com a torre do sul e com o topo do cruzeiro da igreja. A entrada para esta escada é pelo claustro, e por ela desciam os monges, que já não eram colegiais, para a igreja.

No frontespício da igreja não há obra singular; e assim pela parte de cima se termina com um triângulo de pedra, que toma toda a sua largura; e, a base deste triângulo, que é um friso de pedra, liso, se seguem por baixo três grandes frestas de forma elíptica, que dão luz para o coro da igreja. Depois das ditas frestas, se vêem três nichos, ficando no do centro a imagem de Santo André; no

do norte a de S. Bento, e no do sul a de Santa Escolástica. Estas imagens são de pedra e tamanho natural.

Logo pela parte inferior dos nichos, e por cima das padieiras da porta principal, estão gravadas em pedra, no centro, as armas da Ordem Beneditina, e nos lados as duas inscrições seguintes :

No lado norte:

12.^a

O R.mo
P. P. IUBILA
DO FR. P.º DOS
MARTIRES SEN-
DO D. ABBADE
G.al LÂÇOU a I.^a
PEDRA FVTAL
DESTA IGRA. AOS
8 7bro
1716.

No lado sul:

13.^a

VM
INDIGNO
FILHO DE S.
BT.º SÉDO DÕ
ABB.e DEST MOS-
T.ro MÂDOV FA-
ZER ESTA IGR.a
A QVAL SE ACABOU
AOS 30 DE ABRIL DE
1719.

Nos dois ângulos da fachada da igreja, estão duas torres quadradas, de boa cantaria. Tem na base 5,50, por lado, e as cúpulas são de tijolo. Foram construídas juntamente com a igreja.

A porta principal abre sobre o adro, lageado de boa pedra, o qual tem de comprimento 13m., e de largura,

medido de norte a sul, 25m. ; é fechado por uma balaustrada de pedra, que tem 1m. de altura. Do adro desce-se por uma escada de cantaria, com quatro degraus, para um terreiro que tem a mesma largura do adro, e de comprimento de nascente a poente uns cento e tantos metros. O templo ocupa o lado do E, a parte do mosteiro, chamada galeria, ocupa parte do lado sul; e os restantes lados são ocupados por muros de propriedades, outrora pertencentes ao mosteiro. No lado norte está, em frente da galeria, metida na parede da cerca, uma linda fonte, com sua concha e tanque, e tem esculpidas em pedra as armas da Ordem, e gravada a era de 1742, com a seguinte inscrição :

14.^a

EN LATICES PHEBI POTA
 PERIGRI NE LIQUORES
 EXILIUM AVXILII NIL
 SIBI AVARE TENET
 1742
 NIHIL SIBI

Alguns metros a O. desta fonte, está a antiga casa das audiências e cadeia do couto; hoje serve da sala da aula régia de instrução primária. Tem escada com patim para o terreiro. Quase no fim deste, está um cruzeiro, ordinário, de pedra.

D. Egas Pais de Penagate, começou a fundar este mosteiro alguns anos antes de 1100 da era vulgar; porque no ano de 1091, o abade de Rendufe foi um dos juizes-árbitros numa questão havida entre os monges de S. Pedro de Arouca e uma senhora, chamada D. Godinha. A contenda versava sobre a pretensão de os monges lhe concederem o dito mosteiro, para nele recolher suas filhas e parentas, visto ser padroeira do mesmo.

Edificado o mosteiro em termos de ser habitado, foi D. Egas Pais pedir aos mosteiros de Adaúfe e das Montanhas de Nossa Senhora da Adadia, monges para que habitassem o seu novo mosteiro. Do mosteiro de Adaúfe lhe deram cinco monges e da Abadia três, os quais eram da mesma ordem de S. Bento.

D. Egas obrigou-se a dar o mosteiro concluído e provido com sustentação necessária para os monges; mas ocupado e entusiasmado com amores ilícitos com uma sua parenta em grau próximo, e por cujo respeito estava censurado pelo arcebispo, S. Geraldo, descuidou-se de satisfazer seu compromisso.

(Segue-se o episódio ocorrido na festa de pontifical, em Guimarães, já referido)

Aconteceu isto pelos anos de 1107 da era vulgar. E neste mesmo ano começou a pagar sua pensão à Sé primaz de Braga, como também pagavam outros mosteiros mais antigos, assim consta do livro do arquivo da Sé, chamado *Liber Fidei*, no qual se lê estas palavras: — *A Monasterio Rendufe solvitur Ecclesiae Bracharensi, ab anno MCVIII. A Monasterio de Adufe solvitur Ecclesiae Bracharensi, ab anno 1077. A Sancta Maria de Bouro olim Abbatia in montanis solvitur Ecclesiae Bracharensi ab anno 888.*

E daquele ano por diante começou o mosteiro a crescer a olhos vistos, assim em rendas, como em monges.

O comendatário D. Henrique de Sousa edificou a igreja anterior à actual, toda de cantaria, à sua custa, e comprou muitas casas para aumentar as rendas do convento.

O edificio do actual mosteiro é de forma quadrangular, com três dormitórios, um a E., outro ao S., outro a O., fechando o quadro, ao N. a igreja.

Estes dormitórios constam de celas, com janelas para a cêrca, e corredores que se comunicam uns com os outros e com o andar superior do claustro.

O dormitório do E., unido à capela-mor pelo norte, tem de comprimento 45,36, e de largo 5,56 sendo de corredor 2,63. No andar térreo está a sacristia, e no superior, pegado à capela-mor, a sala que foi a livraria. Tem ao S. uma sacada sobre a horta, e no centro uma escada de cantaria que dava serventia para a cêrca e claustro; e por ela desciam os colegiais, quando iam para a igreja. Chama-se escada de Santa Escolástica.

É tradição que este dormitório foi o mosteiro que D. Egas Pais mandou edificar, mas tem sofrido reformas.

O dormitório do S. tem de comprido 31,m30 e de largo 8,m25; sendo de corredor 3,m60.

Diz Frei Leão de S. Tomás que foi edificado pelos anos de 1650 e *tantos*.

O dormitório do O. tem de comprido, de norte a sul, 141m; e de largo 10,m60, sendo de corredor 3,m72. O andar inferior é de abóbada de tijolo, e são nele o refectório, botica e outras oficinas; tem uma porta que abre para o adro, e sobre a verga dela está a era de 1688. No andar superior tem sobre o adro duas portas com sacadas; muito próximo ao ângulo externo S. e O., tem uma varanda coberta, com grandes vistas, virada ao poente; a casa do capítulo é também neste andar. É neste lanço, por uma escada de cantaria, a entrada para todo o mosteiro. A serventia desta escada é pelo claustro. Este lanço foi reservado, quando há poucos anos se vendeu o mosteiro, para residência paroquial.

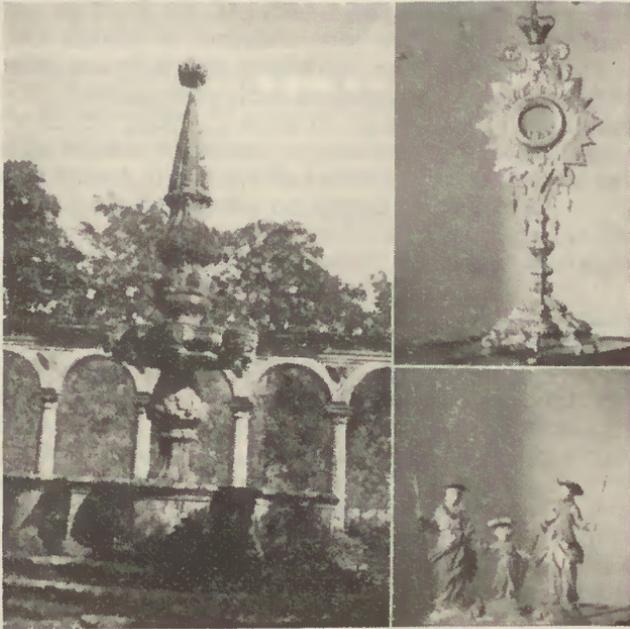
Segue-se para E., em perfeito alinhamento pelo sul, com os dormitórios do nascente e meio-dia, um outro dormitório chamado-*Colégio*, o qual tem de comprimento de E. a O. 44 metros e de largo 9,55. Compõe-se de um corredor pelo centro com a largura de 3,88, e pelos lados, de celas, com janelas para a cêrca. Logo à entrada está, do lado do norte, a sala das aulas, e quase no fim e do mesmo lado, está o arquivo, que é todo de pedra. Tem no fim virada ao nascente, uma varanda coberta, medindo a mesma largura do dormitório.

Este dormitório era destinado somente para os collegiais, chamando-se por isso o *Colégio*.

Prolonga-se para O. faceando pelo norte com o dormitório do poente, um outro lanço, chamado a *Galeria*, o qual tem de comprimento, de E. a O. 52,m76; e de largo 9m,55. Consta de um corredor, medindo de largo 3,88, com 10 g andes janelas, para o norte, sobre o terreiro, e duas para o poente, sobre o caminho; e oito salas com janelas, para o sul, sobre o pátio. No andar inferior, que é de abóbada de tijolo, estão os celeiros.

Este lanço era destinado para residência do D. Abade, recebedor e mestres jubilados.

A portaria principal do mosteiro é pelo terreiro junto ao adro, por baixo da sala da entrada da galeria.



Chafariz do Claustro, Custódia de Prata e Sagrada Família

Ao sul da galeria e ao O. do dormitório do poente, está um quinteiro (pátio) circundado pelo sul e poente de casas para caseiros; é também neste quinteiro a cozinha do mosteiro, hoje do pároco.

O mosteiro e claustro tinham sido reformados, principalmente nos forros, no primeiro quartel do século actual (dezanove).

No centro do mosteiro está o claustro, que é quadrangular e mede de largura 3,m44; e de comprimento, nos lanços de E. O. 31,m68, e nos de N. S. 31,m30.

O centro é ocupado por um jardim, no meio do qual está um chafariz, com taça e tanque.

O claustro tem dois andares. O térreo, muito bem ladrilhado de pedra, servia de cemitério para os monges, que não tinham exercido o professorado ou cargo superior na Ordem, porque estes eram enterrados no cruzeiro da igreja, e os fregueses no corpo da mesma.

No lanço do norte, debaixo das escadas do coro está, com porta para o claustro, uma capela dedicada a Nossa Senhora da Abadia.

Sendo esta capela pequena, e tendo de madeira o soalho e o altar e neste uns farrapos de cortinas. apesar de lhe ter ardido a porta, no dia 29 de Julho de 1877, escapou de ser devorado pelo incêndio. Este acontecimento causou admiração a muita gente, chegando a ser julgado por alguns miraculoso. Foi recentemente (1958) restaurada pelo actual paroco.

O andar superior é construído sobre nove arcos de pedra, em cada lanço, abertos para o jardim e formados em 10 colunas inteiriças de pedra, sendo duas meio embebidas nos pés direitos. No lanço E., há, no ângulo interior E. S., uma fonte com concha, de que se serviam os colegiais; no topo norte abre para a igreja, em frente da capela do SS. Sacramento, uma janela destinada para os monges visitarem o Santíssimo Sacramento. No peitoril desta janela está, para a parte do claustro, a seguinte inscrição:

15.^a

ESTE M. (mosteiro) MĀDOV REEDIFI
 CAR DÓ ĀRIQ DE SOUSA
 COMĒDAT.º DELE POR QIR (cair)
 TODO POR TRA (terra) ĀNO 1551

Comunica este andar com todos os corredores dos dormitórios.

O mosteiro tem uma grande cêrca contígua, murada sobre si, de pedra, a qual tem dentro campos, hortas, pomares, uma devesa de muitas árvores e uma eira muito bem ladrilhada de pedra, cujo comprimento, (da eira) de N. a S. é 27,m70; e largura de E. a O. 23 metros.

O Mosteiro, cêrca e outras propriedades rústicas foram julgados bens nacionais e vendidos; a cêrca e propriedades rústicas logo depois da extinção das Ordens Religiosas, e o mosteiro há poucos anos. Tudo isto, menos a igreja, que é a matriz da freguesia, como já o era antes; um pequeno bocado da cêrca, deixado para passal do pároco, que foi vendido no dia 4 de Agosto de 1877, por 2.996\$800 reis; o dormitório do O. destinado para residência paroquial, e algumas outras propriedades, tudo isto digo, foi comprado pelo comendador António Inácio Marques, ex-official maior do Governo Civil de Braga.

É hoje o mosteiro e parte da cêrca de António dos Santos d' Azevedo Magalhães (1878) chefe de secção na direcção das obras públicas do mesmo distrito. Tem-no como um dos herdeiros do finado comendador, de quem é genro.

No dia 29 de Julho de 1877, pela volta das 9 para as 10 horas da noite, rebentou no andar superior da galeria, ao lado do poente, um violento incêndio, que em menos de cinco horas reduziu a cinzas e a um montão de ruínas todo o mosteiro.

Graças ao vigoroso e reforçado das paredes, ficou apenas salva das chamas a igreja, o celeiro, morada dos caseiros, cozinha e os andares, que eram de abóbada, demandando ainda assim consertos e reparos.

A galeria acabou de ser coberta em outubro do mesmo ano de 1877.

No dia 28 de Agosto de 1876 tinham-se reunido neste mosteiro 32 sacerdotes, e aí, debaixo da direcção dos reverendos João Baptista Melly e Francisco Pereira, fizeram por 10 dias exercícios espirituais, que concluíram com uma solene festa, feita com toda a decência e aparato religioso.

Quem presenciou, nestes dez dias, o estado de conservação em que ainda se achava o mosteiro, a caridade e humildade dos directores, a docilidade e obediência dos exercitandos (uns párocos encanecidos e outros jovens leuitas), o psalmodiar do Officio Divino, o entusiasmo e devoção dos fieis, quem presenciou tudo isto, repito, não pode deixar, ao contemplar um montão pavoroso de ruínas, de sentir uma viva saudade e verter copiosas lágrimas".

Seguem-se umas passagens de outro artigo da authoria do dr. Pereira Caldas, que foi *lente de matemática* do liceu de Braga, e que P. Leal também transcreveu:

Entre os abades memoráveis deste mosteiro—depois do começo da reformação do cardeal infante D. Henrique, em 1569, como legado da Sé Apostólica,—ocorrem-nos a lembrança quatro destes abades trienais.

Fr. Baltasar de Braga, oriundo da capital do Minho a que dá honra. Deve-se-lhe a ereção do convento da Vitória, no Porto, não inferior ao de Lisboa na magestade de construção. Deve-se-lhe a impressão das *Constituições dos Monges de S. Bento da Congregação de Portugal*, obra dada à luz, em Lisboa, em 1590, em 4.º, na officina tipográfica de António Alves. Deve-se-lhe enfim a impressão do *Brevarium Monasticum Reformatum secundum consuetudinem Monachorum Nigrorum Ordinis Sancti Benedicti Regnorum Portugalliae*, obra dada à luz em Coimbra, em 1607, em 4.º, na officina tipográfica de Diogo Gomes Loureiro.

Fr. Gonçalo de Moraes, oriundo de Vila-Franca de Lampazes, em Trás-os-Montes, eleito ao depois bispo do Porto por Filipe II, com sagração em 1602, e a quem deve os começos o mosteiro do Milagre em Santarém, com dádivas de rendas e esmolas durante o seu episcopado. Foi eleito, em Tibães, em 1587.

Fr. Martinho Golias, eleito em 1599, oriundo de

Guimarães. Foi varão dos mais estimáveis então na Ordem Beneditina, e um dos filhos mais exalçadores do berço da monarquia, nas virtudes que o adornavam, aparentado com as famílias mais ilustres da nossa província do Minho.

Fr. João do Apocalipse, oriundo de Guimarães, como Fr. Martinho Golias. Foi eleito em 1608. Prêgador famigerado no seu tempo, deixou-nos em manuscrito a *Crônica da Religião de S. Bento de Portugal e dos Reis em cujo tempo floresceu, e das fundações dos seus Mosteiros*.

Dividida em 10 livros, com 390 folhas ao todo, conserva-se respeitadamente no mosteiro de S. Salvador de Travanca, onde este monge antiquário exalara a vida, em 22 de Abril de 1632. Fr. Gregório Argaez, na *Perla de Catalunha*, pag. 458—o elogia sobremodo, qualificando-o nestas poucas palavras: *Talento cultivado con las letras y las virtudes*.

Com este mosteiro de Rendufe, conviveu outrora o nosso Francisco Sá de Miranda, filho egrégio de Coimbra, assistente então na Tapada:—casa das mais ilustres da nobiliarquia minhota, e onde exalara os últimos alentos, em 15 de Março de 1558, retirado do bulício do mundo desde muitos anos. (Verifica-se que sobreviveu a esta data).

Com este mesmo mosteiro conviveu igualmente seu cunhado Manuel Machado de Azevedo, senhor de Entre-Homem e Cavado, de quem nos escrevera a vida o marquês de Montebelo, Félix Machado da Silva Castro e Vasconcelos, num volume raro—em que há versos de correspondência poética entre estes dois engenheiros seiscentistas.

Com este mosteiro, enfim, conviveu na sua primeira quadra da vida, o nosso finado amigo D. João de Azevedo Sá Coutinho, prosador e poeta de renome, uma das vergôntes mais egrégias da casa e quinta da Tapada, e a quem Braga é devedora do seu primeiro periódico político e literário, em 1836—*O Cidadão Philantropo*.

Em 1809, na invasão do nosso país pelo exército francês do general Soult, ao mando de Napoleão, arvorou-se o mosteiro de Rendufe num castelo fortificado.

Os monges e os colegiais armaram-se em defesa

da pátria, fazendo causa comum com o povo das cercanias, e com as tropas a que se reuniram.

Abandonaram os exercícios religiosos; e, adornados dos atavios militares, hostilizaram os nossos invasores com garbo e denodo.

Depois da retirada do exército francês, acolheram-se de novo ao mosteiro de Rendufe, assim os religiosos como os seus colegiais.

Não foi no entanto possível, nem à austeridade do prelado, nem à seriedade dos mestres, corrigir então os excessos dos colegiais e induzi-los a reatar o fio dos estudos, interrompidos na ocasião do seu alistamento patriótico.

Acostumados à vida soldadesca, não se reacomodavam aos exercícios claustrais—preferindo aos aromas do incenso o cheiro da pólvora, e o clangor das cornetas às harmonias do órgão.

No meio deste estado anárquico, surgiam conflitos graves a cada instante no mosteiro de Rendufe—apelidado então entre o povo o *castelo dos tirolezes*.

A obediência monástica desceu nesses dias ao máximo do postergamento; e o mosteiro teve de ser entrado à força—não sem resistência—por tropas ali enviadas de Braga.

Sobressaiu nesta luta colegial o nosso finado amigo António do Carmo Velho de Barbosa, filho egrégio de Barcelos, de quem soubemos estas espécies, em nosso berço das Caldas de Vizela, estando ali a banhos este ilustrado pároco de Leça do Bailio.

Dele soubemos igualmente que o fizeram andar de convento em convento com os companheiros, em castigo da turbulência contra os superiores:—não sendo ele ainda assim dos mais punidos, graças à insinuação da palavra de que a natureza o dotara, aproveitada oportunamente em defesa própria.

Alguns dos colegiais — sem igual comprometimento escolar — pagaram em rigoroso cárcere o excesso da insubordinação.

Deixando aqui bosquejada a história do mosteiro de Rendufe, lembrar-nos-emos sempre com saudade, que nas pedras daquelas ruínas — *tisnadas e ressequidas* — muitas

há, que foram testemunhas de aspérrimas penitências, dos que deixavam outrora o mundo pelo claustro.

Muitas há, que presenciaram ali nos ministros de Cristo — com o volver incessante dos séculos — muita vida de fé, apoiada na crença; muita vida de esperança confiada no galardão; muita vida de caridade liberalizada na esmola.

Montebelo diz que na capela colateral de S. Plácido, de que foi fundadora, sepultou-se D. Mór Mendes de Vasconcelos, filha de Mem Rodrigues de Vasconcelos, a quem D. Dinis deu a torre de Penagate para se recolher com os seus, contra a possível perseguição do futuro Afonso IV.

A freguesia de Rendufe comprehende os seguintes lugares:

CARVELAS, FAIA, EIDO, RIO TINTO, OLHEIROS, NEVES, MONTE, TERRÕES, PICOTO, VALBOM, BOUÇAS, S. FINS, GORDA, COVA, MOSTEIRO.

Em 1706 tinha 114 fogos; em 1875 ia nos 161 com 829 almas; agora 224 por 934 habitantes; quer dizer, relativamente a outras suas vizinhas, tem sido bastante vago-roso o seu crescimento populacional; vive apenas da sua rudimentar agricultura.

SEQUEIROS

Está situada em terreno acidentado, nas faldas setentrionais do monte de S. Pedro-fins, vertente do Homem, nos limites do concelho, a confinar com a freguesia de Souto, que durante muito tempo foi sua anexa.

O padroeiro é S. Paio. Foi antiga e importante abadia da apresentação da mitra, possuidora de grandes réditos e privilégios, com pesqueiras no rio e outros foros, que tudo o tempo levou.

Está distribuída pelos lugares da *Igreja, Paço, Cançela, Pousada, Quintã, Barrio, Pitães, Tojal, Ramalha*.

Em 1706 tinha 39 vizinhos; em 1875 ia nos 60; agora anda pelos 90 com 450 habitantes.

Elevam-se, em seus contornos, três eminências, cada qual coroada outrora por sua estação pre-histórica e, nesse mesmo pé e fundamento, a lenda das «mouras encantadas», com absoluto desprezo de romanos e outros povos que antes e depois deles por aí passaram, gerou-se assim na fantasia da gente uma superstição que tem o seu sentido neste estribilho, que o Senhor abade João de Freitas, atento e conhecedor de todos os pormenores, não deixou passar despercebido:

Entre Sam Julião (em S. Vicente)

Castelhão (de Sequeiros)

E Sam Sebastião (de Caldelas)

Está o sino d'ouro

Do Rei Mourão.

E neste *ão, ão, ão* onomatopaico está o timbre dos acordes profundos desse «precioso sino que encheria de oiro a terra»... talqualmente as *arcas de Montemor: «empedernidas, cerradas, pejadas umu de oiro, outra de peste»...*

Por toda a parte as mesmas fantasias e tradições, as mesmas características expressões da alma popular.

Segundo uma notícia fornecida a P. Leal, pelo então abade de Caires, José dos Santos Moura, nasceu nesta freguesia, a 2 de Fevereiro de 1804 e foi baptizado a 5, pelo abade Simão Pereira da Silva — *João Manuel Pereira* que foi comendador da Ordem de Cristo, cavaleiro das Ordens de N. Senhora da Conceição de Vila Viçosa e de S. Bento de Avis, condecorado com a medalha de D. Pedro e D. Maria II, coronel de artilharia e governador militar da praça de Abrantes, onde faleceu a 17 de Novembro de 1866. Era filho legítimo de António José Pereira e de Teresa de Barros, lavradores locais, e havia casado com D. Ana Emília de Faria.

* * *

A matriz tem gravada na padieira da porta principal a era de 1692.

Definida por apêndice sobre várias colunas de granito, com o velho portal ameado, em plano inferior, e que dava acesso ao quinteiro da residência, todo este conjunto presta-se admiravelmente a servir de belo motivo a um pincel; e parece que já o vimos, representado por mãos de artista, nas tintas de uma aguarela, na sala de visitas do presbitério da vizinha Caldelas.

Do aspecto exterior do edifício da igreja, ao estilizado dos seus altares, um joanino bastante singelo.

O recinto do adro tem bons muros de suporte e da parte de dentro vê-se apenas as bases de pedra em que se alojavam os pés das cruzes da via-sacra.

A pedra armoriada de uma sepultura, que existiu acima da porta lateral, depois de muitos tombos, só dela restam dois fragmentos metidos no patamar de uma das escadas da residência. Pedra de *ançã*, em um deles reconhece-se ainda o brasão oval (próprio dos eclesiásticos e das almas) encimado pelo chapéu com as insígnias de abade. Pela coincidência das datas, não estará longe da verdade tratar-se do já referido Simão Pereira da Silva e ter o mesmo sido autor da portaria nobre (1782) do antigo presbitério.

Esses velhos e espaçosos aposentos foram muito



Aspecto da Igreja de Sequeiros

reduzidos, podendo considerar-se feita de novo a futura residência, em vias de conclusão, de linhas modernas, sóbrias e elegantes, a que não parece ter sido estranho o traço de um admirável companheiro desta visita, cuja modestia não quero ferir mais uma vez.

Tem bom passal e foi arrematado em Lisboa, de mando dos paroquianos.

Na porta da capela-mór para a sacristia, tem a data de 1782; sobre a pia da água-benta, está do lado oposto um resto de serafim, resto da talha e da arte da antiga igreja.

No púlpito applicou-se, b̃arbaramente, passe o termo por ser o melhor que classifica o acto, um antigo frontal de madeira que, do mal o menos, conserva as pinturas primitivas em ambas as faces com que servia. Já se vê, fizeram dele três panos, quantas são as faces do dito púlpito, visto ter escada à vista.

Campanário para dois sinos, mas, «quando toca um tocam todos» e, registe-se, a favor do senhor abade João Martins de Freitas.

A pia baptismal é esbelta; tem forma de calix, sem quaisquer labores.

Possui a cruz floretada, paroquial, das que mandou distribuir o arcebispo D. Frei Bartolomeu dos Mártires.

Consta que houve aqui uma capela pública, da invocação do Mártir S. Sebastião, a qual já em 1880 ameaçava ruína.

À margem da estrada, que por este lado serve T. de Bouro, está o Calvário, data de 1899, com boas imagens dos Senhor dos Passos e das Dores; ali perto um cruzeiro (1949) comemorativo dos Centenários.

De Sancto Pelaçio de Sequeiros (1220)... Et de casali de Ramalia (hoje lugar)... E alguns vão à entroviscada.

S E R A M I L

«Principia a dividir-se os limites de S. Paio de Seramil com as circunvizinhas, como bem a saber-se da parte do Norte principia esta divisão com freguesia de Santa Marinha de Chorense no marco chamado *Penacova*, e no qual também divide com a freguesia de Santa Marta de Bouro, aonde as ditas Igrejas intestam, e partem seus dízimos, e do dito marco acima mencionado vai correndo este limite da freguesia de S. Paio (de Seramil) pelo cume do Monte direito ao sítio chamado o *Marco da estrada* no qual divide esta freguesia também com S. João da Valança, e aqui acaba de partir esta freguesia com Santa Marinha de Chorense, isto é, da parte do Poente.

Do dito marco da estrada, aonde principia esta freguesia de Seramil a partir com a sobredita de S. João da Valança e vai este limite correndo, e dividindo-se uma da outra até ao *marco de Santa Cruz*, aonde o dito marco acaba de partir com esta Igreja de Seramil, e logo no dito marco começa a demarcar com a Igreja de Souto, donde se vai entre elas, dividindo esta demarcação para a parte mais inclinada para o Poente, pela *estrada da Geira* até ao fim das casas do Assento do lugar de Santa Cruz, a uma fonte que está no fim do mesmo lugar e dai vai subindo pelo monte acima direito ao outeiro chamado de *Lampaças*, aonde acabam de dividir estas sobreditas freguesias; e também aqui divide com a freguesia de S. Lourenço de Paranhos, aonde e no qual marco ou penedo está uma cruz, do qual principia agora a demarcar com a freguesia de Sam Tiago de Vilela com Seramil.

E do dito outeiro, e da banda do Poente vai este limite correndo para a parte do Sul e dividindo-se com Sam Tiago de Vilela pelo monte abaixo até às pedras chamadas os *Pousadeiros*, donde vai partindo ao sítio chamado *Chãos*

e no qual está uma pedra, proxima à estrada, que em si tem estampada uma cruz, e da dita pedra vai descendo este limite ao sitio chamado a *Cruz de Rial* e daqui vai descendo este limite pelo monte abaixo ao sitio chamado o *Porto da Castinheira* direito a um penedo chamado da *Raposa*, aonde e no qual tem uma cruz e declaro que para a parte do Poente entra esta medição pela ponta de um campo o qual possui o padre Rafael de Sousa do lugar de *Cavadusso*, do qual campo para a parte do Nascente entram os limites de Vilela o espaço de três ou quatro varas, e mais declaro que no limite da cangosta acima mencionada está uma casa de morada que toda está dentro destes limites de Seramil.

E dos penedos da Raposa vai correndo este distrito para a parte do Nascente direito ao sitio chamado a *Sobreira*, ou *Sobreiras*, no qual está um penedo pequeno, quase rente do chão, que em si contém uma cruz, e do sitio da Sobreira vai partindo direito ao fojo.

E daí vai aos penedos dos *Pousadeiros*, que hoje de presente se chama *Pousa-foles*, e daí vai partindo aos penedos da *Casoa*, e daí vai partindo à cabeça ou penedo chamado *Redondo*, e daí vai á portela de *Rompecinhas*, onde e no qual sitio acaba de partir a freguesia de São Tiago de Vilela com a de São Paio de Seramil, onde e no qual sitio da portela de Rompecinha começa a demarcar Seramil com Santa Marta de Bouro, e dali vai partindo direito para a parte do Norte pelo *regove!ho* que fica próximo dos campos, isto é, pelo monte para a parte do Nascente, e vai seguindo este rego velho da água pelo monte acima até chegar ao sitio chamado *Portogato*: e daqui vai pelo ribeiro acima dar ao sitio chamado a *Chã do Painsal*, da qual a freguesia de Santa Marta entra a dividir para si um bocado para a parte do Nascente, e da dita Chã vai direito à *Cabeça da Seixeira*, vai águas vertentes ao *Capelo do Frade* e dali vai intestar no marco de Penacova, onde começamos.

E aqui fica, por amostra, o traslado do respectivo tombo, por haver a sorte de encontrá-lo no arquivio paroquial, o que raro acontece.

Comprende os lugares de *Seramil de Baixo e de*

Cima, Urzal (dizem *Urjal*) *Corujeira, Bacelo, Rial, Asento e Outeiro de Vila*; uma casa isolada no lugar da *Castanheira*, e duas em *S.ta Cruz*, aquém da Geira.

Em 1706 tinha 60 vizinhos; em 1875 andava pelos 62, com 241 almas; de momento 65 fogos e 310 habitantes, onde mais uma vez se prova quanto se têm mantido estacionárias as populações das terras altas, devido a uma constante emigração e o esforço inaudito que vem a fazer-se para evitar um maior parcelamento da propriedade.

Está situada em terreno muito acidentado dos montes de *S.ta Cruz* e da serra de Bouro, ramos do Gerês. Tem muita abundância de águas que a tornam fértil em todos os géneros agrícolas; cria muito gado de toda a qualidade e é muito frequentada pelos entusiastas do desporto da caça, especialmente de tordos.

Não tem capelas públicas nem particulares, a não ser a pequena ermida do «Senhor dos Aflitos», junto à matriz que é um tempo muito razoável.

A torre, que recentemente foi dotada de relógio, construiu-se por volta de 1798.

Na visita de 17 de Julho de 1797 foi feita advertência aos fregueses porque as obras de reparação geral e construção da torre, mandadas executar no prazo de três meses, havia três anos que não estavam feitas. Foi-lhes no entanto, levado em conta o terem andado a demandar o mestre pedreiro que a tinha feito, para que a fizesse de novo por não ter ficado segura.

Consta que a antiga igreja era no lugar de *Seramil de Baixo*, no sítio dos *Talhos*.

Consideram-se muito antigas as confrarias do *S.S. Sacramento* e a de *N. Senhora do Pilar*.

Teve esta última um grande benfeitor que foi *José da Costa*, mais conhecido por *José do Rego*, lavrador-proprietário que foi da casa do mesmo nome, no lugar de *Seramil de Baixo*.

Faleceu solteiro por volta de 1920, com testamento em que legava à dita confraria todos os seus haveres móveis e imóveis, excepto a livraria que deixou ao seu confessor e foi o falecido padre *Bernardo Freitas*, de *S. Matheus da Ribeira*, que então era o pároco emprestado, na ausência do abade *Martins*, chegado de pouco do Brasil,

aonde se havia exilado durante uma meia dúzia de anos como perseguido político do novo regime.

Havia estado algum tempo escondido nesta casa do Rego, antes de fugir para a Galiza.

Na organização de um movimento monárquico que aí se intentou entre 1911-12, os homens de Amares achavam-se representados por Manuel Silva, actual vice-consul de Portugal na cidade de Conquista-Minas Gerais, aonde desde a mesma data e pelas mesmas razões se retirou também e tem enobrecido pela sua acção o nome da terra que lhe serviu de berço; pela irmã religiosa Conceição Costa, que representava as mulheres do seu concelho; o abade José Martins pelo clero.

Da Galiza passaram ao Brasil e aqui o padre Martins foi coadjutor no Rio Preto e pároco em Barretos.

De regresso à pátria, andavam os parentes do José do Rego a demandar a confraria por quererem tirar o legado; o padre Martins por ser abade colado por concurso, também requereu a freguesia, que se dividiu em partidos: por ele e pelo padre Bernardo, que teve de afastar-se.

A Senhora do Pilar ganhou em toda a instância e finalmente os bens levados à praça à conta das leis de amortização, renderam nessa altura mais de 100 contos.

E o abade Martins, já instalado na presidência da mesa da confraria, que então atravessou uma crise de agitadas assembleias eleitorais, ainda conseguiu reservar, a título de património da capelania, uma boa propriedade denominada *Campo do Rego*.

Tinha-se ainda por certo que na casa andava escondido um baú de libras e peças de ouro; isto estava no segredo de uma velha criada e pouco mais. O abade Martins não descansou enquanto o não descobriu.

E trocado esse pequeno tesouro por notas do Banco de Portugal, que ao tempo fizeram uns 15 contos aproximadamente, houve a boa ideia de adquirir com essa quantia parte do passal e residência, dotando se novamente a freguesia de vantagens e propriedades de que fôra espoliada e difficilmente resgataria, se não fôsse o gesto de tão grande benfeitor como foi o José do Rego.

A confraria usufrui os rendimentos do restante capital em depósito. Trabalha-se de momento na constru-



Igreja Matriz de Seramil

ção da casa da fábrica, que também servirá de salão paroquial.

Não obstante, a memória do homem tem andado muito esquecida.

Levem-se ao menos, à conta da dívida de gratidão que a freguesia não tem sabido saldar, estas poucas linhas de que não posso abusar.

* * *

Foi esta freguesia antiga abadia da mitra e do papa, que alternativamente faziam a apresentação do pároco.

Além do altar-mor, há quatro colaterais: ao Evangelho os de N. S. de Fátima e N. S. do Pilar; de frente os do Coração de Jesus e S.ta Teresinha, sendo este último o mais artístico e valioso.

As imagens são muitas e algumas bastante antigas.

No arquivo paroquial poderá analisar-se um «Livro de Testamentos» aberto em 3 X.bro de 1762; um «Livro de contas» da confraria de N. S^a, do Pilar, a partir de 1837; um «título de usos e costumes; um maço de «sentenças» respeitantes a antigos bens da igreja.

Na sacristia velha ainda existe, mas fora de uso por ter passado há muito de moda, o esquite ou tumba, a que os livros dos capítulos tantas vezes se referem.

O tecto da igreja tem, aos cantos as figuras dos Evangelistas; no centro a do padroeiro S. Paio, mártir.

Nas Inquirições de 1220: *De Santo Pelugio de Cenamir* (a origem deste nome parece remontar ao tempo dos celtas) . . . concorriam ao apelido e ao Castelo (de Bouro) em tempo de guerra.

* * *

Seramil não tem «estrada nova» nem estabelecimentos comerciais, seja «vendas», como lá dizem; todos os caminhos vão dar à igreja, ao monte e aos campos, extraordinariamente aos concorridos mercados da redondeza, aon-

de um formigueiro humano concorre, a levar e a trazer, abastecendo-se.

A caminho da feira, à cabeça das briosas camponezas, vai o açafate tecido das varas de salgueiro, aproveitadas no tempo da poda; sob a toalha alvíssima de linho caseiro, còrada ao sol nas leiras ribeirinhas, leva os «quartos» de milho, centeio ou feijões, às vezes o galo cantador, cauda e cabeça erguidas a mostrar a valente crista sanguínea; no regresso, o bacalhau com o rabo de fora e o mais indispensável ao casal agrícola, que o bom tacto administrativo traz sujeito a rigoroso orçamento; o canastro, a adegas, e a salgadeira providenciam no essencial.

População constituída por um bom número de razoáveis lavradores que procuram bastar-se a si próprios, e ainda conseguem amealhar algumas economias, mantem-se aqui de pé o mais louvável conservantismo; é das poucas freguesias onde o sagrado culto das tradições familiares não entrou em decadência.

Posta a considerável altitude, não é fácil passarem despercebidas certas circunstâncias determinadas pela sua posição topográfica de especiais características montanhosas.

Uns primeiros habitantes ter-se-iam desprendido dessas remotíssimas estâncias da pré-história, como as Cadeiras; e, vindo instalar-se por estes abrigos da serra, em seus declives ou no cimo das colinas e dos outeiros, onde hoje se levantam, em compacto aglomerado urbanístico, as habitações de seus descendentes, num encadeamento de gerações milenárias, de filhos que viram a luz do dia ou abriram os olhos à da eternidade entre as mesmas quatro paredes de velhos pardieiros desfeitos, ainda hoje um mesmo berço serviu de leito a múltiplos avós!

Velhas construções, em que o granito musgoso e curtido do tempo, dão a impressão de castelos roqueiros, os postigos e as janelas estreitas, como a porta de um forno, ao lado do parapeito os cachorros salientes servem de floreiras, sustentando os «cacos» dos cravos, como lhes chamam por serem o fundo ou o gargalo partidos do cântaro da fonte.

É também a velha casa da atafona, que há muito não rala nem mói o milho da eira, porque a substituíram

com vantagem os muitos moinhos estendidos ao longo dos ribeiros que descem dos montes e se precipitam em cachoeiras por leitos profundos e ensilvados, ou se ramificam em levadas e regueiros que alimentam as hortas e as veigas.

Deste elevado torrão natal, muitos de seus filhos, e entre eles o autor destas linhas, têm partido a ligar os seus destinos a outras terras e outras gentes; mas todos se acham irmanados, de perto e de longe, pelo mesmo sentimento de affecto ao pátrio lar.

Assegura-se que a povoação de Amarelos, situada na freguesia de S. Pedro de Amarelos, pertence ao concelho de Amarelos, e não ao de S. Pedro de Amarelos, como se diz em alguns lugares.

Em 1763, o rei D. José III, por real cédula de 15 de Junho, mandou que se fizesse uma divisão da freguesia de Amarelos em duas paróquias, a saber: a de S. Pedro de Amarelos e a de S. João de Amarelos, e que se fizesse a divisão dos bens da freguesia de Amarelos em duas partes, a saber: a de S. Pedro de Amarelos e a de S. João de Amarelos, e que se fizesse a divisão dos bens da freguesia de Amarelos em duas partes, a saber: a de S. Pedro de Amarelos e a de S. João de Amarelos.

Em 1764, o rei D. José III, por real cédula de 15 de Junho, mandou que se fizesse uma divisão da freguesia de Amarelos em duas paróquias, a saber: a de S. Pedro de Amarelos e a de S. João de Amarelos, e que se fizesse a divisão dos bens da freguesia de Amarelos em duas partes, a saber: a de S. Pedro de Amarelos e a de S. João de Amarelos.

Em 1765, o rei D. José III, por real cédula de 15 de Junho, mandou que se fizesse uma divisão da freguesia de Amarelos em duas paróquias, a saber: a de S. Pedro de Amarelos e a de S. João de Amarelos, e que se fizesse a divisão dos bens da freguesia de Amarelos em duas partes, a saber: a de S. Pedro de Amarelos e a de S. João de Amarelos.

Em 1766, o rei D. José III, por real cédula de 15 de Junho, mandou que se fizesse uma divisão da freguesia de Amarelos em duas paróquias, a saber: a de S. Pedro de Amarelos e a de S. João de Amarelos, e que se fizesse a divisão dos bens da freguesia de Amarelos em duas partes, a saber: a de S. Pedro de Amarelos e a de S. João de Amarelos.

Em 1767, o rei D. José III, por real cédula de 15 de Junho, mandou que se fizesse uma divisão da freguesia de Amarelos em duas paróquias, a saber: a de S. Pedro de Amarelos e a de S. João de Amarelos, e que se fizesse a divisão dos bens da freguesia de Amarelos em duas partes, a saber: a de S. Pedro de Amarelos e a de S. João de Amarelos.

TORRE

Assenta em terreno pouco acidentado entre Fiscal e Caldelas. É fértil de todos os produtos agrícolas da região, especialmente vinho verde.

Foi antiga vigairaria da apresentação do reitor de S. João de Coucieiro, motivo por que apresentava anualmente contas de sua fábrica ao superintendente e Visitador Geral, na província de Entre-Minho e Douro, das igrejas das comendas da Ordem de Cristo.

Orago-Santa Maria (Nossa Senhora da Assunção). Consta dos lugares do *Ribeiro, Medelo, Lagarteira, Caselinhas, S. Gens, Pocinho, Fonte, Monte, Lage, Paço, Aldeia, Fundevila, Eiravedra, Eirado e Igreja.*

Em 1706 tinha 75 vizinhos; em 1875 ia em 77 com 290 almas; actualmente 86 por 424 habitantes, donde se conclui que existe uma população estacionária.

Segundo a autorizada opinião do ilustríssimo abade de Caldelas, uma pedra que a título de segurança se encontrava sobre o muro do quintal da residência, e ainda atada com arames aos ferros da «lata», ela pertencera a uma antiquíssima construção de estilo mudjar e foi a parte cimeira de uma janela geminada da torre que deu o nome a esta freguesia. Esta pedra foi transferida para Braga, já depois de colher este apontamento.

A matriz tem sobre a porta principal a era de 1858, com certeza da reconstrução. Por se ter comemorado no ano findo o centenário, não se pouparam os fregueses a despesas e sacrifícios, procedendo a obras de reparação geral, levantando-lhe de novo os tectos com esmerado gosto, e, neste ponto, pena seja que o do corpo da igreja não tivesse ficado a igualar o da capela-mór.

A meio do pavimento desta, gravada em uma pedra tumular de avantajadas proporções, e a letra de bom tamanho, tem a seguinte epígrafe:

ESTA SEPULTVRA
 E CAP A MANDOV FAZER
 D.º (Diogo) PEÇANHA S.ºR
 DESTA IGR.ª A SEV
 F.º M.º EL PEÇANHA FA
 LECEO NO ANO
 DE 1585.

Os Peçanhas procedem daquele célebre marinheiro genovês, *Manuel Pezagno*, que el-rei D. Dinis contratou e chamou ao seu serviço. Fê-lo almirante e encarregou-o de organizar a marinha portuguesa. Deu-lhe terras e houve muita descendência, mas é quase impossível identificar aqueles dois nomes, de pai e filho, nos nobiliários.

Parece que, ao tratar-se das obras de pavimentação alguém aventou a ideia de cobrir-se a tacos de madeira esta pedra sepulcral, página sempre viva da história da mesma igreja!!!

Contra uma tal impiedade, que felizmente não havia sido levada a efeito, o senhor abade de Caldelas sugeriu que se revestisse o chão a toda a volta com esses tacos, fazendo uma espécie de moldura; sobre esta pedra, concorrendo para poupar o desgaste da preciosa inscrição, com 374 anos, colocassem um estrado móvel, de madeira.

A torre, de notável altura, não fosse ela a da freguesia da Torre, mostra uma pequena lápide de mármore com os dizeres:

ESTA TORRE FOI MANDADA ACABAR POR JOSE MARIA DE SOUSA. FOI CONSTRUIDA POR JOSE RIBEIRO DE SOUSA EM 1896.

Altar-mór e dois colaterais, em barroco muito simples; à parte do Evangelho o do Coração de Jesus; da Epístola o de N. Senhora do Rosário.

Dispõe de uma confortável e ampla residência. Na cal da parede, sobre o caminho da igreja, tem desenhado um interessante «grafito» e por baixo a data de 1785.

Há nesta freguesia uma ermida dedicada a Santo



Igreja da Torre

Amaro, à qual o primeiro marquês de Montebelo vinculou certos rendimentos.

O «Livro de Santo Amaro, o qual servia para nele se carregarem os caseiros que pagavam as medidas da fábrica da capela, tem princípio em 1747 e, logo de começo lê-se: «Em hua taboa q. nesta Igr.a achei das obrigaçoins de missas perpetuas que nella ha, entre outras achei o seguinte: Pela alma do instituidor (o marquês) da Capella de Santo Amaro, duas missas cada ano, hua dia de Sam Felix (do seu nome) outra na oitava de natal, para o q. se pagão as medidas, etc.»

Este rendimento desapareceu há muito.

Além deste manuscrito, existem no arquivo paroquial: um livro de testamentos, a partir de 6 de Janeiro de 1762; o livro da receita e despesa e capítulo da fábrica da igreja, com os autos de contas prestadas à Ordem de Cristo, desde 12 de Junho de 1763; o livro de capítulos de visitas, desde 3 de Setembro de 1658; outro com abertura em 22 de Agosto de 1746; os Estatutos da confraria do subsino, e Santo Nome de Deus, feitos em 1817 e aprovados em 1820, onde, além de outros costumes e obrigações, se vê a quantidade de procissões muito antigas e ladaínhas que os fregueses iam fazer fora, algumas a grandes distâncias.

Junto da dita capela de Santo Amaro, em pitoresco terreiro, está o cruzeiro paroquial, de porte elegante e delicado fuste.

Tem andado anexa a esta, a vizinha freguesia de Portela, por isso no mesmo arquivo da Torre se encontram os seguintes manuscritos que lhe dizem respeito: O «livro de usos e costumes de 31 de Dezembro de 1749; o «livro dos capítulos» começado em 18 de Julho de 1803 e dele se vê que foi aí pároco por muito tempo o abade António da Silva Campelina, dos mesmos apelidos e família de D. Joana Angélica da Silva Campelina, mulher de D. Rodrigo António de Azevedo Sá Coutinho, senhor da Casa da Tapada.

Era natural da Torre, o general Adolfo de Almeida Barbosa, que nasceu no lugar de S. Gens a 20 de Setembro de 1857.

Com o curso da arma de infantaria, da Escola do

Exército, fez quase toda a sua carreira militar pelas unidades do Minho e por isso foi mandado a comandar um destacamento contra as forças de Paiva Couceiro, por ocasião das primeiras incursões monárquicas.

Tinha servido em Moçambique, de 1900 a 1902.

Esteve na G. Guerra e, no posto de coronel, comandou a Brigada do Minho de modo a merecer os melhores elogios

Já na situação de reserva, foi promovido a general em 1926, pelo governo da República; passou à reforma em 1928.

A 26 de Agosto deste ano faleceu em Viana. Possuía a cruz de Guerra de 1.º classe e outras condecorações que os filhos entregaram, com mais algumas insígnias militares de seu uso, ao Batalhão de Caçadores 7, da mesma cidade.

* * *

Praticamente, estamos chegados quase a termo desta corrida pelas terras de Amares; falta apenas Vilela.

Caminhou-se com o leitor por todos os pontos de interesse e sem pressa de chegar ao fim. Agora, que ele se avizinha, vamos descansar numa breve retrospectiva histórica, como faz o viandante ao tomar fôlego para vencer a última etapa da sua jornada.

As freguesias, de cujo estudo vamos sair, são pequenas unidades de outras unidades, ligadas por mais altos escalões a um todo geral que é a nação.

Como houve ocasião de observar-se, e essa foi a sua mais notável feição, elas foram, especialmente neste privilegiado rincão de Entre-Minho e Douro, e já numa sólida organização paroquial, a seu tempo chamadas a cooperar decididamente na formação da Pátria independente e livre.

Serenados depois os acontecimentos históricos da fundação e consolidação, as populações campestres alhearam-se do que se passava longe da sua esfera de acção, para só lutarem e mourejarem pelo enriquecimento do solo resgatado à custa de muitas vidas e privações, arroteando montes e vales, desbravando e socalcando campos e leiras; construindo e reconstruindo através de muitas



General Almeida Barbosa

gerações, que já mandaram seus filhos a descobrir e levar a Lusitanidade a novos mundos.

A certa altura, porém, abalos mais profundos na vida dos povos fizeram chegar até estes verdadeiros fundamentos das pátrias, que são a sua massa laboriosa, produtiva e desinteressada, os efeitos de geral convulsão.

Sobrevieram as constantes mutações no panorama da vida nacional, e o mesmo povo aldeão começou a levantar mão do arado e da enxada, a distrair o seu tempo precioso por paixões comesinhas, a abandonar os campos, único e real valor temporal—por troca com simples fantasias com que a vida moderna começou a cegá-lo.

O liberalismo, que tem encandeado as últimas gerações, de modo a torná-las inquietas e insatisfeitas, encarnou nelas a própria origem e causa do seu mesmo descontentamento; criou-lhes um vazio incomensurável e difícil de preencher.

Não existe em todas as paróquias um manuscrito a que frequentemente se faz ligeira alusão, mas por um pode aferir-se o modo como a vida aí evoluiu, e servir de padrão ao nível de sossego ou intranquilidade que afectaram as populações rurais.

É o «Livro dos Capítulos» das visitas canónicas, no qual regularmente se exaravam e publicavam todas as instruções e fórmulas de disciplina, com vista ao regime paroquial.

Onde a obediência e recíproca compreensão de governantes e governados foram apanágio de nossos maiores; ou as manhas e a discordância com as seguras directrizes do passado começaram a semear os primeiros sintomas da rebelião—tudo aí está patente e em curso, nesses velhos cadernos que ficaram esquecidos nos arquivos paroquiais, no eco abafado dos acontecimentos que agitaram a vida portuguesa até o fundo das nossas aldeias, enquanto na maior parte a novela e o romance, pretensão realista, tomou esses mesmos episódios e fez blague, deturpando-os.

Sabe-se como a pena bisbilhoteira de Camilo também veio ao coração destas terras descobrir o *ex-capitão-mór* de Santa Marta, o *barão* de Bouro, o *sargento-mór* de Rio Caldo e o *vigário* de Caldelas para os le-

var, de comparsas com outros, a intervir como protagonistas ridículos em uma peça que tem por fundo o palco ensanguentado das lutas liberais de tão lamentáveis consequências e nesse engenhoso enredo espalhar a impressão de como uma pseudo-nobreza e clero, articulados ainda firmemente às fundas tradições, se deixavam mais uma vez iludir pela farça lisonjeira de supostos príncipes encantados.

A questão foi, de modo muito diverso, outra. A Igreja viu e preveniu de longe, pelas nuvens que se acastelavam no ar, a séria tempestade que se avizinhava e de que Ela seria uma das maiores vítimas.

Os ditos «livros das capitulações» dão inteira conta da verdade, desse passado relativamente próximo, sempre vivo pelas constantes recordações que a cada passo dele se fazem sentir e revestir de actualidade; em tal caso, não há como transcrever, sem mais fantasias nem literaturas, algumas das suas notas mais eloquentes.

Já uma «ordem circulatória» de 23 de Novembro de 1807, distribuída aos R.R. Párcos, mandava que à «collecta» das missas cantadas ou rezadas, que se dissessem nas igrejas e capelas do Arcebispado, se juntasse *pro quacumque tribulatione* enquanto não melhorassem as circunstâncias do Estado».

Logo nessa mesma data, por ordem emanada do governo da arquidiocese e em observância de régio aviso, se intimavam todos os R.R. Párcos «remettessem ao Paço Arcebispaal todas as pratas das suas igrejas, exceptuando as q. fossem necessárias para as funções sagradas e especificava-as.

Aquí começou a depredação dos valores cultuais, cuja acção e progressivo agravamento tanto se faz sentir Entre-Homem e Cávado, até levar à última ruína os seus principais monumentos.

Infelizes os governos que não souberam impor-se pela manutenção de um equilíbrio fiel e constante entre o espiritual e o temporal e de modo a evitar a ameaça de abalroamento entre a barca de Pedro e a nau do Estado.

Enquanto os monarcas e os povos foram dádivosos para com a Igreja, as nações conheceram os melhores dias da sua glória e prosperidade: uma vez que começa-



Capela de Santo Amaro

**«Grafito» que se vê na parede da
Residência Paroquial**

ram a tirar-lhe o que os antepassados haviam dado, também a decadência com o desprestígio entraram a minar os seus mais sólidos fundamentos.

A História comprova esta noção e ordena o bom senso que ela esteja presente na mentalidade dos homens, a não ser que de todo se resolvessem a abdicar desesperadamente das mais nobres qualidades da razão e do entendimento que levanta o ser humano acima de todo o bruto; e ainda aí seria impossível, porquanto essas mesmas forças, que por vezes esquece na sua verdadeira natureza, hão-de reagir e manifestar se sempre e mesmo contra sua vontade, como o direito e a consciência da vida na própria alma do suicida.

É na essência o princípio da reabilitação dos povos, do seu regresso a passada grandeza, porque a Providência nunca permitiu que a prudência e bom senso se perdessem em tudo e em todos ao mesmo tempo.

E, enquanto aqueles primeiros movimentos da empreendida tarefa de expoliação das mais preciosas jóias, que prefaziam o rico património cultural de capelas, igrejas e mosteiros, foi tomando volume, vem o termo a cópia de outra portaria posta a circular:

«Manda El-Rei pela Secretaria d' Estado dos Negócios da Justiça remetter ao R. do Arcebispo Primáz os Exemplos inclusos da Homilia do Santo P.^o Pio 7.^o ora preside na Universal Igr.^a de Deos, sendo cardeal e bispo de Imola, e a Homilia Constitucional, composta pelo prior da Igr.^a de Mecejana p.^a instrução do povo rude e para q. fazendo-a distribuir pelos Parocos das igrejas do seu Arcebispado, lhes recomende com toda a energia, que hajão de explicar aos seus fregueses, com espirito de união e caridade, a sua Doutrina, instruindo-os e exortando-os na observância das suas maximas tão verdadeiras como admiráveis.

Palacio de Queluz em 30 de Março de 1822.

Outrosim Nos foi dirigido o seguinte officio — Ex.mo e Rev.mo Senhor: Tendo infelizmente abusado do Ministerio Sagrado alguns oradores, Ministros da Palavra do Senhor, pregando Doutrinas contrarias ao sistema politico abraçado pela Nação e q. alem de ser huma direita infracção do juramento prestado, he ao mesmo tempo huma

funesta origem de desunião de anarquia, e de males mui ponderosos; S. Mag.de se tem magoado sobremaneira com a relação do facto de semelhante natureza, não só por q. pondera a sua gravidade, e enormidade, e antevê as suas perigosas consequências; mas tambem por q. se tem visto na dolorosa necessidade de os fazer premir; e desejando o Ill.mo Senhor prevenir todos os acontecimentos, para q. de futuro mais se não repitão. Foi servido ordenar-me immediatamente q. encarregasse a V. Ex.a de mandar mui positivamente exortar a todos os seus subditos, habilitados pa. o Ministerio do Pulpito afim de q. nos seus sermoins jamais se afastem da Doutrina Sagrada, e jamais deixem de imitar os modellos de sabedoria e de União Santa, q. nos deixarão os p.ros Pregadores do Christianismo, e os Santos Bispos seus sucessores nas suas venerandas Homílias; e pa. q. evitando cuidadosamente a mistura criminosa de Doutrinas oppostas à boa ordem, e turvativas da paz publica, não cessem de annunciar instantemente a obediencia às Autoridades constituídas, à Ley, e à Constituição, e a neces. união e caridade fraternal entre todos, para sua recíproca e geral felicidade = O q. communico a V.Ex.a pa. q. assim o haja de praticar m.to promptamente. Lx.a 27 de Março de 1822 — Manuel Marinho Falcão de Castro = Fiel ao juramento q. havemos prestado, e devendo em razão do Nosso Ministerio não só obedecer às ordens do Governb, mas q.to Nos for possível auxiliar suas louvaveis fadigas, a tornamos a recomendar, e mandamos expressamente aos R.R. Parocos, q. penetrando-se bem das maximas admiraveis q. na Homilia do S.to P.e Pio 7º. luminosamente se achão exaradas, as repitão e inculquem a seus freguesas com aquella força, e suavidade que traz o effeito da convicção e faz amar aquillo q. se ensina. Mostrem-lhes no q. consiste a essencia do Governo Representativo, quães são as suas vantagens, os prodigios q. Portugal obrou q. do o possuia, e o estado de abatimento a q. por falta de Representação Nacional se vio reduzido. Fação-lhes ver a franca e leal adesão q. o melhor dos Reis o Senhor D. João Sexto tem dado à Nova Ordem de couzas, firme em executar as sabias Providencias, q. pelo illustrado Zelo do Soberano Congresso são decretadas, prompto sempre a sacrificar-se pelo bem

da Patria, e com sua conduta religiosa e politica, confundindo tanto a irrelição como a hipocrisia, e tendo hum unico partido, e divisa, o de trabalhar pela felicidade do Estado... Os Ministros da divina palavra convenção-se altamente destas sublimes verdades, e meios de não entregar-se a doutrinas extranhas, p. envolvem falsa ostentação de saber, etc... E para que chegue à noticia de todos, ordenamos ao Ex.mo Bispo Nosso Provisor mande passar as ordens necessárias. Braga com rubrica de Sua Ex.a Rev.ma» (Era Dom Frei Miguel da Madre de Deus).

Vêm a espaços estas conciliadoras «ordens circulares» cheias de frases convincentes e unção pacificadora, mas nos intervalos como que se adivinha a agitação que lavrava nos espíritos inquietos desses malfadados princípios do século XIX:

«Os governadores do Arcebispado Primaz-aos R. R. Parocos, ao veneravel clero secular, e regular e mais subditos da Santa Igr.a. Aparecendo a luz dissipam-se as trevas — tais forão aqueles q. motivarão a Nossa exultação do dia 15 de Março de 1823 expedida pela Real Portaria do theor seguinte:

Manda El-Rei pela Secretaria de Negócios de Estado da Justiça, atendendo ao terrível exemplo de prejuo dado pelo conde de Amarante pode alucinar alguns incautos desconhecedores dos seus interesses, deixarem-se arrastar por mal intencionados que só desejão ver derramado o sangue de seus Irmãos, e no meio da desordem da confusão e da carnagem darem cruento pasto aos empenhados odios, e antigas rixas; q. o R. do Arcebispo ou quem suas vezes fizer hordene a todos os R. R. Parocos da Sua Dioceze instrução os seus fregueses no horror que devem ter aos q. violando hum tão sagrado juramento como o q. ha pouco prestarão à Constituição da Monarquia unica forma do governo q. pode fazer a felicidade dos Portugueses, se hão deixado desapercibidos facinar por aquelle rebelde; q. verdadeiramente lhes fação sentir os iminentes males q. lhes caberiam em parilha se deixassem contaminar-se com o tão execrando modelo. Cumprindo ao mesmo tempo fazer lhes conhecer quanta obediência devem prestar à Constituição e Lei vigente; o respeito devido às Autoridades constituídas; e

quanto enfim seria sensível a S. Mag. de q. mais reitorias encontrasse o detestável exemplo de Villa Real, cujo estranho procedimento entre Portugueses tem profundam.te magoado seu coração paternal. Palacio da Bemposta, em 5 de Março de 1823. José da Silva Carvalho.

Por outras semelhantes, e por huma carta da Camera assignada por El Rei se expedirão outras ordens q. circulão por este Arcebispado; *em todas as quaes sacrificamos as nossas oppinioens e vontades à obediência e respeito devido às Reas Determinações.*

Soou depois a voz do Nosso Augusto Soberano Rei, e Senhor, livre da coacção a q. imperiosas circunstâncias o tinhão sujeitado; e dissiparão-se os erros invencíveis, inculpáveis, e os enganos com q. nos tinha illudido hum governo intruso, em consequencia do q. mandei passar a pres.te p.a os R. Parocos q. fação observar, e a publicarão a seus fregueses à Missa conventual e registada no respectivo livro. Dada em Braga sob signal, aos 21 de Junho de 1823*.

Também é verdadeiramente notável quanto a Igreja vinha de longe a desentranhar-se em constantes exortações ao clero de todas as ordens, regular e secular, e agora mais uma vez e em termos de Visita de 1824, se lhe dirigio o cónego prebendado na Sé Primaz, José António Berardo da Silva e Sousa Gorjão, Visitador das igrejas de Entre Homem e Cávado e Vale do Tamel, na forma das Concordatas, etc. assim:

«Há m.to tempo, meus amados Irmãos, que nós vemos a Fé tão apagada, a Caridade tão esfriada neste século aonde a libertinagem, mais da impiedade, faz todos os dias, com vergonha da razão, e prejuizo da Religião novos progressos. E devendo nós Ecclez.cos sermos espelhos, para que os Seculares vendo a nossa boa conduta, e exemplar limpeza, e o modo com q. tratamos as cousas sanctas se firmem na Fé e Caridade. Pelo contrario, damos causa a q. elles esfriem, e a nós m.mos nos tratem de resto: pois eu—com bem magoa do meu coração o digo— que m.tos Ecclez.cos tratão sem a menor cerimonia as cousas sagradas, e com a maior indecencia entrão no Templo de Deos, e assistem aos officios divinos: como tambem o modo como alguns senhores Par.cos, ou

curas levão o S. mo Viatico aos enfermos: portanto mandado aos R. dos senhores Par. cos executem à risca não só as Pastoraes dos Senhores Arcebispos mas tambem o q. determina a Constituição Deocezana, respeito não só às coroas dos Ecclez. cos. mas as cores do vistuario, juntam.te a limpeza da volta no cabeção, sobrepeliz e calçado, como determinão os Sagrados Canones; e não se faz preciso mais do q. ler as penas com q. os Concilios ameaçãõ os Beneficiados, e aquelles q. tendo recebido ordens sacras, faltão a este exterior, para julgar que cometem grande pecado, e q. não estão em estado de salvação, nem de receber os Sacramentos.

«E se houver algum Ecclez. co — o q. não hé de presumir — q. logo não cumpra o determinado, o R. do Snr. Par. co debaixo da pena de suspensão me dé logoparte p. obrar o q. me parecer mais justo.

«Os Rev. dos Senhores Par. cos, curas, e Encomendados q. do levarem o S. mo Viatico aos enfermos, jamais deixem de uzar veo humeral em tão respeitavel acto; de umbella, e ao menos de quatro luzes em alenternas, ou tocheiros, procedendo: o turíbulo, no q. som. te penhoro, e interesse a sua honra, e zelo. E na freg. q. houver conf. a do S. mo facilitarã esta as opas nr. as, e não havendo, a freg. a concorrerã p.ª a despeza, bem como p. a hum livro *Ara — coeli* p. a nelle ser exposto o mais admirável Mistério do amor de J. C., na casa dos enfermos»...»

Já anteriormente, e repetidas vezes, se acham registadas as mais sérias admoestações ao clero da época, a combater-lhe o luxo no «uso indecoroso de laços e fitas de) seda e de várias cores» (gravatas) ou a extrema negligência e desleixo no acto da celebração dos Offícios Divinos, calçando tamancos e desprovidos de hábitos talaes; como o abuso frequente de fumarem dentro dos templos e acenderem os cigarros nas velas, que rodeavam as eças, durante os officios fúnebres.

Atente-se seguidamente no teor de uma Carta Pastoral do arcebispo D. Frei Miguel, dada em Braga a 8 de 7. bro de 1826, para ser lida e publicada em todas as igrejas à estação da Missa conventual, uma e m. tas vezes; afi-

xada nos lugares do costume e copiada nos livros competentes:

«Logo que a Divina Providência nos chamou à plenitude do Sacerdocio e ao governo deste Arcebispado, Nós havemos muito seriamente attendido as obrigaçoens adherentes ao Ministerio sagrado que o Senhor nos confiava. Não nos esquecião as palavras do Apostolo escrevendo a Thito: que aos Bispos pertence exhortar, e persuadir a doutrina Santa arguindo aquelles que a contradizem. He para nutrir os Fieis com o saudavel leite daquelle doutrina, que os Bispos governão a Igreja de Deos. Porem, este dever tantas vezes recomendado nos Livros Santos e tão fielmente prehenchido pelos mais illustres Prelados da Igreja, he ainda poderoso nas grandes agitaçoens dos Povos, quando procelosos ventos combatem a Náu, então convem rodobrar os esforços, então deve resplandecer o zello Pastoral dos Menistros do Senhor, quando contrarias e perigosas paixoens procurão elevar-se sobre o Imperio da Lei. O Nosso silencio, pois, seria agora uma fraqueza; nas bem conhecidas circumstancias em que se acha a Nação, a que nos gloriamos de pertencer Nós devemos exhortar nossos subditos, e filhos muito amados em Jesus Christo; e elles devem ouvir nossas vozes porque são as do seu Pastor.

He pois com muita amargura q. nós havemos sabido que tambem entre Portugueses, sempre reconhecidos, e respeitosos pelo seu amor e fiel obediencia aos seus Reis, apparecem agora espiritos inquietos e illudidos que ousão contrariar a legítima authoridade do Soberano, e no país da honra, e da fidelidade Nacional collocar o estandarte da rebellião, e da desordem. Este procedimento estranho, e reprovado pelas maximas da Moral mais pura, he ainda mais reprehensivel quando se pretende collocar com o Nome sagrado da Religião. Eis aqui a que promove particularmente o Nosso Zello, para não consentirmos que o erro seja substituído à verdade he da Nossa obrigação contradizer maximas tão alheas do Christianismo, e tão subversivas do sossego dos Povos, e da segurança dos Thronos. Sim, amados subditos, se a Religião que professamos, a unica verdadeira e divina, excede em bondade a todas as outras, he tambem pelo apoio que

ella presta ao poder temporal, e pelo respeito, e obediencia às determinações dos Soberanos que ella recomenda, qual tem sido o exemplo do Divino Mestre; recusou Elle o tributo ao Cesar?

Qual foi o procedimento dos Christans nesses dias de fervor e de piedade nos primeiros seculos do Christianismo. Revoltarão-se elles jamais ou tomarão parte nas sedições formadas em todo o Imperio contra os que exercião o Poder? Elles forão os unicos que servirão fielmente aos mesmos Neros, aos Domicianos, aos Comodos, aos Caracalas. Elles excedião em numero aos que fazião a guerra aos Romanos, circundavão os Palacios dos Imperadores, dispunhão da força, contudo bem longe de empregar aquella contra seus mesmos tiranos ou de abandonarem a casa do Imperio; antepunhão a morte à revolta, ao crime! Virão-se assim legioens inteiras, que a do illustre São Maurício, soffrendo tormentos, e sem resistencia para não faltarem ao que devião a Deos, e ao Cesar, elles fazião ainda mais perseguidos, calumniados; elles considerarão por m.to tempo as suas boas acções como unica, e digna illustração. He só durante o governo de Adriano que apparecem as primeiras Apologias dos Christans, e, se nesses escriptos reluzem a firmeza e gravidade, ainda reluz mais o respeito com que elles tratavão os seus oppressores. Eis aqui, amados subditos, qual he o Espirito do Evangelho e qual tem sido o constante procedimento dos Christans para com os seus soberanos; e se estes sacrificavão aos idolos, e desconhecião o verdadeiro Deos, os Christans imploravão as misericordias, do Senhor para que Elle se dignasse de os illustrar; podem jamais faltarão a huma obediencia religiosa em todos os actos puramente temporaes, e que não offendião a fidelidade devida a Deos. E com razão, porque, se aos subditos fosse licito o não receber a Lei do legitimo Imperante, como poderia conservar-se a ordem na Sociedade? He por isso q. m.tos dos mais respeitaveis successores de S. Pedro na Igreja Romana tem justamente condemnado essas maximas que procurão authorizar a desobediencia, dos subditos.

A essas declaraçoens dadas pelos Sumos Pontifices são conformes as do clero da illustre Igreja da França, e as

dos nossos mais sabios e virtuosos predecessores, porem se esta he a Moral pura do Envagelho, sempre fielmente praticada pelos verdadeiros Christans, como he possível que entre os Portugueses, sempre amantes de seu Rei, da pureza da doutrina orthodoxa e apparecerão agora homens allucinados que se persuadem que servem ao seu Deos servindo ao Crime, que julgão advogar a Causa da Religião observando e persuadindo aos outros maximas que a mesma Religião expressamente condemna. Bendito seja o Deos de Misericórdia! Na humildade de Nosso coração Nós o devemos louvar incessantemente por consentir que seja m.to escaço o numero daqueles infelizes que se precipitão em huma desobediência tão criminoza. E que motivo tem dado occasião a ella? Será o generoso beneficio concedido pelo Senhor Rei D. Pedro IV aos Portugueses na Carta de Lei Fundamental da Monarquia, dada em 29 de Abril do pressedente anno? Mas em que offende esse Codigo a pureza e santidade da Religião dos nossos Pais?

Não estabelece elle que a Religião Catholica Apostolica Romana continuará a ser a Religião do Reino que todos os Portugueses, e particularmente os conselheiros d' Estado jurão manter? Qual he o artigo ou nova Instituição criada pela Carta Política da Monarquia que ataque a santidade da Religião, que exponha a gloria e segurança do Throno, e viole os direitos da liberdade, segurança e prosperidade dos Cidadans? Bem pelo contrario, a Carta Política fazendo reviver algumas das nossas antigas Instituições Monarchicas, purificadas e reformadas segundo exigem as circumstancias da Nação e as luzes do tempo, e criando outras, alias indispensaveis para melhor administração da fazenda, e da Justiça, e para servirem de firme apoio à liberdade e prosperidade dos Cidadans, marcando emfim os direitos e deveres das pessoas constituídas em autoridade, para que o exercicio della nã degenerem em abuso e opressão, estabelece sem dúvida com sabedoria, e huma maneira conveniente ao character, e circumstancias da Nação ossolidos fundam. tos da converção e perfeição, ordem e felicidade pública, a gloria do Throno, e o bem do Estado e de todos os Cidadans são os importantes objectos da Carta Política.

Se o nosso Augusto Monarca o Senhor D. Pedro Quarto cedeu nella alguma porção dos seus direitos, para serem exercitados com maior perfeição e vantagem pelas Camaras e Autoridades legitimamente instituidas, reservou certamente huma somma de nobres e sublimes Prerogativas a Atribuições que, sendo efficazes para manter a balança politica do Estado, são tambem as mais proprias para a conservação, independencia, e gloria do seu Throno.

Sendo pois a Constituição Política do Estado a obra da tranquillidade publica, como he o pinhor da futura prosperidade da Nação, he possivel que se procure nella o pretexto para estabelecer a confusão e a desgraça publica? Se a Carta Política he hum firme esteio da Religião que temos a fortuna de professar; se nas suas differentes disposições nada apparece que exceda os limites da razão, Justiça e equidade, como pode haver quem queira autorizar-se na mesma Divina Religião para atacar e dezacreditar o Código das Leis Fundamentais do Estado, e commetter o monstruoso crime de desobediencia e rebellião contra Deos, contra o Rei e a Patria?

Não, amados filhos, a nossa Religião Santa não autoriza, antes expressamente condemna esses sediciosos, esses insensatos que rezistem e desobedecem à vontade do seu Rei: Ella não seria obra de hum Ente perfectissimo se as suas maximas estivessem em contradicção com os melhoramentos das Sociedades civis. O estado, os habitos, os costumes, o character e as diversas posições politicas das Nações não são sempre os mesmos e por isso he necessario que as Instituições humanas attendão a todas essas circumstancias reunidas; quantas vezes não tem sido preciso estabelecer alteraçoes e melhoramentos nas Leis dos Povos mais civilizados e Christans? A França, a Italia, e a Allemanha poderião hoje governar-se pelas Leis que as regerão nos reinados dos Clovis, e dos Albuins? E a legislação d' hoje poderá governar por todas as gerações e seculos futuros?

Quisera o Ceo, amados filhos, que a mesma Igreja de Deos conservasse ainda hoje as mesmas Leis com que atrahio os coraçoes dos seus mais terriveis perseguido-

res, com que desarmou a mão dos Tiranos, e confundia o falso saber dos Celsos, e dos Profirios!

Mas esses tempos saudosos já não existem; o nobre fervor da caridade tem desaparecido, e esse heroísmo que conduzia ao fogo, e à morte os Christans em defesa dos seus Soberanos, ainda que idolatras, parece ter degenerado. As virtudes dos nossos Maiores succederão vergonhosas fraquezas, vícios escandalosos que a Igreja punia severamente naquelles seculos de fervor, e que hoje apenas reprehende com m.ta indulgencia. Com que rigor não castigava ella os que violavão a Fé e sujeição devida ao seu Rei? Quantos annos de publica penitencia, imposta aos que perjuravão?

Ah! esta religiosa severidade já não existe: a mudança dos costumes nos differentes séculos, diz Massillon, conduz necessariam. te à variedade da disciplina e esta policia exterior pode e deve mesmo às vezes ser alterada. — Mas se a Igreja tem julgado prudente e precisa uma sabia e judiciosa mudança em suas Leis disciplinares, como não deverá succeder outro tanto nas Instituiçoens puramente civis, se aos Soberanos incumbe o nobre dever de promover a prosperidade das Naçoens, devem elles estar privados dos meios que julgão mais aptos para alcançar aquelle importante fim?

Raro exemplo de generosidade, de desinteresse offrecem elles, quando para nos felicitar se despoção de algumas das attribuiçoens da Soberania e dos direitos da Magestade temporal, entregando o exercicio de huma parte do seu Poder a Cidadans escolhidos pela Nação, e conhecedores das precisoens Nacionais — procedimento tão bemfazejo merece bençoens e sinceros agradecimentos, e não reacçoens, intrigas, rebeldias e perjurios.

Que grande não deve ser pois o nosso agradecimento, o nosso amor e reverente submissão para com o Excelso e Generoso Monarcha, o Senhor D. Pedro Quarto, quando conhecendo o estado e circumstancias da Nação, nos envia expontanea e liberalm. te hum precioso dom, hum titulo o mais seguro da futura felicidade da Nação? Que outro nome senão de ingrato, rebelde e insensato merece aquelle que rejeitando ou desprezando tamanho beneficio, violar os seus mais saçrados e importantes de-

veres? Longe de vós, amados subditos, essas almas inquietas e cobardes, as quaes a ignorancia ou o temor fazem apreciar o mais pesado jugo. Não deis ouvidos a chamados politicos sediciosos, interessados ou ambiciosos, que fingem respeitar a soberania do Throno com esperança de premios que não merecem, ou de comodidades incompativeis com a verdadeira prosperidade da Nação. Mas, pela devisão de espiritos e vontades, não se pode chegar a esta; he por tanto nr.o que a vontade de todos seja huma só; e que o objecto desta seja a mais fiel e religiosa obediencia a Deos, ao Rei e à Lei. Que outros objectos podem ser mais dignos da nossa veneração, amor e resp.to? Este he, porem, o fundam.to mais solido e mais seguro p.a a conservação do Estado, e felicidade publica. Eia, pois, amados subditos, deixem-se todos pervenir daquelles religiosos sentimentos; não deslustremos a gloria adquirida pelos nossos maiores; não chamemos as vinganças do Eterno sobre a nossa Patria. Auxiliemos com a nossa obediencia as opperaçoens do Governo, que sem duvida procura o bem da Nação. Cooperemos com animo sincero e caritativo p.a o restabelecimento e conservação da ordem. Ali Nós vos exhortamos por Jesus-Christo; Nós supplicamos a todos fação terminar o escandalo que tanto Nos aflige. *Nossa carreira mortal está m.to avançada*; e ainda q.do o não estivesse nunca atraiçoariamos a Causa da Religião, mas he esta m.ma Religião que Nos impoem o dever de vos exhortar. He aos Nossos fieis cooperadores, e a todo o clero de todo o Arcebisgado que Nos dirigimos agora!

Nós devemos, amados subditos, mostrar o nosso particular reconhecimento e respeito ao Nosso Soberano e às suas Leis; Nós que somos os Pastores e Pais espirituais dos Povos, mais interessados e mais sensiveis que os outros aos seus sofrim.tos e necessidades, e que por nosso character somos Menistros da paz e caridade, devemos illustrar os Fieis p.a que conheção e cumprão aquelles importantissimos deveres, dos quaes depende a sua boa sorte, futura prosperidade. Felizes, se nós a pudermos conseguir por nossas exhortaçoes, por nossos vofos e oraçoens: nisto faremos grande serviço, não só ao Estado, mas à Religião, pois que a tranquillidade e interesses

daquelle são inseparáveis desta. Temos então confiança no zelo e probidade de Nossos coadjutores: Todavia recomendamos m.to a cada hum delles que se recordem da Santidade do Ministério Sagrado e dos deveres contraídos com o seu Deos, com a Igreja, e com a Patria. Que elles sirvão de exemplo aos outros fieis, como insinua o Apostolo nas suas conversações, e particularm. te na Caridade. He pello Nosso Ministerio que a Religião se conserva e perpetua entre os povos; he aos nossos cuidados que a Providência Divina confiou aquelle Deposito Santo. Que o Nosso clero pois persuada os Povos das verdadeiras maximas da salvação; que lembre aos outros fieis que a mutua carid. de he a divisa dos Christians; que a desobediencia aos legítimos Imperantes he criminosa e produtora de males terriveis, não só na ordem social mas na Eterna, como se expressa o Apostolo.

Recomendamos emfim a todos os Nossos Subditos que elevem suas supplicas a Deos; Elle pela Sua Bondade restituirá a boa ordem e tranquillidade a esta Nação, sobre a qual tem por tantas vezes resplandecido os visíveis effeitos da Sua Misericordia. Que se concilium os ânimos de todos os Portugueses, subditos do m.mo Soberano; que em todos se observe m.ma vontade de obedecer à Lei e de contribuir p.a o bem da Sua Pátria. Nós esperamos que assim aconteça e se prehencherão os Nossos desejos e a Nossa alegria»

Sucederam-se assim, e de alto a baixo, as constantes proclamações ao Povo, cheias do bom senso e do conhecimento de uma filosofia social como a que se contém na presente Circular então destinada à Visita de Entre-Homem e Cávado; mas não houve palavras de persuasão que aplacassem o tumultuar das paixões aticadas pela demagogia entre os inocentes e os incautos, que fecharam os olhos e cerraram os ouvidos a todas as luzes e à voz da Verdade, para depois colherem o fruto de amarga experiência.

Vai continuar a constatar-se como os ditames da Igreja pelo menos a esta parte, foram sempre e sinceramente os de que se obedecesse aos Poderes legítimamente constituídos, fossem eles representados por João, Pedro ou Miguel.

Estas exortações dimanaram de uma mesma vontade — o desejo unânime da salvação dos povos, considerada lei suprema para poupá-los a uma luta funesta. Expressa em tantas medidas que então se ensaiaram, e até mal houve tempo de praticá-las em constante mudança de cenário político caracterizado por termos que transcendem a desordem e arruaça, *Setembrizada, Martinhada, Vilafrancada, Archotada, etc.*, tendentes no entanto a satisfazer as veementes reclamações e protestos de liberdade que gerou a indisciplina, com ela, os crimes e as culpas colectivas tinham de atrair o castigo que pesou inexoravelmente sobre as cabeças dos culpados e dos inocentes.

O Arcebispo, que declarara, «sacrificar sua opinião e vontade à obediência e respeito devido às Reais determinações» naquela contingência da revolta do conde de Amarante em Março de 1823; mais adiante sente «muito avançada sua carreira mortal» e, com efeito, já em 1828, *sede vacante* se expedia outra circular para a Visita de Entree-Homem e Cávado, concebida nestes principais termos.

«Sendo bem patentes a todos os R. R. Parochos e mais Eclesiásticos o actual empenho da Monarchia, prodigiosamente levantada do último abatimento a que têm levado as violências e ataques dos mais perfidos inimigos que no seio da Pátria e no tenebroso antro das Cabernas preparavão a total desolação do vinculo social, da ordem publica, estabelecida pelo primeiro Monarcha Português com alta sabedoria; ligando-a com soberano enlace da Augusta Religião de Jesus Cristo, e com propriedade externa da sua Igreja, sendo a todos bem notorias as inevitaveis despesas que tem feito a R. fazenda p.a o salvam.to da Religião e do Trono, que felizmente se acha salvo da rigorosa tribulação e do naufragio pelas sublimes virtudes, superior constancia... d'hum Rei em tudo Primeiro (D. Miguel) he de rigorosa justiça q. todos os bons Portugueses, e particularmente o corpo Eclesiástico se una aos pés do Trono e coadjuve o excelso Monarca, não só com as lições e o exemplo da lealdade, mas igualm.te contribuindo p.a as importantíssimas despesas que tem feito e continuão a fazer com os generosos donativos q. couberem nos limites de sua possibilidade, imitando a generosidade de seus maiores em outras épo-

cas da Monarquia, que porventura não foram tão perigosas. O clero da Corte e de outros Bispados já seguiu os seus passos e o R. do Cabido desta Santa sé Primaz, não menos zeloso, abriu o exemplo ao corpo Eclesiástico deste Arcebispado, oferecendo a quantia que o estado de suas rendas permitia

Confio portanto das virtudes religiosas, morais e políticas de todos os RR. Parochos... não so porq. o corpo Eclesiástico deve abrir exemplo ao rebanho que lhe está confiado... mas porq. se a detestavel facção conseguisse levar a cabo seu plano destruidor, nem a fazenda nem a liberdade nem mesmo a vida lhe pouparia; a prova está na triste experiência dos últimos acontecimentos revolucionarios (o regime do Terror); e se algum miseravel Eclesiastico teve a desgraça de se deixar iludir pela enganadora esperança de ocupar os benefícios mais pingues, já tinha sobejas provas para se convencer de q. a facção destruidora intentava abolir e acabar com tudo aquilo q. tivesse ligação com a Fé, Moral de J. Cristo e Leis da sua Igreja, copiando fielmente os passos da revolução francesa e porventura adiantando mais alguma cousa!...

Por tão poderosos motivos, e outros que a todos são obvios espero q. os que ainda não tiverem contribuido p.a o donativo, o fação segundo suas posses e nos respectivos Distritos, desejando m.to ver escriptos seus nomes, que se forem publicando na Gazeta Ministerial...»

Um desenfreado panfletarismo ia pondo, de parte a parte, em ebulição as mais vis paixões que faziam ver tudo rubro, do mesmo modo e por actos idénticos aos que em França tinham deshonorado para sempre os clamorosos protestos de liberdade, os quais raro não deixam atrás de si um rasto de sangue.

Aquí, porém, foi-se opondo a essa propaganda feroz o peso das encíclicas e doutrinas da Igreja, como consta de mais esta circular, a última que se regista das que então se destinaram à Visita de E. H. e Cávado, e pouco antecede o atear da fogueira em que se debateu a Família Nacional. de 1832 a 1834:

«Faço saber a todos os RR. Parochos, clero secular e mais pessoas deste Arcebispado que o S.S. Padre Leão Duodecimo, que felizmente preside à Igreja de Deos, feri-

do profundamente pelo horroroso aspecto com q. nos ultimos, cala nifosos tempos se presentou o espirito de perversidade e da perfidia, espalhando insidiosamente maximas erroneas entre o povo inocente, com o fim criminoso de o encaminhar à geral corrupção; animado pelo fervoroso zelo e Pastoral solicitude com que incessantemente vigia sobre todo o seu rebanho que lhe está confiado, desejando eficazmente conservar illeso o Sagrado Deposito da Fé e Santidade da Relegião Revelada a guarda dos costumes e obstar promptam.te ao progressc de tantos males que o inferno tem vomitado nos passados tempos pelo infame orgão das sociedades secretas, da maçonaria, «pedreiros livres» ou qualquer q. seja a sua) detestável denominação; expedio as suas Letras Apostolicas — *Quia graviora mala* — datadas em Roma aos 13 de março de 1825, pelas quais confirma e exercita a observancia de diferentes Bullas publicadas por varios Pontifices seus illustres Predecessores contra as ditas sociedades ora existentes, ou as que com o tempo possão formar-se, debaixo de qualquer titulo, especificando pelos seus nomes alguns que mais claramente e sem rebuço propõem, ainda que debalde, destruir a Igreja do J. Cristo, aniquilar o supremo poder civil.

As quais Letras Apostolicas o M.to Alto e poderoso Rei senhor D. Miguel Primeiro nosso legitimo e natural Snr. que sua excelsa piedade e sincera religião, como defensor perpetuo da Igreja, como soberano proctetor dos Canones e como Rei sempre Fidelíssimo, foi servido acordar seu real Beneplacito e regío auxilio, para que se publique e execute nestes seus Reinos e domínios, sendo lidas à estação da Missa e fixadas em todas as igrejas na forma do estilo praticado em sem.tes casos.

«Que os R.R. Parochos, debaixo da mais severa responsabilidade, e as mais pessoas deste Arcebispado, a quem competir; copiem nos livros da sua igreja as mencionadas Letras Apostolicas, ou nelles encerrem os impressos que delas obtiverem, juntam.te com esta circular e publiquem tudo hua e m.tas vezes à estação da Missa, com a maior clareza e distincão, afim de que os fieis conheção bem a intenção, o que nela se contem e determina.

Devem enfim os RR. Parochos e os mais oradores evangelicos mostrar aos seus ouvintes, como incorrem em excomunhão, sem outra sentença, se cahirem em não obedecer aos justos decretos e Pastoraes admoestações que os advertem de seus erros e os chamam ao caminho da Salvação...

Os claros exemplos desses illustres Mestres do Cristianismo, que não desembainharam a espada da excomunhão senão depois de muitos gemidos e na derradeira extremidade do mal, são evidentíssima prova da sua gravidade. Enfim, em todos os tempos o Excomulgado foi considerado como hum gentio, como hum publicano, havido e tido como empestado, e excluído da comunicação dos fieis, sendo-lhe proposto como objecto de horror e abominação, o que nas actuals circumstancias com muito maior razão se lhe deve propor e persuadir.

Todos sabem quanto se esforçaram os perturbadores da paz da Igreja e da tranquillidade do Estado p.a deprimir nos tempos proxivamente passados o poder da Igreja, desacreditar a auctoridade do Sucessor de S. Pedro e mais successores dos Apostolos; todos sabem conquanto empenho trabalharam para levar ao esquecimento as penas canonicas, levantando por toda a parte contra elas altos clamores, proferindo todo o genero de improperios e desprezando seus efeitos, para não serem temidos por aqueles que ainda conservão em seus corações alguns sentimentos de temor de Deus e de piedade; com o fim de conduzirem os povos à irreligião contra todos os poderes, para só elles dominarem no excesso da sua perfidia, de seu despotismo e da sua barbaridade; tendo por seu deus só a mais infame paixão da insaciavel cobiça; por leis a sua orgulhosa vontade, e não conhecendo outra moral que não seja a do voluptuoso Epicuro, em cuja escola parecem educados os sectarios dessas tenebrosas sociedades. E ainda haverá porventura, pessoas de tão boa fé, ou de tamanha simplicidade, que possam hesitar na verdadeira existencia desses perfidos e detestaveis ajuntamentos?

Ainda haverá quem se queira persuadir que este funesto cantagão não tem ajustado o selo português? Permittisse Deos que nos enganássemos! Então teríamos pas-

sados os nossos dias á sombra da mais feliz tranquilidade; então não teríamos bebido tantas vezes o calix da amargura; elles, com effeito, se tem manifestado por muitos modos, já nos vestígios que tem deixado a par de si nas cavernas de diferentes cidades deste Reino, já nos manifestos e apologias impressas na mesma lingua portugueza, já enfim pela confissão que m.tos desses membros tem feito de que pertencem a essas sociedades detestaveis, hediondo vomito do Inferno, ousando proferir com o maior despejo que nelles nada ha que offenda o Evangelho nem os preceitos da Santa Igreja, pretendendo com esta estudada malícia iludir os incantos e innocentes.

Mas os seus proprios factos os desmentem; as suas praticas convencem de que semelhantes declamações só tem por fim seduzir astuciosamente a mocidade pouco instruida nos dogmas da Religião Revelada e nos principios da Moral de J. Christo, para a abismar no deismo, no atheismo e no materialismo; em todo o genero de absurdos que o philosophismo dos ultimos tempos escogitou para riscar da memoria dos homens toda a ideia da Religião e todo a remorso da Consciencia. Tribunal que no seio do mesmo impio levanta seus clamores,

«Dizem esses inconsequentes sectarios que os seus se não opõem ao Evangelho de J. Christo, mas o Santo Evangelho manda obedecer à Igreja, manda observar os seus preceitos, manda respeitar o seu primeiro Pastor como sucessor de S. Pedro; os Bispos como sucessores dos Apostolos, e a toda a ordem Ecclesiastica encomenda a mais profundaobediencia aos Imperantes, como imagens de Deos sobre a terra; contudo não há calunnia contra o supremo Pastor, que se não tenha inventado, não há ultrage que se não tenha feito à ordem Ecclesiastica e não há maquinações contra o poder Real que se não tenham tentado por meio dessas officinas da perfidia e da perversidade.

«Isto não he huma aclamação nem huma accusação sem provas; são ainda bem recentes esses espantosos effeitos praticados contra o sacerdocio e contra o Império! Não he necessario revolver m.tas paginas da história para os encontrarmos; ainda fumeça o terrivel vulcão do qual huma prodigiosa e especialissima Providência, condoída dos nossos malles, nos salvou por sua inefavel Bondade!

Há menos de hum anno que nós presenciámos com intranahavel magoado do nosso coração Emissários dessas tenebrosas sociedades correndo por todo o solo Portuguez a espalhar os impressos mais impios, a convidar os povos à irrelição contra Deos e contra o Rei; os lugares santos profanados, os canticos divinamente inspirados proscriptos e substituidos por impias cantigas e blasfemias; enfim, faltava só que a infame divindade do Paganismo viesse tomar o lugar do Deos vivo, e ocupar o Throno do Santo dos Santos.

«Lembrar-se-ha, contudo, algum dos sectarios dessas infames associações de responder que semelhantes factos procedem de outras cauzas, e que attribui-los à maçonaria he huma falsa imputação e miserável refugio? Pois todos esses excessos praticados em todos os tempos, em todos os lugares que se tem manifestado essa invenção diabólica, e sempre pelo mesmo modo, não he huma prova irrefutável de que são obra dos ajuntamentos que se regulão pelos mesmos principios destruidores, e que trabalhão sobre o mesmo plano da irrelição, da immoralidade e geral corrupção?

«Se esses desgraçados filhos da perdição trabalhão unidos para a ruina do Altar, e do Throno, e p.a a desgraça do povo fiel e religioso, he preciso também que o clero, como sentinela vigilante da casa do Senhor, unindo-se ao povo innocente, e conformando-se com as sabias determinaçoes do Supremo Pastor, com as piedosas Invençoes do Augusto e Fidellissimo monarcha, que prezide ao feliz destino dos venturosos Portuguezes, como a Relição e Piedade da invicta Imperatriz, rainha victima da mais vigorosa perseguição; modelo de constância concorra quanto cabe nos limites da sua possibilidade para destruir e suplantar a venenosa Hidra que há tanto tempo empenha todas as suas foças na ruina dos objectos mais sagrados e mais caros a todos os fieis Portuguezes.

«E, para que o clero possa conseguir tão louvavel fim, he necessário que se reforme tanto no interior como no exterior: no interior pelo exercicio da oração, pela continua lição dos Livros Sagrados, dos Tratados da Moral e Disciplina, e finalmente pela continua pratica das virtudes que demanda a sua alta dignidade; no exterior pelo

decoro e gravidade do seu comportam.to, pela decencia dos seus vestidos, tão recomendada nos sagrados Canones, conformando-se com elles em todos os lugares e em todas as ocasiões, m. to especialm. te no exercicio do seu sagrado Ministério.

«Para que por huma vez cesse escandaloso abuso que nesta parte da Disciplina Eclesiástica se introduzio, que podia de alguma sorte desculpar-se nos ultimos calamitosos tempos, mas q. já hoje felizmente se não pode tolerar, ordeno que todo o Eclesiástico, de qualquer ordem que seja, nas Funçoens Sagradas uze dos habitos talares, na forma determinada na Pastoral que a semelhança resp.to expedio o Ex.mo Sr. D. Miguel da Madre de Deos, último Prelado deste Arcebispado e com as penas nella declaradas e pella forma estabelecida, ficando alem disso os transgressores sujeitos aos procedimentos da justiça, havendo denuncia em todas as mais occasioens, encomendo e rogo a todos q. por honra e decoro dos mesmos se observe a maior honestidade e reforma dos vestidos, conforme está determinado na Constituição Diocesana, tit.º 12, e debaixo das penas ali declaradas: Outro sim prohibo a todo o Eclesiástico o uzo de pantalonas largas por cima de botas, como genero de vestido impróprio da ordem e m.to reprehensivel pelo escandalo que causa a toda a classe de pessoas que sabem ponderar a gravidade e modestia que deve resplandecer nos sujeitos dedicados ao Ministerio do Altar, desejando nesta parte fazer observar as antigas Leis disciplinares já citadas, sem inovação das quaes depende grande parte do bom regulam.to do clero secular deste Arcebispado.

«O Povo fiel deve unir-se aos seus Pastores e ouvir sua voz, por isso, he indispensavel que nos domingos e dias santos de guarda concorra às respectivas parochias para celebrar com o seu próprio Pastor os sagrados Ministerios da nossa santa Religião, para se instruir no Catholicismo e nas praticas da piedade... porque do seu esquecim.to se tem seguido huma boa parte da funesta ignorancia em matéria de Religião, e à sombra desta lamentável ignorancia se tem propagado os erros e absur-

dos que há tantos annos perturbão a paz de huma e outra sociedade.

«Para atalhar hum tão grande mal, devem os R. dos Parochos ensinar com maior cuidado e assídua applicação o Cathecismo aos meninos e meninas p.a que estas tenras plantas cresçam igualm.te no temor do Senhor, e desde os primeiros dias da sua vida sejam conduzidos pelos caminhos rectos da Santidade e da justiça, observando o resp.to dos Pais negligentes em manda los ao Cathecismo e bem assim o resp.to dos adultos e Pais de família que sem urgente necessidade faltão à Estação da Missa conventual de suas Parochias por costume, devendo entender se que as missas que se celebrão pelas capellas filiaes são tão somente p.a as pessoas que não podem concorrer à igreja matriz ou p.a aqueles que são necessários à guarda da casa ou se achão occupados em outras obrigações que se não podem deferir para outra ocasião oportuna, devendo assim mesmo quanto for possível alternarem-se...

«E para que as sobreditas Letras Apostólicas se publiquem e registem juntamente com esta Circular, e tenham o seu devido effeito: o Rev.do Desembargador, Vigario Geral desta corte, servindo de Provisor, mnda expedir com a brevidade do costume as ordens do Estillo.

«Dada em Braga aos 28 de Fevereiro de 1829-Manoel Ramos de Sá».

E, para terminar, apenas o extracto de uma outra portaria de Junho de 1833:

«Fechai vossos cuvidos a essas vozes de sedução e erro, atendei as vozes da Religião, e consultando seus oráculos, achareis q. dois poderes forão estabelecidos para governar os homens — a Autoridade sagrada dos Pontífices, e a dos Reis. Huma e outra vem immediatamente de Deos, de Quem emana todo o Poder...

«Vós sabeis que a Autoridade da Igreja reside no Corpo dos Bispos, unidos ao primeiro Pastor...

«Daquí procede que ninguem se pode a si eleger Bispo ou Pastor, sem missão legítima; esta se prova por uma sucessão não interrompida que se remonta até aos Apostolos...

«Aquele que lhes não succede he hum profano e

extranho que a Igreja não conhece. Tal he, claríssimos Irmãos, Fr. Manoel de S.ta Ignês, religioso da Ordem Reformada de S.to Agostinho, o qual, bandeado com os rebeldes da cid.de do Porto, ousa em seus editos appellar se Governador e Vig°. Capitular do Bispado do Porto, e inteiramente deste Arcebispado de Braga, nomeação do Snr. D. Pedro. Vós sabeis e eu o deixo dito, que o Poder Ecclesiastico he independente do Temporal.

«Dizer-se, pois, Fr. Manoel de S.ta Ignês Vigario Capitular de hum Bispado onde ha canonicamente um Bispo e de hum Arcebispado onde ha hum Vigario Capitular canonicamente eleito, e dizer-se constituido por hum governo temporal e até ilegítimo, hé o scisma mais declarado que abertamente desata o laço da unidade...

«Graças ao feliz governo do nosso legítimo Rei e Snr. D. Miguel Primeiro, à firmeza do Nosso Exercito e aos sacrificios q. toda a Nação há feito a bem da Sagrada Causa da Religião e do Trono, por cujos esforços, e sobretudo com o auxilio divino, esperamos acabar de debelar o monstro da rebelião e da anarchia...

* * *

Caro leitor, estas exortações de pouco ou nada valeram e fica por aqui a breve história de quanto foi alvoroçada a vida das populações até ao fundo dos próprios meios rurais, quebrados os laços da unidade por uma tempestade que soprou de fora.

Tinha-se visto que os religiosos de Rendufe, perdido o respeito pelas regras monásticas, saíram a arcabuzar no avanço sobre Braga (1809) as legiões iconoclastas de Soult, e nunca mais se acomodaram à disciplina do recolhimento.

Como estes, e um pouco mais tarde, 1832-34 outros tantos, fardando-se e tomando as armas, quizeram salvar a honra dos conventos contra uma infidelidade mais perigosa do que aquella que em 710 desembarcou no Calpe, mas o tempo e oportunidade de aparecerem em campos de batalha os «cavaleiros negros» havia muito que tinha passado.

A vingança e represálias eram inevitáveis e não é

preciso sair do âmbito destas terras para observar os seus terríveis efeitos. Não vale a pena continuar a pintar por palavras quadros mais tristes; basta transpor as portarias de Bouro e Rendufe — e olhar à volta...

Duas Casas, que arrancaram os seus alicerces lá dos primórdios da Nacionalidade — estiveram-lhes ligados, por espaço de séculos, grande parte dos destinos e grandezas de Entre-Homem e Cávado.

Agora — Desolação!...

Em princípios do século VIII, uma terrível impiedade, em pessoa, invadiu a Espanha toda inteira e, sabe-se de boa fonte, fôra atraída pela frouxidão dos costumes e das instituições, representada em Opas e Juliano que, feridos em seu orgulho cego e desmedidas ambições, abriram as portas ao inimigo que assolou estas terras e não ficou pedra sobre pedra, de seus velhos monumentos. A Abadia foi mártir da invasão sarracena.

O erro de uns poucos custou o sacrifício de muitas dezenas de gerações, em que a cavalaria religiosa, bela criação do tempo, prestou à causa do Resgate o mais avultado serviço, dignificando-se com emulação nunca vista em campos de batalha, onde a cruz sempre acompanhou a espada, para salvarem unidas os restos da monarquia visigótica, levada à ruína.

Nos princípios do século XIX, a poder de más doutrinas espalhadas no mundo civilizado, nova impiedade invadiu desta vez as almas, e foi tanto pior, quanto é certo que tarde e mal deixará de causar seus grandes estragos e os males que ainda estão patentes à vista.

Uma obra erguida daqueles primeiros escombros, património de valores e tradições multisseculares, enriquecido e embelezado quanto humanamente fora possível no período de muitas gerações, também aqui para salvá-lo então se improvisou uma desordenada cavalaria religiosa que participou nos combates ao lado das milícias.

Tudo, porém, foi ineficaz: simplesmente provocou maior golpe, desacertado mas violento e com efeito para a exterminação de tudo quanto representava uma força moral e valores que podiam contar para sua manutenção e continuidade. Foi a desencadeada perseguição religiosa, formulada de modo especial na supressão de todas as

ordens monásticas e com anexação do seu vastíssimo fundo cultural aos bens nacionais.

O que na paz e silêncio dos claustros se meditou com paciência, estudou e compôs para a grandeza da agricultura, das artes, das ciências e das letras; da pintura, da escultura e arquitectura; na organização de soberbas bibliotecas; donde partiu o empreendimento do apostolado missionário e onde principalmente a vida dos campos teve o seu fulcro e intimo contacto, recebendo daí os focos de luz que a tiraram do natural embrutecimento de modo a criar os foros de beleza, da celebridade e poesia que lhe foram consagrados—tudo foi no mesmo instante ameaçado de extermínio e condenado ao marasmo em que passou a viver, ao descarregar do golpe que tentou decepar o «velho tronco caduco.»

Encerra-se assim, em ligeira retrospectiva histórica, esta oportuna compilação de documentos respeitantes a uma agitada época da vida nacional, a qual ainda exerce seus detestáveis efeitos e influências em espiritos retrógrados e que mal se deixam corrigir pelas eloquentíssimas lições de um passado pouco distante, empenhados pelo sistema da facção e da desordem que o caracterizou; sobretudo os que teimam em haurir, como então, os ventos que sopram de fora, sem se deixarem rectificar em suas consciências pelo lema da união e solidariedade que outrora fizeram grandes e invencíveis os mesmos aglomerados populacionais destas pequeninas mas heróicas terras.

Termina-se com a referência a mais duas portarias, de 24 e 28 de Maio de 1834, já citadas ao tratar se da freguesia de Barreiros e em cujo «livro de capítulos» se acham reproduzidas e se manda denunciar o clero regular e secular, de todas as ordens, pela activa participação que teve nas lutas políticas do tempo, alistando-se, fazendo-se e tomando as armas a favor de um «governo de usurpação.»

Logo a 30 do mesmo mês e ano foi dictatorialmente promulgado o decreto que feriu de morte as velhas e prestantíssimas instituições monásticas e abriu, particularmente para estas terras de Entre-Homem e Cávado, as fundas chagas incuráveis de Rendufe e Bourc.

É pouco provável que de novo surja um fidalgo ermitão-outro Paio Amado—que mais uma vez levante das ruínas o mais que milenário «Convento das Montanhas!»



VILELA

A última das freguesias, no encetado roteiro paroquial, alegre, fidalga e prazenteira como o nome sugestivo que tem — *pequena vila*.

Situada em terreno bastante acidentado vertentes meridionais dos montes de S. Pedro-fins e de Santa Cruz que lhe servem de abrigo, é muito mimosa de todos os frutos, vinho verde, gado, caça e a saborosa e finíssima laranja; povoada de fartos arvoredos em que sobressai o verde-escuro de ricos olivais.

É servida por um ramal da estrada do Gerês, recentemente traçado a partir do sítio onde extrema com Dornelas e Goães e chamam *Salamântica*, de húmido e proliferativo que certamente foi de salamandras.

Atinge apenas o lugar de Chouselas, com sentido de alcançar o Assento e continuar para Seramil.

Passa-lhe sobranceira a estrada da *Geira*. Sob a antiga galilé ou alpendre de que era dotado o antigo edifício da matriz, esteve recolhido um marco mil ar, hoje arrumado junto do gradeamento do cemitério e do qual M. Capela regista a seguinte inscrição:

C. CALPETANO...
 QVIRINALE. .
 FESTO. LEG. AVG.
 A BRACARA
 M. P. XIII

Significa que *Caio Calpetano, da família Quirina, e Valério Festo, legados do imperador, entenderam no lançamento daquela estrada e dali a Braga eram treze milhas.*

Há muito que tem as letras completamente desfeitas e ilegíveis.

É um simples fragmento, ou seja, a parte inferior

de um miliário, de pedra rija e grosseira. Tem de altura 1,3; diâmetro 0,5; tamanho de letra 0,08. Reporta-se ao tempo de Tito e Domiciano, que governaram entre 70 — 81.

Uma milha atrás, por conseguinte a marcar a distância de doze, devia encontrar-se na margem da mesma via imperial o padrão recentemente descoberto no leito de um ribeiro da vizinha Paredes-Secas e esse parece ter sido dedicado a Máximo, imperador entre 237 — 38.

* * *

O padroeiro é S. Tiago, apóstolo.

Foi antiga abadia da apresentação do arcebispo.

Tem na sua vasta área, bastante dispersos, os seguintes lugares:

Assento, Trás de Doveza, Fontes, Cavaduços, Pomarinho, Portela do Vale, Monte, Carvalho, Pinheiro, Charilhe, Quintães, Faquiães, Chouselas, e Linharelho.

Em 1706 tinha 80 fogos; em 1875 andava pelos 88 com 334 almas, agora conta os 110 por 412 habitantes.

A matriz foi reconstruída no último quartel do século passado; mais tarde chegou a vez da sacristia, que tem na padieira da porta gravada a era de 1898.

O altar é relativamente moderno e sem estilo definido.

Os dois colaterais, do Coração de Jesus e de Maria e defronte, à parte da epístola, o da senhora do Rosário, são muito antigos e de bellissima obra de talha, possuindo cada um o seu quadro de harmonia com os primitivos padroeiros que foram seus titulares.

Ainda do lado da epístola, o altar do Senhor Crucificado está integrado no mesmo estilo antigo e valioso.

Na sacristia, que é espaçosa e guarnecida de extenso arcaz para guarda de paramentos tem uma bem trabalhada fonte purificatória e, obedecendo à mesma esquadria, metido na parede, o cofre da igreja.

As confrarias de N. S.a do Rosário e do S.S. são muito antigas; segundo informa, porém, o Rev. mo pároco, o cartório de nada dispõe que lhes faça referência, nem de outros manuscritos, como sejam livros costumeiros, de capítulos, de testamentos e de tombo que lhe eram inerentes. E porque tudo foi levando sumiço.



Altar lateral da Igreja de Vilela

A uns 200 metros da igreja está a ermida privativa do Senhor dos Passos Junto, dela o nicho das «alminhas» e o cruzeiro paroquial que tem no plinto a data de 1720.

Há duas capelas de particulares:

A de *Santo António*, no lugar de Chouselas, tem na padieira da porta principal gravada a legenda — CAPPELA DE S.to ANT.º QVE MANDOV FAZER O R.do ANT.º J.e GLZAZ.do ANNO D. 1851. Impôs-lhe a condição de duas missas anuais — uma dia de S. José, outra no de S.to António.

A de *Nossa Senhora da Conceição*, anexa à quinta do Pinheiro e lugar do mesmo nome, tem na frontaria a imagem de pedra da padroeira, em magnífica escultura.

De cada lado da porta sua lápide almofadada, onde dizem:

Uma — ESTA CAPELA MANDOV FAZER JOÃO PIRES LOVREIRO NATVRAL DE VILAR A MONTE FREG.a DE VALDOZENDE

ANNO

Outra — E SENHOR DESTA QVINTA ACISTENTE NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO E NELA PVS HVM LEGADO DE MIÇA QVOTIDIANA.

DE 1747

Tinha também a obrigação de três festas, sendo uma em dia da Padroeira.

Dispõe de rico altar no estilo joanino; ao centro N. S. da Conceição — primorosa escultura e pintura; púlpito elegante no mesmo estilo do altar... só é de lamentar que esteja votada a tanto abandono uma obra de arte em que se empenhou o bom gosto e a saudosa era do ouro do Brasil que não volta mais a tornar possíveis estas joiazinhas de arte que se vão perdendo miseravelmente.

Em lugar sobranceiro e vistoso sobre todo o vale do Cávado, está o edificio da escola oficial, com residência anexa, o melhor dos que inicialmente se construíram pelas terras vizinhas e servia também as freguesias de

Seramil e Paredes-Secas. Devida ao prestígio dos valores políticos da época, o tenente Paiva e outros que o tempo já levou, não pode ficar também sem a devida menção o falecido Dr. Santos Mota, celebrado mestre do ensino eclesiástico e liceal em Braga, natural desta freguesia e falecido em Goães, onde já se lhe fez a devida referência.

S. Tiago de Vilela foi do núcleo do extinto concelho de Santa Marta, comarca de Viana. Passou por decreto de 31 de dezembro de 1853 para o de Amares.

Parte dela, a ocidental, esteve também abrangida pelos ofícios do antigo couto de Paredes-Secas que foi do mosteiro de Rendufe.

População pacífica e laboriosa, constituída por uma burguesia rural que procura manter exemplarmente os seus costumes e haveres a dentro das antigas normas das tradições familiares, os habitantes de Vilela vivem exclusivamente do amanho secular dos seus belos campos.

A concluir já pelas primeiras Inquirições, os foros de bragal que pagava aos senhores da terra e a própria origem do nome do lugar de *Linharelho*, teve aqui seu extraordinário culto a indústria caseira do linho, hoje tida por toda a parte em geral e lamentável decadência.

Também se fornaram famosas, enquanto foram permitidas pela autoridade eclesiástica, as mudanças dos santinhos e procissões de penitência levadas a efeito com as vizinhas freguesias de S. Paio e S. Tiago de Goães, quando as longas estiagens prejudicavam as sementeiras.

Com esta última freguesia de Vilela, atingimos finalmente, e após três anos de metódica peregrinação pelas terras de Amares (foi pelo n.º 39 da Tribuna Livre, de 22 de Setembro de 1956, que a respectiva Redacção anunciou este trabalho) por minha parte obedecendo a um programa préconcebido, por parte do leitor amigo, seguindo-me, especialmente o compatriota que, nas mesmas condições e ausência da terra querida, recorda saudoso, de lugares distantes aonde a luta pela existência igualmente o levou, talvez já na tenra mocidade e apenas abandonados os bancos da escola, esses inesquecíveis primeiros passos da vida tentados à volta do berço, peripécias da meninice que ficam para sempre gravadas na

alma; lembranças ternas e apetecidas do cantinho do lar carinhoso, das leiras e dos campos com seus beirais guardados de árvores, com seus frutos saborosos, de lugares sóbrios de beleza artificial, mas de uma paisagem e cor naturais que não morrem nem se apagam ao contacto com as mais fortes emoções que a vida adulta reserva a todos quantos mais tarde entram no convívio com as grandes maravilhas e as mais sedutoras tentações e deslumbramento das cidades monumentais — as recordações da infância jamais desaparecem!

O quadro simples e parcimonioso da nossa aldeia natal, animado da vida e cor em que se deixa na hora solene de uma primeira e longínqua despedida, está sempre presente e vivo através da longa odisseia de cada um e em meio da variedade e das maiores distrações a que ao longe possa submeter-se.

Quantas vezes não serve de encorajamento e exaltação moral em momentos de desânimo, a despertar brio e emulação, a lembrança do torrão pátrio aonde cada um alimenta a esperança de voltar dignificado e honrado do meio cosmopolita em que decorre a sua vida?

Foi com particular atenção pelos que vivem retirados do ambiente em que nasceram e se criaram, sem que o destino lhes permitisse continuar a gozar as delícias de uma situação estável, fixando-se ao beiral do ninho paterno e no prosseguimento das tradições familiares de seus maiores, a grangear um herdado património que não comportava a permanência dos filhos do casal desnecessários ao seu amanhã, e por isso tiveram de submeter-se às duras condições do emigrante, com todos os riscos e interrogações de uma mudança brusca e suas alternativas, vicissitudes da vida que se vão encadeando sob os olhares da Providência e só Ela passa a suprir em relação a muitos e pela vida fora a natural protecção daqueles primeiros desvelos paternos. Foi para estabelecer e reatar com estes, que não tiveram tempo de formar um juízo e consciência dos incomparáveis valores tradicionais a que não podem nem devem renunciar, em sua legítima parte e em todo o lugar deles se orgulhem e os façam valer, um novo traço de união e revigoração do amor pátrio — para que melhor conheçam os gloriosos pergaminhos

da sua terra natal, se empreendeu este trabalho de história local.

Com efeito, o número dos que em terra estranha têm de dignificar e honrar a sua pátria é grande e imenso; incomparável aos que nela ficaram e conjuntamente na obrigação de conservarem aceso o lume e calor dos herdados brios tradicionais de seus maiores. Para que uns e outros os guardem e preservem da decadência, indispensável é que o melhor possível se integrem de seus reais merecimentos, se mantenha e aperte entre uns e outros uma ligação — eis aqui as prerrogativas, razão de ser, transcendência e valor da Monografia.

* * *

Vem, como em devido lugar se referiu, de uma profundidade quase insondável a existência destas paróquias.

Atravessaram os tempos bárbaros e visigóticos, vingaram resistir, não sem grande probação e sofrimento, mercê, porém, de circunstâncias topográficas naturais; quando em muita outra parte o elo da vida religiosa e social se sentiu esfrangalhado, à aluvião das hordas sarracenas, até que se empenharam a sério na Reconquista Cristã, o que lhes permitiu a sua funda e segura organização, uma unidade de princípios e interesses afins, instituição criada em torno da igreja *matriz* de que todos se reconheciam filhos e defensores — *fregueses* — prova irrefutável de que o bom entendimento e a disciplina das instituições são, desde o modo de viver longínquo das mais insignificantes populações, o mais seguro elemento da vitória e da paz, da ordem, estabilidade e progresso social.

Vem de muito longe, a colocar pedra sobre pedra, a reedificar, restaurar e ampliar, actualizando em tamanho e estilo o pequeno e primitivo edifício da igreja aldeã, à volta da qual sempre giraram todos os movimentos e actos mais solenes da vida de populações fervorosas, esta série de gerações sem conta e que se revezam, esforçando-se por deixar, sem mostras de egoísmo, umas às outras um conjunto de condições cada vez mais desafio-



Igreja de Vilela — O marco miliario. Interior da capela do lugar do Pinheiro.

gadas e de modo a tomar às que lhes sucedem a vida melhor e mais apeteçida, mas não pode afirmar-se que as almas do século XX sejam mais felizes que as que as precederam mesmo de muitos séculos. Deus tem para todos a sua quota parte de exprobações e sacrifícios.

Antecedem de muito longe a fundação de nacionalidades de que há muito se escrevem páginas heróicas e para que contribuíram com o melhor do seu *tributo de sangue* e heroísmo que as antigas crónicas não alcançaram, conquistando e desbravando possessões longínquas, aonde agora e em condições de melhor clima e sociabilidade vão estabelecer-se os filhos; missionaram e civilizaram em tempos que as respectivas populações eram incomparavelmente mais compactas e melhor ordenadas de *clero, nobreza e povo*, na perfeita unidade e concórdia que constituiu o segredo e verdadeira razão da sua força, mas que a malícia da degenerescência histórica foi cavando e metendo em intriga, até abrir brecha e prostrar em ruína essa mesma trindade que foi o seu melhor predicado e ornamento, antes que tudo se reduzisse à simples degradação e genérica designação de *povo*.

E, não obstante a tão longínqua existência destas paróquias, núcleos fundamentais da vida da Nacionalidade, na escala ascendente da sua orgânica política e administrativa, só agora chegou a vez de se lhes fazer verdadeiramente a história, superficial, quanto é certo que cada uma das freguesias de modo geral dispõe de elementos e importância para uma monografia privativa; e tempos não-de chegar que assim sucederá.

Guarda cada uma em seus escrínios o que ainda lhe resta de suas antigas vitualhas e dia a dia surgirá mais um fanático ou um carola por estas coisas do passado e nelas poderá mais uma vez acorrentar o entusiasmo dos interessados, prender a atenção mesmo dos indiferentes; e Deus queira que assim aconteça.

Sinto-me na rigorosa obrigação de agradecer aos Rev. mos Párcos, digníssimos sucessores de outros tantos e muitos mais que presidiram aos destinos de populações rurais, a manter sempre aceso o fulgor da sua vida espiritual, a ministrar a cada um e desde as águas lustrais do baptismo aqueles ensinamentos e princípios que

para sempre se radicam na alma, dignificam e devem nortear a vida de todo o individuo onde quer que se encontre, a generosa faculdade de consulta de arquivos e elementos que tornaram possivel esta monografia e mais a abrilhantaram em sua mesma modestia e simplicidade.

Ao carissimo leitor agradeço a paciência de me relevar longos e talvez fastidiosos arrazoados.

A todos, muito obrigado.

Constituição heráldica das armas do Concelho

O edifício em pé, trata-se de aplicar-lhe na fachada o distintivo ou emblema conveniente.

Há menos de cinquenta anos, vilipendiado e considerado odienta recordação que era preciso eliminar por mesquinha futilidade; mutilado, apeado de seus devidos lugares, já hoje o culto do *brasão* é nota palpitante de que a moderna mentalidade, de tão transviada que andou, de novo procura os verdadeiros rumos históricos e reconhece que o presente e o futuro são de todo e absolutamente inseparáveis de um passado glorioso, garantido por perto de oito séculos de história.

O brasão recorda as façanhas da heróica cavalaria medieval; finalmente foi um legítimo adereço da nobreza e da fidalguia, em que esta se revia como em livro aberto, pelas razões do mérito, títulos que mantinha e sangue ardente e batalhador de seus maiores.

Já não há hoje colectividade ou agremiação que não ostente a sua insígnia ou brasão, mesmo entidades particulares que não reconheçam a vantagem do seu uso. Ao alcance de todos, nesta curiosa evolução que traz o tempo, a escolha de uma legenda, divisa ou marca de posse, cada qual segundo a sua mística. o caso revestiu-se de tamanha variedade e tão vasta amplitude, que prepara largo campo de estudo aos futuros cultores da heráldica e do ex-librismo.

Assim é que, de modo geral, cada concelho tem as suas *armas*, de que usa em sua bandeira, selo, carimbos, e sinete, por timbre em seus papeis e impressos.

Por exposição de 17 de Fevereiro de 1949, a Câmara de Amares dirigiu-se à Associação dos Arqueólogos Portugueses, no sentido de que ao abrigo das atribuições que lhe são conferidas pelo n.º 14 do art. 48.º do Código Administrativo, fosse o concelho dotado de *brasão de*

armas e bandeira própria, que não possuía.

E por não «reconhecer, então, quaisquer outras tradições históricas em que pudesse basear essa pretensão, a não ser o facto digno de menção, e era do nascimento de Gualdim Pais na povoação de *Marecos* que tinha dado origem a Amares, propunha-se adotar o brasão que, segundo um desenho que apresentava, delineado com base na descrição que dele fez Frei Manuel de Santo António no *Thesouro da Nobreza das Famílias Gentilicas do Reyno de Portugal*, ou fosse a cópia do que se encontra neste manuscrito iluminado, o n.º 5, a pag. 174, e descrito no tomo anexo, nestes termos: *Em campo azul nove lisoujas (losangos) veiradas de oiro, e contra-veiradas de vermelho em tres pallas. Timbre hum pavão de sua cor*».

Além do que, quanto à relação que Amares tem com Marecos, e já foi esclarecido em capitulo próprio, sem que de novo se pretenda ferir essa nota, não se reparou no que o mesmo referido autor e «reformador do Cartório da Nobreza» acrescenta sobre o título de *Paes*, querendo significar que tal apelido em D. Gualdim era simples patronímico, isto é, derivado do nome próprio do pai e foi ele D. Paio Ramires, avô D. Ramiro Aires, bisavô D. Aires Carpinteiro, ... família distinta nesse período heróico da história pátria pelo qualificativo de *Ramirões*; que esse dito brasão foi concedido já em 1666 a certo cidadão de Lisboa e que possivelmente nada tinha de comum com a linhagem do Mestre.

Com efeito, em tempo de D. Gualdim cuidava-se apenas de praticar as proesas que mais tarde haviam de esmaltar o campo dos escudos, constituir as prosápias de que depois haviam de orgulhar-se as famílias ilustres. O brasão é sucessor do escudo, arma simplesmente defensiva que o guerreiro sustinha no braço esquerdo, enfiando-o por entre duas correias fixas e transversais e destinava-se a proteger-lhe o corpo na luta, defendendo-o dos golpes do adversário. Então os escudos eram brancos ou lisos; o de D. Gualdim teria, quando muito, a cruz patasca, como se observa no respectivo monumento, ou a da sua ordem, de quatro braços sendo mais extensos os sub-postos.

Seguiu-se «parecer» apresentado pelo marquês de São Paio à referida Comissão de Heráldica e Genealogia, o qual considerava inaceitável, e com toda a razão, a sugestão proposta pela Câmara — de que em seu brasão figurassem as armas da família «Pais».

E, abandonando-se inteiramente qualquer fundamento de ordem ou mística histórica, decidiu-se que fossem constituídas da seguinte forma.

Armas — *De prata, com uma oliveira arrancada de verde...*

... A pedido da Câmara e em sessão de 15 de Junho de 1951 sobre o parecer aprovado em 9 de Agosto de 1949, foi a oliveira substituída por uma laranjeira, por esta representar melhor que aquela a produção local. Ficaram:

De prata, com uma laranjeira arrancada de verde, frutada de ouro, entre duas espigas de milho de ouro, folhadas de verde, em chefe, dois cachos de uvas de púrpura, folhadas de verde. Coroa mural de quatro torres de prata.

Bandeira — *De verde, com as armas no centro, encimadas por coroa mural de prata, de quatro torres, e por baixo do escudo, um listel branco com a palavra Amares de negro. Haste e lanças doiradas. Cordões e borlas de verde.*

Selo — *Circular, tendo ao centro as peças das armas sem indicação dos esmaltes. Em volta, dentro de círculos concêntricos, os dizeres: Câmara Municipal de Amares.*

* * *

Fora as cores naturais e os metais, que na arte da armaria se designam por *esmaltes* e têm o seu simbolismo, a prata do campo do escudo simboliza a beleza e a ingenuidade, a lealdade e a franqueza,— tudo o mais é de carácter puramente materialista, relativo às fontes de riqueza regional.

Ficou deste modo desprovido de qualquer significado histórico o brasão de armas de um município, cuja história, agora conhecida, lhe poderia ministrar os melhores elementos e motivos para uma magnífica combinação de na-

tureza heráldica.

Desde o poderoso contributo que prestou à causa da Reconquista e fundação da Nacionalidade pela influência de Vasconcelos e Machados, à presença e memória do insigne vate das Letras nacionais—o grande Sá, que tudo se liga e ordena como enlaçou em família; onde os respectivos solares armoriados se erguem a falar disso mesmo, e a quem pode entendê-los, pelos recantos das aldeias sossegadas, que melhor fonte de inspiração histórica para uma magnífica e original concepção das «armas» do concelho de Amares?!

Mas não vamos mais longe; e, já que se tratou de ba-seá-las na principal produção da terra, não é verdade que em princípio ela se deve à reconhecida iniciativa do antigo senhor de Entre-Homem e Cávado, *D. Manuel Machado*, de Castro de Carrazedo, que de seus senhorios da Lousã mandou trazer aqui, por terra e por mar, as laranjeiras e as oliveiras e consta ter sido ele o primeiro que ensinou a plantá-las na província do Minho?

Dívida de gratidão! Partia-se ao menos o escudo em pala e numa delas figuravam as armas do seu antigo, providente donatário, tanto mais que, como já se acentuou, os Machados governaram aqui durante mais de 400 anos; na outra os emblemas da riqueza natural de que foi ilustre promotor.

Supre esta falta, bem patente e manifesta, a inclusão das armas dos Machados no frontispício destes livros. Juntou-se-lhes, por simples fantasia heráldica, a «águia» dos Azevedos, antigos donatários de Terras de Bouro.

Termino, com esta justificação.





Рис. А. С. И. Б. О.